

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ALINE KAREN MATTÉ

**PRAZERES VELADOS E SILÊNCIOS SUSPIRADOS**

SEXUALIDADE E CONTRAVENÇÕES NA REGIÃO COLONIAL ITALIANA

(1920-1950)

PORTO ALEGRE

2008

ALINE KAREN MATTÉ

**PRAZERES VELADOS E SILÊNCIOS SUSPIRADOS**

SEXUALIDADE E CONTRAVENÇÕES NA REGIÃO COLONIAL ITALIANA

(1920-1950)

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ORIENTADORA: DRA. NÚNCIA SANTORO DE CONSTANTINO

PORTO ALEGRE

2008

*Aos protagonistas dessa história.*

## AGRADECIMENTOS

\*Aos meus pais, Eduardo Matté e Salete Matté, por suportarem minhas crises e meu mau-humor durante a realização do trabalho, e também por darem todo o suporte necessário para que aos 22 anos eu pudesse estar concluindo uma dissertação de mestrado.

\*Aos meus colegas da UCS por sempre estarem ao meu lado, elogiando e incentivando meu trabalho, principalmente: Cláudia Fin, Lucas Caregnato e Bolívar Kieling.

\*Aos amigos que conheci durante o Curso de História na UCS, os quais pretendo ter sempre por perto, seja para rir ou chorar, para falar besteira ou coisas sérias: Fran Boeira, Caren Daiane, Helen Dutra, Araceli Consoli, Tiago Brisoto e Ramon Tisott.

\*Ao colega de mestrado, de pesquisa, de dúvidas, de esclarecimentos, de festas, de tragos e de risadas: Fabrício Romani Gomes.

\*Aos colegas da PUC, que se tornaram meus amigos e fizeram parte dessa jornada de dois anos: Ione, Mônica, Marcelo e Dilza.

\*À Marlise Aguiar por ter sido uma pessoa maravilhosa e prestativa, oferecendo pouso toda vez que precisei ir a Porto Alegre, e que além disso fez muita festa, tomou muito chimarrão e deu muita risada comigo.

\*À Tefa Polidoro minha grande amiga, atriz maravilhosa e parceira em momentos indescritíveis.

\*Ao César que mesmo estando a pouco tempo na minha vida está me tornando uma pessoa melhor e me fazendo muito feliz.

\*Ao meu irmão Gustavo por ter me emprestado seu “precioso” computador sempre que necessário, mesmo que sob ameaças.

\*À minha tia Márcia Valduga por ter me incentivado a ser professora, mesmo sabendo dos diversos problemas que a profissão me reserva. E também por ter me presenteado com a câmera digital que tornou a pesquisa muito mais fácil.

\*Aos professores da Graduação: Artur Barcellos e Luiza Iotti por terem sido compreensivos e incentivadores.

\*À professora Rejane Jardim, minha grande amiga, parceira em projetos profissionais e cotidianos.

\*À professora Loraine Slomp Giron, minha orientadora nos projetos de pesquisa durante quase dois anos, principal responsável pelo meu interesse na pesquisa histórica. Agradeço-lhe muito por ter acreditado no meu potencial.

\*A meus avós, Alziro Valduga e Ernestina Valduga, que além de despertarem desde criança meu interesse pela história, contribuíram para a realização deste trabalho fornecendo-me depoimentos.

\*À minha avó Ada por ter sido também uma das depoentes, por ter me auxiliado em fases difíceis da minha vida e por ter sempre um chocolate em mãos para resolver qualquer tipo de decepção.

\*A todos os outros depoentes que de bom grado contribuíram para a pesquisa.

\*À Sandra, do Arquivo Municipal João Spadari Adami, que me auxiliou a procurar documentos e foi ótima companhia nas tardes de pesquisa no Arquivo.

\*À professora Núncia Santoro de Constantino, que me orientou neste trabalho e foi paciente e inspiradora em todos os momentos da realização da pesquisa.

“Basta olhar algo com atenção para que se torne interessante.”  
(Eugênio D’Ors)

## **RESUMO**

A Região Colonial Italiana tem origem na política de colonização implantada pelo governo imperial brasileiro no final do século XIX. Nesta dissertação, pretende-se abordar e analisar algumas das lacunas referentes à história dessa região, principalmente as alusivas à sexualidade. Para isso, priorizou-se a interpretação da origem do forte discurso moralizante católico que construiu na memória do habitante dessa região a idéia de um cotidiano regrado e intransigente no que diz respeito ao sexo. Posteriormente, objetivou-se demonstrar as práticas sexuais contraventoras dessa moral, apresentando a sexualidade habitual, em contraponto à sexualidade discursiva. Por fim, apresentou-se a prostituição nessa região, comprovando a realidade das transgressões das normas católicas e institucionais relativas ao sexo.

**Palavras - chave:** sexualidade; contravenções morais; Região Colonial Italiana; moral sexual católica.

## **ABSTRACT**

The Colonial Italian Region began with the colonization policy introduced by the Brazilian imperial government in the end of the 19<sup>th</sup> century. This dissertation pretends to analyze some of the gaps concerning the region's history, mostly the ones relating to sexuality. About that, was prioritized the interpretation of the origin of the strong catholic speech that built in the region's inhabitant memory the idea of a daily intransigent and full of rules about sex. Subsequently, it was aimed to demonstrate the sexual practices that broke these moral rules, presenting the usual sexuality, in contrast to the discursive sexuality. Finally, it was presented the region's prostitution proving the reality of transgression of institutional and catholic's rules concerning sex.

**Key-words:** sexuality; moral transgression; Colonial Italian Region; catholic's sexual morality.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da Região Colonial Italiana.....	11
Gráfico 1 – Origem dos imigrantes italianos com destino ao RS.....	28
Gráfico 2 – Valores da identidade regional.....	32
Gráfico 3 – Lazer do colono segundo as obras de família.....	40
Gráfico 4 – Número aproximado de missionários no RS em 1910.....	46
Figura 2 – Foto do baile de carnaval em Antônio Prado no ano de 1926.....	68
Figura 3 – Foto do <i>Footing</i> na Praça Dante Alighieri na década de 1930.....	69
Figura 4 – Foto de um piquenique na chácara do Dr. Rômulo Carbone em 1925.....	70

## LISTA DE SIGLAS

RCI – Região Colonial Italiana

AMJSA – Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

CRMJ – Centro Regional de Memória do Judiciário – Comarca Caxias

UCS – Universidade de Caxias do Sul

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

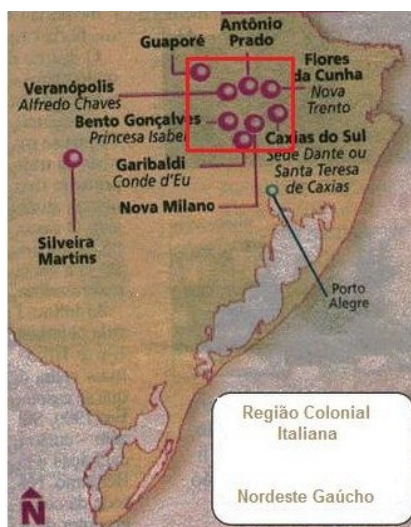
## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. ENTRE A CRUZ E A ENXADA: A MORAL CATÓLICA E A IDENTIDADE REGIONAL.....	26
2.1. IDENTIDADE E DIFERENÇA: QUESTÕES TEÓRICAS.....	26
2.2. IDENTIDADE REGIONAL: CONSTRUÇÕES E DESCONSTRUÇÕES.....	30
2.3. O VALOR DA FÉ E O TRABALHO.....	35
2.4. O VÉU DA MORAL SEXUAL.....	38
2.5. OS MITOS.....	43
2.6. O DISCURSO MORALIZADOR.....	49
3. OS SILÊNCIOS SUSPIRADOS: A SEXUALIDADE E AS CONTRAVENÇÕES.....	63
3.1. OS SILÊNCIOS.....	67
3.2. OS SUSPIROS.....	74
3.2.1. O QUE FAZIAM AOS DOMINGOS?.....	75
3.2.2. A ESCOLA DE DIVÓRCIOS: O NAMORO ESCANDALOSO.....	81
3.2.3. CONTRACEPÇÃO E ABORTO.....	86
3.2.4. O MATRIMÔNIO SEM MÁSCARAS.....	93
3.2.5. CRIMES CONTRA A PUREZA: DEFLORAMENTOS E ESTUPROS.....	101
3.2.6. SEXUALIDADE OBSCENA.....	108
4. PRAZERES VELADOS: A NOITE E A PROSTITUIÇÃO.....	114
4.1. A TRINDADE DO MAL NA REGIÃO COLONIAL ITALIANA.....	114
4.2. ESPAÇOS.....	119
4.3. PERSONAGENS.....	128
4.4. ZONA PROBLEMÁTICA.....	144
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	158
7. ANEXOS. ....	165

## 1. INTRODUÇÃO

O território do Rio Grande do Sul é um interessante espaço para discussões referentes ao contexto histórico, pois exhibe um mapa onde se encaixam diversas peças de um quebra-cabeça étnico, religioso e social que expressam, sobretudo, a diversidade cultural desse ambiente, o que imprime uma enorme quantidade de abordagens históricas.

Nesse sentido, torna-se necessária a caracterização mais meticulosa do contexto histórico da região sobre a qual se pretende discorrer. O nordeste gaúcho abrange uma área freqüentemente tratada como Região Colonial Italiana. Essa nomeação é significativa, pois refere-se a um passado particular, presente em todos os municípios que hoje fazem parte dessa região.<sup>1</sup>



<sup>1</sup> Fonte: maps.google.com.br (modificado pela autora)

<sup>1</sup>A Região Colonial Italiana era inicialmente formada pelos municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi, pois estes eram derivados das antigas colônias Caxias, Princesa Isabel e Conde D'Eu. Entretanto, com o passar do tempo, novas colônias foram se originando na região devido a crescente população. Assim, surgiram as localidades de Veranópolis (antiga colônia Alfredo Chaves); Flores da Cunha (antiga colônia Nova Trento); Antônio Prado, Guaporé e Nova Milano. Além disso, a antiga quarta colônia de Silveira Martins encontrada na região mais central do Estado, nas proximidades de Santa Maria, também pode ser considerada parte integrante da Região Colonial Italiana.

A formação de colônias no Rio Grande do Sul ocorreu a partir de meados do século XIX. Isso se deve a um projeto imperial brasileiro, inicialmente preocupado com a ocupação de terras devolutas em pontos estratégicos e com a idéia de formação de pequenas propriedades rurais que pudessem auxiliar com sua produção para a sustentação de um mercado interno, já que a economia brasileira baseava-se no latifúndio exportador.<sup>2</sup>

Nesse primeiro período de aplicação da política de colonização, o território gaúcho foi visado por ser região fronteira, importante elo geopolítico com os outros países da bacia do Rio da Prata e por possuir ainda grande quantidade de terras devolutas. É nesse contexto que a partir de 1824 começam a chegar os primeiros imigrantes europeus não-lusos às terras sul-riograndenses. Apenas dois anos após a Proclamação da Independência, o projeto imperial já dava seus primeiros passos com o estabelecimento de levas de imigrantes germânicos em lotes coloniais doados pela administração provincial na margem do Rio dos Sinos.

A imigração alemã continuou acontecendo fortemente até o último quarto do século XIX e se mostrou muito bem sucedida<sup>3</sup> aos objetivos imperiais. Segundo *Jean Roche*, às vésperas da Primeira Guerra Mundial os alemães forneciam dois terços da produção agrícola do Rio Grande do Sul.<sup>4</sup>

Outros ensejos foram também se inserindo na política de imigração brasileira, a abolição do tráfico negreiro em 1850 gerou busca de substituição de mão-de-obra nas lavouras de café<sup>5</sup>, o que fortaleceu a vinda de imigrantes ao território nacional. Enquanto isso,

---

<sup>2</sup> GIRON, Loraine Slomp. **Caxias do Sul: evolução histórica**. Caxias do Sul, RS: UCS, 1977. 99p.

<sup>3</sup> Apesar de atender as demandas econômicas do projeto imigratório, a colonização alemã começou a demonstrar alguns problemas relacionados a questões políticas e sociais. Começaram a se desenvolver conflitos políticos pelo poderio local, reclamações em relação à falta de estrutura da colônia, disputas religiosas como a dos Muckers e a Alemanha não se mostrava contente a partir da metade do século XIX com as condições degradantes das viagens dos migrantes ao Brasil. Tudo isso e a dificuldade de assimilação dos alemães em solo brasileiro decorrente da manutenção da língua alemã e religião luterana tornaram o imigrante alemão menos atrativo ao projeto imperial. Era necessário buscar outro modelo de imigrante. Fonte: SILVA, Haïke Roselane Kleber da. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950)**. São Leopoldo: Oikos, 2006. 332p.

<sup>4</sup> ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: O Globo, 1969.

<sup>5</sup> ALVIN, Zuleika M. F.. **Brava Gente!: Os italianos em São Paulo (1870-1920)**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 189p.

no sul, a Lei de Terras, promulgada em 1850, mesmo ano da extinção do tráfico negreiro, propunha que as terras não deveriam mais ser doadas e sim vendidas, podendo ser pagas em um prazo de cinco anos, que muitas vezes era expandido<sup>6</sup>, gerando assim mais valores aos cofres imperiais.

Além disso, outro motivo, pouco discutido<sup>7</sup>, porém latente, que acabou sendo agregado à imigração europeia para o Brasil, é a questão referente ao tema racial, que se baseava na vertente científica traduzida como “tese do branqueamento”<sup>8</sup>, a qual acreditava na supremacia da raça branca, podendo a raça negra ser suprimida em longo prazo. Isso era muito importante para a elite racista luso-brasileira que atribuía os problemas referentes ao progresso econômico e social do Império aos afro-brasileiros. No caso do Rio Grande do Sul esta corrente também teve bastante reconhecimento, segundo *Iotti*, a “melhora da raça”<sup>9</sup> influenciou a imigração para o RS e era ponto chave das discussões da elite interessada.

A partir de 1875 inicia-se o processo migratório italiano para o Brasil. A Lei do Ventre-Livre de 1871 e os movimentos abolicionistas incentivaram o grande contingente

---

<sup>6</sup> IOTTI, Luiza Horn. **O Olhar do Poder: A imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1885 a 1914, através dos relatórios consulares**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996. 165p.

<sup>7</sup> A idéia do branqueamento como uma das causas da imigração vem sendo estudada mais recentemente. Pode-se citar como obras importantes nesse contexto: AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004; DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004; HOFBAUER, Adreas. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>8</sup> A “tese do branqueamento” - segundo Skidmore - “baseava-se na presunção da superioridade branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos raças ‘mais adiantadas’ e ‘menos adiantadas’ e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata.” A suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro - a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo - a miscigenação produzia ‘naturalmente’ uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas. SKIDMORE, Tomas E.. **Preto no Branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 328p. Além de Skidmore, ainda em 1965 Néelson Werneck Sodré, ao se dedicar ao estudo da obra de Silvio Romero, também explica algumas questões referente a “tese do branqueamento”. “Em sua análise sobre o pensamento de Silvio Romero, Néelson Werneck Sodré, atentou-se principalmente para a questão da reprodução das idéias europeias no contexto brasileiro. Para este autor, a repetição de idéias, cujo teor provinha de uma análise de condições climáticas e raciais, favorecia a submissão do pensamento brasileiro a uma política colonialista.” Fonte: MARTINS, Maro Lara. **Política, raça, caráter nacional e literatura: um debate a cerca das chaves interpretativas romerianas**. IN: *Achegas: Revista de História Política*. Nº 32. Dezembro de 2006. ISSN: 1677-8855. p. 23.

<sup>9</sup> IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e poder: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)**. 308 f. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2003;

migratório desse período destinado ao sudeste e centro-sul cafeicultor;<sup>10</sup> já no território sulino o objetivo maior era a ocupação do nordeste gaúcho que facilitaria o trânsito e as negociações comerciais entre as regiões meridionais e o resto do território brasileiro.

A situação da Itália recém unificada em 1870, um país que encarava graves crises econômicas e sociais, e as difíceis condições enfrentadas por sua população rural, fez com que diversas levas de imigrantes italianos buscassem em território brasileiro e outros locais da América uma nova vida.

As terras onde se estabeleceram as colônias de Conde D’Eu, Dona Isabel e Caxias eram regiões relativamente afastadas dos centros urbanos existentes na província. Os lotes eram previamente divididos e caminhos os ligavam com as sedes coloniais. Devido ao afastamento e inexistência de núcleos urbanos ainda na região, a infra-estrutura nos períodos iniciais era precária e a organização das propriedades se dava através do trabalho da família e utilização das matérias-primas abundantes.

A imposição de que os imigrantes deveriam ser agricultores obteve cumprimento majoritário, entretanto destaca-se outra realidade que provavelmente ajudou no desenvolvimento urbano da região. Segundo *Maria Abel Machado*:

“A grande maioria dos que se radicaram em Caxias do Sul era realmente de agricultores, cerca de 85%, mas conforme é possível constatar no Mapa Estatístico da Colônia Caxias, de 1884, vieram imigrantes de várias outras profissões que se estabeleceram na sede da Colônia, conhecida como Sede Dante.”<sup>11</sup>

Apenas quinze anos após o início da colonização, Caxias já se tornara a sede administrativa da região colonial. Desde os primeiros tempos as dificuldades iniciais eram vencidas com soluções forçadas pelo isolamento<sup>12</sup>. A busca por estradas, mesmo que

---

<sup>10</sup> Ibidem 9.

<sup>11</sup> MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade: História de Caxias do Sul – 1875/1950**. Caxias do Sul: Maneco, 2001. 329p. P. 61

<sup>12</sup> A questão do isolamento é ainda discutível para alguns autores. Segundo Stormowski, “as colônias não estavam 'isoladas', já que, mesmo em ritmo mais lento do que o esperado e com algumas interrupções, os

precárias, o desenvolvimento de um comércio e a gênese da indústria regional foram baseadas em soluções práticas aos problemas enfrentados diariamente e à adaptação ao novo ambiente, sem deixar de aproveitar os conhecimentos já trazidos da velha pátria, relacionados às práticas comerciais e ao artesanato.<sup>13</sup>

Ainda nesse período Caxias já contava com a presença de diversas empresas, referentes a três ramos principais: vinícola, madeireiro e tritícola. Essa produção era comercializada com a ajuda dos tropeiros provenientes principalmente dos Campos de Cima da Serra.<sup>14</sup> O comércio foi desenvolvido com a instalação da Estrada de Ferro, em 1910. Dessa forma, os comerciantes acumularam capital no final do século XIX e início do XX. Os industriais também foram favorecidos e suas atividades cresceram e se diversificaram, contando com produção inclusive do ramo dos alimentos e metalúrgica.<sup>15</sup> De 1910 a 1920 algumas das mais importantes indústrias e casas de negócios da cidade foram criadas. O crescimento sócio-cultural da região acompanhava esse progresso econômico.

Em 1930 Caxias já constituía o grande centro urbano da Região Colonial Italiana, contando com diversos estabelecimentos comerciais, indústrias, farmácias, hospitais e escolas. Reflexo disso pode-se considerar o crescimento da exposição de produtos agrícolas, elevada a categoria de festa em 1931<sup>16</sup>, que tinha como principal objetivo interligar a economia local com o resto do país.

Esta celebração é a gênese da Festa da Uva, que atualmente ainda constitui importante feira de negócios para a região. Segundo *Ribeiro*, a Festa da Uva surgiu no ano de 1931 como

---

trabalhos de abertura e melhoramento das estradas perduraram durante o período da colonização e permitiram certa integração da região da serra e outras regiões do estado e do país” (STORMOWSKI, Marcia Sanocki. **Crescimento econômico e desigualdade social: o caso da ex-colônia Caxias (1875-1910)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2005.)

<sup>13</sup> GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. **Casas de Negócio: 125 anos de imigração italiana e comércio regional**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001. 317p.

<sup>14</sup> MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem Rosto: operárias de Caxias do Sul (1900-1950)**. Caxias do Sul: Maneco, 1998. p. 40

<sup>15</sup> GIRON, Loraine Slomp. **As Sombras do Littorio – o fascismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: PUCSP (Tese de Doutorado), 1989.

<sup>16</sup> MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade: História de Caxias do Sul – 1875/1950**. Caxias do Sul: Maneco, 2001. 329p. P. 239.

uma feira de amostras de uvas e vinhos, denominada de “Festa das Uvas”, realizada nas dependências do Clube Recreio da Juventude. Esta feira tinha como objetivos principais tornar acessível aos produtores do ramo os novos conhecimentos da atividade, expor os produtos da vitivinicultura da serra a compradores e visitantes.<sup>17</sup>

A celebração de 1931 teve alto grau de aceitação, servindo de estímulo para a realização de uma nova festa no ano seguinte, a qual foi melhor organizada, contando com espaço próprio para a exposição e realização de um curso alegórico. A partir daí a festa vai ocorrendo sempre com sucesso, às vezes com mudanças em sua estrutura.

Para *Ribeiro*, a celebração foi adquirindo outros significados, a questão da identidade regional tem importância central nesses significados:

“uma vez aceito o princípio interpretativo proposto por Cohen (1978) segundo o qual todos os grupos sociais utilizam estratégias simbólicas com o objetivo de auto-representação, (na qual, eventualmente, se inclui a valorização da origem ou a descendência), (...) cabe verificar a existência de procedimentos ou estratégias organizadas de sorte a promover e valorizar a presença de um dado grupo étnico, como parte do processo de construção de sua identidade no conjunto das sociedades gaúcha e nacional, no caso os imigrantes italianos e seus descendentes e a celebração da Festa da Uva.”<sup>18</sup>

Além de dedicar-se à interpretação dessas representações simbólicas e significados da identidade na região, o tema principal deste trabalho pretende analisar algumas das lacunas históricas constituídas na memória da Região Colonial Italiana e institucionalizadas pela historiografia. Por muito tempo, o povo desta região foi identificado como católico e fiel a essa ideologia, tendo como característica a rígida moral reforçada por essa religião. Este tipo de visão demanda revisão e, por isso, dedicou-se nessa pesquisa a investigação da sexualidade e contravenções existentes nesse espaço, objetivando desconstruir algumas dessas construções e abordar novos aspectos da historiografia regional.

---

<sup>17</sup> RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. **Festa e Identidade: como se fez a festa da uva**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 87-89.

<sup>18</sup> RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. **Festa e Identidade: como se fez a festa da uva**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 91.



A sexualidade sempre foi tratada de forma discreta e pouco comentada na RCI, além de carregar o aspecto de *tabu*<sup>19</sup> que envolve freqüentemente os temas sexuais. A situação da sexualidade no território colonial é ainda mais complexa devido à moral sexual católica e também a construção identitária da cultura regional que se caracteriza fortemente pelo catolicismo e beatismo.

O título do trabalho transparece algumas realidades que pretende-se investigar. Portanto, de forma sucinta, o tema proposto para estudo é a moral sexual católica regional, analisada como prática discursiva e construto identitário e, por fim, as contravenções desta, vistas como acontecimentos cotidianos.

Dessa forma, este trabalho se encaixa no campo da História da Sexualidade. Um campo bastante amplo que vem crescendo gradualmente, principalmente a partir das duas últimas décadas dos anos 90.

A discussão teórico-metodológica que gira em torno da história da sexualidade apresenta três grandes linhas: Uma mais dedicada ao estudo dos discursos sobre a sexualidade, que tem como inspiração a obra precursora de *Foucault*, *História da Sexualidade*<sup>20</sup>; outra que se dedica ao estudo da sexualidade cotidiana, que tem como inspiração a obra de *Gay*, *A educação dos sentidos*<sup>21</sup>; o terceiro caminho a se trilhar e o que vem dominando os estudos nessa área nos últimos anos é uma união dos dois aspectos, o discurso e a prática. O presente estudo inspirou-se nessa última forma de abordagem.

As principais justificativas para a realização de tal estudo são de duas naturezas. A primeira delas diz respeito à necessidade de obras com um caráter revisionista da historiografia regional tradicional<sup>22</sup>. A historiografia tradicional apresenta lacunas

---

<sup>19</sup> Neste caso, utiliza-se o sentido mais amplo da palavra definindo tudo aquilo que é convencionalmente evitado ou proibido, especialmente por motivos religiosos ou morais.

<sup>20</sup> FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

<sup>21</sup> GAY, Peter. **A educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>22</sup> A Historiografia tradicional regional é marcada pelos álbuns de comemorativos de 75 anos de imigração em 1950 (Álbum Comemorativo e Documentário Histórico do Município de Caxias do Sul) e pela chamada geração

importantíssimas à reconstrução das diversas memórias de uma comunidade. E é isso que acontece em relação à história da Região Colonial Italiana.

A questão da sexualidade é uma dessas lacunas, que merece uma dedicação especial, visto que são poucas as obras<sup>23</sup> que tratam do tema e as que o abordam o fazem de forma superficial. Outro motivo relevante a que se deve a investigação é a de uma demanda de estudos que tratem da identidade regional. Obviamente que este se fará mais direcionado à caracterização “beata” e “católica” da identidade regional, entretanto este tipo de interpretação merece maiores análises e esclarecimentos já que ainda são recentes as primeiras produções sobre esse aspecto<sup>24</sup>.

Além dessas observações é válido ressaltar que o trabalho de pesquisa foi bastante interessante, servindo para reavaliar também as fontes da história regional, utilizando-se das mais diversas, sem delimitações. Assim, pode-se reconstruir também uma revisão da questão do envolvimento do historiador da RCI com as fontes, aproveitando-se de algumas que eram raramente pesquisadas. Segue abaixo a lista dos documentos empregados para a escrita da dissertação:

a) **Fontes orais:** Pesquisou-se nos depoimentos depositados no *Arquivo Municipal João Spadari Adami*, disponíveis em seu *Banco de Memória*, que conforme os integrantes do arquivo é definido da seguinte forma:

“ (...) registra, através da história oral, a trajetória da cidade em suas diferentes manifestações. O conteúdo narrativo da entrevistas engloba desde

---

de 1975, quando diversos estudiosos da região publicaram obras históricas impulsionados pelo centenário da imigração. Dentre estes destacam-se: Olívio Manfroí, Luis De Boni e Rovilio Costa.

<sup>23</sup> As duas principais que dedicam-se especificamente ao tema são: VANNINI, Ismael Antonio. **O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no RS: Vannini (1906-1970)**. Passo Fundo: UPF; Porto Alegre: EST, 2004./ GIRON, Loraine Slomp. **O Som do Silêncio: sexo e prostituição na colônia**. IN: Coletânea Cultura e Saber/UCS. V. 3, n.2, Caxias do Sul: 1999. (p. 117 a 134).

<sup>24</sup> Destacam-se nessa produção: GIRON, Loraine Slomp. **Identidade: Região e Valores**. IN: RADUNZ, Roberto (org.); GIRON, Loraine Slomp (org.). **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. 232 p. / POSSAMAI, Paulo Cesar. **Dall'Itália siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875 -1945)**. Passo Fundo: UPF, 2005.

a história regional e suas inter-relações com a sociedade brasileira até atividades que enfocam o cotidiano de sua população, tais como organização familiar, relações de trabalho, hábitos e costumes. O acervo, bastante representativo por abranger vários segmentos sociais, constitui-se de depoimentos registrados em fitas audiomagnéticas e respectivas transcrições.<sup>25</sup>

Além disso, Produziu-se seis depoimentos que foram arquivados no Laboratório de História Oral da PUC-RS. As pessoas entrevistadas foram as que viveram sua infância e juventude na RCI, principalmente na zona urbana e rural de Caxias do Sul, no período de 1920 a 1950. Essas entrevistas são temáticas, tendo como enfoque principal a sexualidade, sublinhando namoro, casamento, virgindade, menstruação, contraceptivos, abortos, adultérios, homossexualidade, zoofilia e pedofilia.

b) **Jornais:** Muitos dos acontecimentos referentes a crimes sexuais e prostituição aparecem nas páginas da imprensa regional no período de 1920 a 1950. Para desvendar essas informações foram pesquisadas diversas dessas publicações: *Jornal O Regional*, da década de 1920 a 1930, período de seu funcionamento; *Caxias-Jornal*, referente ao período de publicação na década de 1930; *Jornal O Momento*, levantamento feito de 1930 a 1950; *Jornal O Pioneiro*, a partir de seu início em 1948 até o ano de 1955 e o periódico católico *Correio-Riograndense*, no qual foi feito levantamento de acordo com o recorte temporal da pesquisa, ou seja, de 1920 a 1950.<sup>26</sup>

c) **Processos e Relatórios Policiais:** Foram pesquisados no *Centro de Memória Regional do Judiciário* e no *Arquivo da Polícia Civil* de Caxias do Sul alguns processos e relatórios referentes a crimes de defloração, sedução, estupro e lenocínio. Além disso, também foram investigados documentos deste tipo que trouxessem informações sobre a zona

---

<sup>25</sup> [WWW.caxias.gov.rs.br](http://WWW.caxias.gov.rs.br) / Secretaria Municipal da Cultura: Departamento de Memória e Patrimônio Cultural – Arquivo Histórico João Spadari Adami: Banco de Memória – História Oral.

<sup>26</sup> Maiores informações sobre a imprensa regional e o histórico político e ideológico de todos esses periódicos podem ser encontradas na obra: POZENATO, Kenia Maria Menegotto (org.); GIRON, Loraine Slomp (org.). **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

do meretrício caxiense, principalmente os que envolvessem crimes praticados nas casas de tolerância e pensões desse espaço.

d) **Guia Espiritual do Imigrante Italiano:** Este livro, publicado em 1978 pelos missionários Scalabrinianos, delimita alguns temas e fornece informações sobre a maneira que o imigrante italiano deve se portar seguindo a moral católica. O documento serviu para caracterizar alguns aspectos da dita moral.

e) **Livros de Impostos sobre Indústrias e Profissões:** Foi realizado um levantamento nesses livros encontrados no Arquivo Municipal João Spadari Adami no período de 1920 a 1940, buscando referências sobre as pensões não familiares, cabarés, salas de jogos e de bailes e casas de banho para que pudesse ser montado posteriormente um mapa contendo a localização desses ambientes.

f) **Acervo fotográfico do AMJSA:** Nesse acervo foram investigadas as fotografias relativas a festividades, bailes, namoro e sexualidade. Dessa forma, foram selecionadas algumas poucas, porém significativas imagens nesse sentido.

g) **Lei nº 370:** Este documento foi encontrado no arquivo virtual da Câmara dos Vereadores de Caxias do Sul. Datado de 1951, ele foi importante para esclarecer algumas questões referentes à localização da zona de prostituição da cidade.

i) **Relatórios dos Intendentes:** Nesse caso, utilizou-se somente o documento correspondente ao período administrativo decorrido de 12 de outubro de 1924 a 31 de dezembro de 1925, apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente Dr. Celeste Gobatto. Este documento foi encontrado no *Arquivo Municipal João Spadari Adami* em Caxias do Sul.

No que diz respeito à metodologia de análise das fontes, buscou-se inspiração nas obras de Ginzburg<sup>27</sup>, com o objetivo de poder trabalhá-las da forma mais completa possível. Percebe-se que os “rastros” da sexualidade podem ser encontrados nas mais variadas fontes.

---

<sup>27</sup> Principalmente nas obras: GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira:** nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Cia das Letras, 2001./ GINZBURG, Carlo. **Relações de força:** história, retórica, prova. São Paulo:Cia das Letras, 2002.

Esses “rastros” serão entendidos aqui como “indícios”, que permitem uma aproximação com a realidade vivida no passado.<sup>28</sup>

Para essa aproximação, buscou-se inspiração no *paradigma indiciário*, proposto por Ginzburg, que consiste em um tratamento intensivo das fontes, onde se deve prestar atenção nos sinais aparentemente insignificantes. Esse tratamento permite “lançar luz, indiciariamente, sobre aspectos escassamente documentados do passado”<sup>29</sup>, e destaca da proposta de micro-história elaborada por Ginzburg, “a combinação entre dados seguros e conjecturas – entre ‘provas’ e ‘possibilidades’ – mediada e autorizada pelo contexto”<sup>30</sup>. Essa combinação contou também com uma parcela de imaginação, definida por Topolsky como uma das condições essenciais à narrativa histórica, juntamente ao domínio da linguagem e dos conceitos.<sup>31</sup>

Posto isso, apresenta-se então a estrutura do trabalho, dividido em três capítulos principais. O primeiro nomeia-se *Entre a cruz e a enxada: a moral católica e a identidade regional*. Nele inicia-se o debate sobre a identidade regional católica e a moral propriamente dita.

Essa primeira parte dedica-se a uma descrição da identidade regional, delimitando suas principais características e origens, onde utilizou-se como embasamento teórico os estudos de *Woodward*<sup>32</sup>, *Hall*<sup>33</sup> e *Barth*<sup>34</sup>. *Woodward*, em seu trabalho, coloca que a identidade resulta do processo de construção e reconstrução de passados míticos e metafóricos; já *Hall* acredita que a identidade costura o sujeito social à estrutura, tornando sujeitos e mundos culturais mais

---

<sup>28</sup> GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. IN: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 177.

<sup>29</sup> LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2006. p. 358.

<sup>30</sup> REVEL, Jacques; Dora Rocha (trad.). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 180.

<sup>31</sup> TOPOLSKY, Jerzy. Metodologia de la Historia. Madri: Cátedra, 1985. p. 472-3.

<sup>32</sup> WOODWARD, Kathin. **Identidade e diferença: introdução teórica e conceitual**. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>33</sup> HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

<sup>34</sup> POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

unidos e estabilizados; para *Barth*, a identidade coletiva se constrói através de processos de inclusão e exclusão definidos pelo passado comum gerado pela memória coletiva.

Dentro desses pressupostos, analisa-se a identidade regional como um construto baseado na diferença étnica, primeiramente, na fase inicial, onde os luso-brasileiros e imigrantes de outros locais da Europa presentes no território gaúcho se mostravam “diferentes”. A partir daí, a identificação entre os italianos deu o primeiro passo. Posteriormente, foi necessário encontrar pontos comuns entre os italianos provenientes de diversas localidades da península italiana, que no momento estava recém unificada e apresentava múltiplas formações culturais regionais. É nessa fase que se constrói a base da identidade regional.

Segundo *Tomaz Tadeu da Silva*,<sup>35</sup> a construção da identidade mais complexa tem como suporte três fatores de identificação cultural: a língua, as representações e o mito fundador. No caso do imigrante italiano e seus descendentes na RCI, o dialeto foi um forte fator de ligação, além da criação do mito fundador do imigrante italiano pioneiro e trabalhador e das representações socioculturais das quais se destaca a religiosidade católica, descrita pela maioria das obras históricas como o fator mais importante, o mais forte elo entre os habitantes da RCI, ou seja, a idéia de gênese da identidade regional baseada no catolicismo de seus habitantes é fortíssima e legitimada pela historiografia.

Feitas essas considerações iniciais e mais teóricas, parte-se para o tema do primeiro capítulo que tem como objetivos desvendar os motivos que levaram o catolicismo a ser o principal elo identitário regional e reconstruir os passos de sua legitimação e fortalecimento, chegando finalmente à caracterização da preponderante moral sexual. Para tanto, utilizou-se diversas obras históricas que transparecem tal discurso e também fontes primárias da imprensa católica e do guia dos imigrantes.

---

<sup>35</sup>SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **.Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos culturais**. Organização de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000

As obras interpretadas são principalmente as escritas nas décadas de 1970, 1980 e 1990, consideradas clássicas para o estudo da região. Dentre os autores destacam-se Rovílio Costa, Olívio Manfroi, Luiz De Boni, Itacir Battistel e Carlos Zagonel.

Como fontes primárias foram feitos levantamentos no jornal católico de maior importância no contexto regional: o *Correio-Riograndense*<sup>36</sup> e o *Guia Espiritual do Imigrante*<sup>37</sup>.

A partir desses dados, então, pretende-se destacar dois pontos-chave para a legitimação do caráter “beato” do habitante da RCI: A importância dada pelas obras historiográficas à Igreja Católica, além da identificação do discurso moralizante na imprensa católica, a fim de definir a moral sexual regional.

Portanto, a primeira parte do trabalho pretende, além de demonstrar os alicerces de uma identidade católica na região, mostrar a força do discurso moralizador. Inicia-se, então, o segundo capítulo, no qual aspira-se a revelação de algumas contravenções morais, em contraponto com o aspecto apresentado na primeira parte. Este segundo capítulo nomeia-se *Silêncios Suspirados* e é subdividido posteriormente em mais duas partes: *Os Silêncios* e *Os Suspiros*.

A escolha desta nomenclatura tem um caráter interessante e se fez necessária com andamento da pesquisa. Ao deparar-se com diversos documentos foram ficando visíveis duas condições peculiares referentes à questão da sexualidade na RCI.

Uma delas, que foi então designada de *Os Silêncios*, reporta-se a uma realidade onde impera o desconhecimento do corpo e da sexualidade. O medo dos “castigos divinos” pregados pelos discursos de sacerdotes nos púlpitos e nas seções de confissões, além de uma

---

<sup>36</sup> O Jornal católico Il Colono Italiano publicado desde 1909 funde-se com o também jornal católico Corriere d'Itália em 1921 e passa a se chamar Staffeta Riograndense até 1941, quando é obrigado a ser publicado em português e passa então a chamar-se Correio Riograndense e segue sendo publicado com o mesmo nome até os dias atuais. Referência: COSTA, Rovílio (org.); MOLON, Moacir Pedro(org.); DE BONI, Luis Alberto (org.). **Os Capuchinhos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 1996.

<sup>37</sup> O livro foi publicado em 1878 pelos missionários Scalabrinianos e apresenta como objetivo principal servir de guia moral aos imigrantes italianos nas terras brasileiras. Delineia diversos assuntos e como o imigrante deve se portar diante deles e de acordo com a moral católica.

educação moral que proibia qualquer tipo de comentário sobre o sexo acabaram gerando jovens que estranhavam os temas referentes à sexualidade. Os depoimentos encontrados no *Banco de Memória do Arquivo Municipal João Spadari Adami* exibem essa realidade. Também nessa fase do trabalho foram realizadas entrevistas direcionadas ao tema da sexualidade. A maioria dos entrevistados, quando questionados sobre a sexualidade, descreveram prontamente seus medos, a vergonha e o desconhecimento sobre o assunto antes do casamento ou na infância.

Os indicativos mais comuns nesses depoimentos dizem respeito às próprias funções sexuais do corpo que tornavam-se confusas pelo excesso de pudor ao se tratar do assunto. As variáveis mais abordadas são: *virgindade, menstruação, gravidez*.

Ao exibir esses relatos parte-se para a segunda parte do capítulo denominada *Os Suspiros*. Essa parte objetiva narrar uma sexualidade mais viva, mais exposta e cotidiana, que transcorre paralelamente ao discurso moralizante e à moral sexual católica, de forma que pode-se definir como a moral real, cotidiana em contraponto à real imaginária, discursiva.

Como característica dessa sexualidade cotidiana depara-se comumente com diversas contravenções da moral imposta pela Igreja Católica. E é nessa parte do trabalho que se pretende expô-las. Destacam-se o adultério, gravidez antes do casamento, contracepção, aborto, defloramento, estupro, pedofilia e zoofilia. A investigação acerca desses pontos foi realizada principalmente nas fontes de imprensa e processos-crimes do período.

A terceira e última parte do trabalho corresponde a uma prática transgressiva que estranhamente não é retratada em nenhuma obra que pretende estudar a região<sup>38</sup>: a prostituição. *Os Prazeres Velados* referem-se às atividades de lazer noturno como os jogos e o álcool, e em destaque as casas de prostituição.

---

<sup>38</sup> Uma das únicas referências que se tem sobre referido assunto é o seguinte artigo: GIRON, Loraine Slomp. **O Som do Silêncio**: sexo e prostituição na colônia. IN: Coletânea Cultura e Saber/UCS. V. 3, n.2, Caxias do Sul: 1999. (p. 117 a 134).



Nessa última parte trata-se da contravenção à moral sexual explícita na forma da prostituição. Uma prática decorrente e sobre a qual foram encontrados diversos indícios: fontes de imprensa, processos e relatórios policiais, além da lei nº 370, dos Livros sobre Impostos e Profissões e Relatórios dos Intendentes.

## 2. ENTRE A CRUZ E A ENXADA: A MORAL CATÓLICA E A IDENTIDADE REGIONAL

### 2.1. IDENTIDADE E DIFERENÇA: QUESTÕES TEÓRICAS

O cotidiano na colônia italiana e a terra de origem da maioria de seus habitantes acabaram estabelecendo uma realidade cultural diferenciada na região colonial. As diferenças socioeconômicas e étnico-religiosas auxiliaram nesse estabelecimento.

Cada região do estado do Rio Grande do Sul se identifica e se constrói de certa maneira; isso não seria diferente na Região Colonial Italiana. Por isso, é importante o debate sobre a identidade regional, um tema pouco trabalhado, contudo, que merece atenção especial, já que a história também constrói identidades.

São poucas as obras que se detêm a analisar a identidade da RCI de maneira condizente às discussões atuais. Os estudos de maior fôlego foram realizados por *Paulo Possamai*<sup>39</sup> e mais recentemente por *Loraine Slomp Giron*<sup>40</sup>. *Possamai* enfatiza como objetivo de seu trabalho,

“Demonstrar que a imagem do imigrante como profundamente católico e avesso ao nacionalismo italiano é o resultado de uma construção historiográfica. O projeto católico venceu uma corrente anticlerical que pouco tinha em comum além de sua posição contrária ao ideário católico, que incluía maçons, nacionalistas, liberais, positivistas, anarquistas e socialistas. A moldagem de uma identidade coletiva é obra da intelectualidade, que busca enquadrar a comunidade dentro de um ideal a ser alcançado.”<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> POSSAMAI, Paulo César. **Dall'Itália siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875 -1945)**. Passo Fundo: UPF, 2005.

<sup>40</sup>GIRON, Loraine Slomp. **Identidade: Região e Valores**. IN: RADUNZ, Roberto (org.); GIRON, Loraine Slomp (org.). **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. 232 p.

<sup>41</sup> Ibidem 17. p.15

Já *Giron*, em recente artigo, relaciona a construção da identidade regional com outros valores que não a religião católica, como o trabalho e a propriedade.<sup>42</sup>

A maioria dos autores que se dedicou a estudar a RCI concluiu que a cultura e a identidade da região foram determinadas pela religião católica, transformando esses dizeres em verdades quase que cristalinas. Entretanto, é necessária uma nova abordagem sobre essas temáticas buscando uma diversidade de interpretação, e é nesse sentido que os estudos dos dois autores citados acima podem contribuir.

Para que se torne possível a discussão dessa nova abordagem, faz-se útil a exposição dos referenciais teóricos com os quais se pretende expandir o tema e, além disso, definir com quais conceitos objetiva-se construir essa discussão.

Segundo *Kathryn Woodward*, a identidade é relacional e marcada pela diferença;<sup>43</sup> aliás, a autora define diversos pontos condicionais dos quais depende a construção da identidade. Esses pontos são também construídos através da marcação simbólica que

---

<sup>42</sup> O estudo neste artigo é um recorte do projeto anteriormente realizado, “*Identidade e Cultura Regional: colônias e colonos italianos no Rio Grande do Sul*”. Este projeto foi realizado na Universidade de Caxias do Sul através do Departamento de História e Geografia, com apoio do Departamento de Sociologia. A idealizadora do projeto Dra. Loraine Slomp Giron coordenou e orientou os estudos do grupo (contava também com a co-orientadora Vânia Herédia, a professora Heloísa Bergamaschi e 4 bolsistas de graduação: Aline Karen Matté, Araceli Consoli, Ramon Victor Tisot e Ana Paula de Almeida.) que se dedicou à realização da análise investigativa de dados.

A pesquisa realizada entre 2002 e 2005 utilizou 36 obras de família como fontes, escritas entre 1975 e 2000. Estas obras foram analisadas através de uma metodologia de análise de conteúdo que estabeleceu, após prévio estudo, alguns critérios para realização de fichamentos. Foram apontados, portanto, os seguintes valores indicativos: a propriedade, o trabalho, a família, o papel da mulher, a religião e os valores.

Antes de explicitar alguns resultados e motivo da escolha desta metodologia, é interessante retomar a questão conceitual de obras de famílias. Essas obras consistiam em livros publicados por membros da família, ou algumas vezes por pesquisadores contratados pela mesma, os quais tinham o objetivo de reconstituir o histórico familiar particular, estabelecendo uma conexão com seus antepassados e buscando celebrar a vitória dos imigrantes italianos<sup>42</sup> em solo brasileiro visto que suas publicações têm grande auge a partir de 1975<sup>42</sup>. Este conjunto de obras demonstrou-se como importante fonte documental, pois nele encontram-se uma grande quantidade de relatos de descendentes dos imigrantes e muitas vezes dos próprios imigrantes descrevendo sua realidade.

A metodologia escolhida foi pertinente, porque os indicativos demarcados para análise ligavam-se com a idéia de formação e reconstrução de uma identidade regional, a qual o projeto tinha como principal objetivo desvendar.

<sup>43</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart (org.); WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003. 133p.

“(...) é o meio pelo qual damos sentido a práticas e às relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são vividas nas relações sociais.”<sup>44</sup>

A divisão simbólica que constitui as diferentes identidades também obedece a um determinado sistema classificatório; *Durkheim* acredita que é por meio da organização e ordenação das coisas de acordo com sistemas classificatórios que o significado é produzido. Os sistemas de classificação dão ordem à vida social, sendo afirmados nas falas e nos rituais.<sup>45</sup>

Para *Woodward*, em cada sociedade existe um consenso sobre como classificar as diversas coisas. Estes sistemas partilhados de significação formariam o que nós entendemos por “cultura”. Parte-se, então, para o estudo da construção identitária relacionada com a cultura.

De acordo com as recentes explanações, a ênfase na representação e o papel-chave da cultura na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais levam a uma preocupação com a identificação. Dessa forma, pode-se dizer que a identificação entre grupos acontece de acordo com sua concepção cultural e o significado de suas representações.

Ao aplicar-se esse sistema classificatório ao caso da identidade cultural fica evidente o caso da diferença entre “insiders” (incluídos) e “outsiders” (forasteiros). Essa classificação simples é observada por diversos antropólogos em trabalhos que objetivam estudar a identificação grupal. A oposição binária entre o “nós” e os “outros” é a primeira marcação simbólica da diferença que auxilia na construção da identidade.

Porém, outros contextos também são importantes a essa construção, como, por exemplo, a questão da fixação da identidade. Ou seja, mesmo com a identificação marcada pelo simbólico e pela representação os grupos que se identificam precisam autenticar sua

---

<sup>44</sup> *Ibidem* 21. p. 14.

<sup>45</sup> DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 483p.

identidade de alguma forma. Em seu ensaio “Da Diáspora: identidades e mediações culturais”, *Stuart Hall*<sup>46</sup> examina diferentes concepções de identidade cultural, procurando analisar o processo pelo qual se busca autenticar uma determinada identidade por meio da descoberta de um passado supostamente comum.

A busca pelo passado é freqüente aos grupos que querem validar sua identidade. Geralmente a história é referenciada para fortalecer laços imaginários que de certa forma são necessários à identificação coletiva. Assim, a história que é buscada nem sempre é a história “verdadeira”, mas também uma representação do passado que serve ao objetivo do grupo que quer se afirmar.

Ao buscar referências no passado é comum o apelo aos mitos fundadores, que, segundo *Chauí*,<sup>47</sup> são aqueles que impõem um vínculo interno do passado como origem, isto é, um passado que não cessa, que não permite o trabalho da diferença temporal e que se conserva como perenemente presente.

Além da busca aos mitos, também são exploradas as representações da cultura que formariam ambos um núcleo identitário definido e fixo. A identidade vinha sendo estudada dessa forma por muito tempo, entretanto uma suposta crise de identidades causada pelo mundo globalizado fez com que os teóricos repensassem a fixidez da identidade.<sup>48</sup> Conforme *Tomaz Tadeu da Silva*:

“A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.”<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 434p.

<sup>47</sup> CHAUI, Marilena. **O Mito Fundador**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. p.9.

<sup>48</sup> Nesse momento concorda-se com todas as questões teóricas referentes a identidade abordadas anteriormente, mas destaca-se que a construção da identidade não é fixa e pode modificar-se com o passar do tempo.

<sup>49</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart (org.); WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003. 133p. p. 96-97.

Seguir esse conceito não quer dizer que a identidade não tenha um passado, mas sim que ao reivindicá-la estamos reconstruindo esse passado constantemente. Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão. Em contraste com o naturalismo dessa definição, a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre em processo.

## **2.2. IDENTIDADE REGIONAL: CONSTRUÇÕES E DESCONSTRUÇÕES**

Feitas essas considerações sobre as novas leituras da identidade, é válido ressaltar que o estudo da identidade regional vem acompanhando esse processo de atualizações. Os primeiros escritos que expuseram de alguma forma a identidade regional a identificavam com o caráter puramente étnico da região, concluindo que os colonos trouxeram consigo sua identidade pronta da Itália e apenas a transferiram para o solo gaúcho. Entretanto, a própria visão sobre a etnicidade foi absorvendo novos significados, que tornaram essa idéia muito mais completa e complexa.

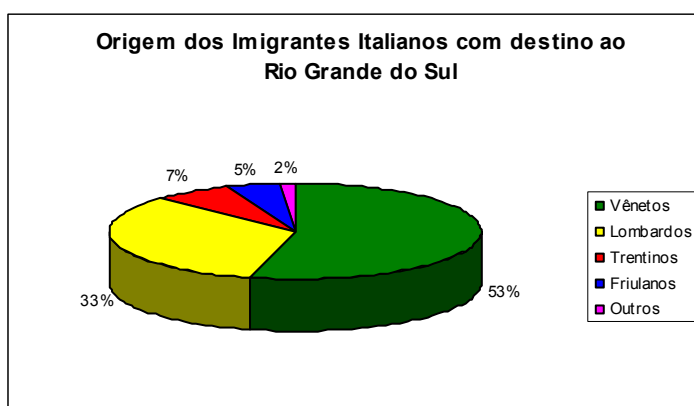
A etnicidade pura, ligada a Estado-Nação, foi praticamente destituída de validade com o desmembramento dos diversos grupos étnicos que formam as nações. Sobre esse conceito de etnicidade *Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart* colocam que

“(…) a identidade étnica (a crença na vida em comum étnica) constrói-se a partir da diferença. A atração entre aqueles que se sentem como de uma mesma espécie é indissociável da repulsa diante daqueles que são percebidos como estrangeiros. Esta idéia implica que não é o isolamento que cria a

consciência de pertença, mas, ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas.”<sup>50</sup>

Tomando por base esse indicativo, que se aproxima bastante do conceito da identidade em si, pode-se concluir que a etnicidade também depende da diferença e para que isso ocorra os pequenos grupos étnicos se autoclassificam. É nesse sentido que a visão sobre a identidade regional está sofrendo mutações. Ainda sobre esse tema, *Constantino* coloca que, “não há dúvida de que, para construir uma identidade étnica, buscam-se elementos de tradição. Dependendo ainda de necessidades ou objetivos, surgirá a escolha de traços culturais que servirão para estabelecer o perfil de determinado grupo.”<sup>51</sup>

No lugar da crença de um grupo homogêneo de italianos natos que veio para o Rio Grande do Sul trazendo sua língua, representações e cultura em bloco já constituído e cristalizado, aparece a idéia de que esses imigrantes pertenciam a diversos grupos étnicos na Itália e que entre eles não existia essa homogeneização, como pode-se comprovar em diversos estudos que classificam a origem dos imigrantes:



2 Fonte: FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. Imigrantes Italianos no Nordeste do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Movimento, 1975. p.36.

<sup>50</sup> POUTIGNAT, Philippe (org.); STTREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade. Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 6.

<sup>51</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Italianidade (s): Imigrantes no Brasil Meridional.** IN: FLORENCE, Carboni (org.); MAESTRI, Mario (org.). *Raízes Italianas no Rio Grande do Sul.* Passo Fundo: UPF, 2000. p. 77.

Segundo *Weber*, os grupos étnicos imigrantes têm caráter especial, pois

“(…) alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença torna-se importante para a propagação da comunalização, pouco importando que uma comunidade de sangue exista ou não objetivamente.”<sup>52</sup>

De acordo com o exposto, infere-se nesse pensamento a noção de que, ao migrar, os grupos constituem novas representações sobre si e se identificam com iguais que no país de origem podiam ser considerados diferentes, como é o caso da RCI. As diferenças com os grupos luso, afro, germânico e brasileiro eram maiores do que as que tinham com os seus conterrâneos, mesmo que na Itália fossem considerados diferentes.

Partindo dessa idéia, *Possamai*<sup>53</sup> trouxe uma diferente abordagem sobre a identidade regional. Em seu trabalho ele consegue mostrar que, já no Brasil, alguns grupos políticos e ideológicos travaram luta velada pela conquista do direito de representar a cultura ítalo-brasileira. Ou seja, esse período inicial em que o grupo étnico se identificou foi superado por disputa interna, significando que a identidade regional não é e nem foi aspecto pacífico e bem aceito por todos.

Nesse contexto, os nacionalistas italianos<sup>54</sup>, completamente anticlericais, defendiam símbolos, representações, hinos e mitos bem diferentes dos católicos fervorosos. Assim se construía a disputa, os nacionalistas pregavam a identificação com a pátria mãe, através de sua bandeira, hino, heróis – os preferidos eram Garibaldi e Mazzini – e a defesa da

---

<sup>52</sup> WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UNB, 1994. 474p. p.303

<sup>53</sup> POSSAMAI, Paulo Cesar. **Dall'Itália siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875 -1945)**. Passo Fundo: UPF, 2005.

<sup>54</sup> De acordo com o autor, na conjuntura da Unificação Italiana diversos movimentos nacionalistas surgiram no território Italiano. Estes grupos em sua maioria envolviam o proletariado e a burguesia urbana, enquanto que a população rural era mais influenciada pelos grupos monarquistas clericais.



unificação.<sup>55</sup> Para tanto, tornavam pública essa defesa através de associações de mútuosocorro, jornais e lojas maçônicas.

Do outro lado da disputa pela hegemonia ideológica estava o grupo católico. Entretanto, é importante lembrar que o grupo de imigrantes italianos religiosos também não era homogêneo, para *Constantino*,

“Seria um equívoco afirmar que a crença religiosa sempre foi homogênea na região colonizada por italianos. A presença de *valdenses*, designados como protestantes ou evangélicos, assim como a evidência de suas práticas religiosas entre os colonos italianos no Brasil meridional, precisa ser registrada como realidade do passado. Por outro lado, a imigração italiana no Brasil não se reduz à experiência de colonização e, dentre os imigrantes espontâneos, houve aqueles que também não professaram o catolicismo.”<sup>56</sup>

Contudo, pode-se dizer que o grupo católico contava com maior número de fiéis. Além dessa vantagem, também foram enviados à região numerosos religiosos com forte poder lingüístico, e que seguiam as regras da romanização, que se dedicaram a unir os colonos católicos em capelas, gerenciar a vida destes através dos rituais religiosos e posteriormente utilizar também a imprensa para divulgar seu ideário.

Dessa “guerra fria” resultou um domínio das idéias católicas que se propagaram na educação, na imprensa, na moral e influenciaram diretamente o cotidiano dos moradores da RCI.

A obra de *Possamai* retoma essa controvérsia e conclui que o grupo católico representava para o campesinato italiano o que o Estado Nacional significava para o

---

<sup>55</sup> De acordo com Constantino: “Em 1877 é fundada a Sociedade Vittorio Emanuel II, que permaneceu em atividade até a Segunda Guerra Mundial. O grupo fundador inclui componentes daquelas primeiras famílias que residiam em Porto Alegre desde a década de 1850 e que, além de constituir grupo social, ensaiara passos na direção de uma identidade étnica. Evidenciam consciência de nacionalidade, cultuam *heróis* e acompanham feitos da unificação italiana. Buscam Garibaldi como presidente de honra da nova sociedade e, da Itália, responde o general, agradecendo a honra e reafirmando sua admiração pelos gaúchos. (Constantino, 1991)” IN: CARBONI, Florence (org.); MAESTRI, Mario (org.). **Raízes Italianas do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2000.

<sup>56</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O que aconteceu com os valdenses? Italianos e italianos no Brasil meridional**. IN: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio (org.); POZENATO, José Clemente (org.). *Cultura, Imigração e Memória: percursos e horizontes*. Projeto ECIRS 25 anos. Caxias do Sul: EDUSC, 2004. p. 178-188. p. 178.

proletariado urbano italiano, imigrante ou não. Assim, a RCI, formada por maioria de agricultores, acabou apoiando o projeto católico.<sup>57</sup> E ao apoiar esse projeto implantado na região pela Igreja, o povo inconscientemente assumiu também uma identidade construída por esse intento. A população da região da serra gaúcha seria reconhecida como católica por seus diferentes e iguais, e essa assimilação seria perpetuada por muito tempo pela história da imigração.

Contudo, a obra de *Possamai*, mesmo demonstrando a luta interna pelo poder ideológico da região, de certa forma, acaba fortalecendo também esse ideário. Comprovando que a identidade regional não se construiu etnicamente, mas sim apoiada pela cultura católica da romanização, o autor observa que a relação identitária regional é mantida pelo catolicismo, mesmo que isso tenha sido fruto de discórdia. Ao apresentar as controvérsias de opinião de grupos que se identificavam de forma diferente, o autor avança, mas ao fortalecer a idéia do catolicismo, ele retroage.

Isso não quer dizer que sua argumentação esteja errada, pelo contrário, apenas levanta outros pontos para que o caráter da identidade regional seja rediscutido. Ao comparar a identidade e a cultura, *Woodward*, informa que a cultura seria na verdade a significação da identidade e a posição dos sujeitos por ela envolvidos que produzem essa significação<sup>58</sup>. Vinculando esse conceito com a idéia de identidade condicional, mutante, trazido por Stuart Hall<sup>59</sup>, chega-se a conclusão que a identidade está sempre em processo de construção e desconstrução, seja pelos seus sujeitos ou pelos que a analisam.

---

<sup>57</sup> POSSAMAI, Paulo Cesar. *Dall'Itália siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875 -1945)*. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 41.

<sup>58</sup> WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart (org.); *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003.

<sup>59</sup> HALL, Stuart. **Quem precisa da Identidade?** IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart (org.); *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003.

Por conseguinte, as novas interpretações sobre a identidade regional vão sendo construídas, assim como a própria identidade. *Giron*<sup>60</sup> trouxe, em recente trabalho, nova visão sobre o tema. O artigo resultou de trabalho investigativo de fôlego que analisou o conteúdo de obras escritas pelos descendentes dos imigrantes, nas quais eles descreviam suas realidades familiares<sup>61</sup>. A autora buscou nessas obras os valores com os quais esses descendentes e suas famílias mais se identificavam. Como conclusões, os valores mais significativos ultrapassam o limite da fé católica, que há muito tempo vinha sendo tido como verdade absoluta. Para *Giron*:

“O trabalho é o grande mito fundador regional sempre novo, sempre apontando para o horizonte, com a enxada que traz no ombro a figura masculina do Monumento Nacional ao Imigrante, ou como a pequena oficina do funileiro Abramo Eberle, a qual sobre o prédio da antiga metalúrgica, aponta como a cruz da catedral em direção ao alto, como descendentes ilustres que prosseguem cantando a epopéia de trabalho, tenacidade e heroísmo, cujo primeiro canto foi escrito em pleno sertão, no alto da montanha.”<sup>62</sup>

### 2.3. O VALOR DA FÉ E DO TRABALHO

O processo da construção da identidade é condicional e é dessa maneira que se planeja erigir essa pesquisa que trata da identidade regional relacionada a outros valores ainda não estudados. As condições das quais depende o processo de construção da identidade podem ser atualizadas de acordo com a identificação de seus sujeitos culturais.

Se a identidade é mutante, é porque os que com ela lidam a enxergam sempre de maneira diferente. Ela não fica estagnada e, portanto, fica clara a necessidade de rever a

---

<sup>60</sup> GIRON, Loraine Slomp. **Identidade: Região e Valores**. P. 38-58. *IN*: RADUNZ, Roberto (org.); GIRON, Loraine Slomp (org.). **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. 232 p.

<sup>61</sup> Segundo a autora, as obras de família visam preservar a memória histórica da família para garantir aos descendentes os valores dos antepassados. Se propõe a:

a) integrar, unir a família para mútuo conhecimento e amizade;

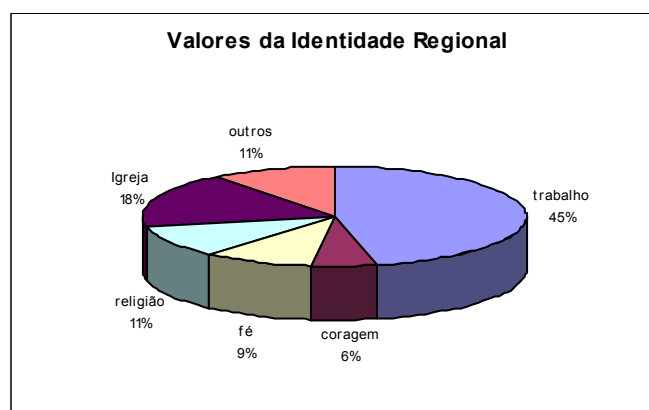
b) comemorar mais de um século da chegada da família ao Brasil;

c) constituir a árvore genealógica para a publicação de um livro. Fonte: *Ibidem* 36

<sup>62</sup> *Ibidem* 36.

identidade regional, como já foi feito em outras hipóteses. *Conzen* salienta essa idéia ao colocar que, “A etnicidade é melhor considerada como construção cultural que se realiza em um período de tempo histórico. Os grupos étnicos em situações reais se recriam constantemente e a etnicidade é continuamente reinventada para fazer frente a realidades que mudam (...)” (CONZEN, 1990).<sup>63</sup>

O indicativo trazido por *Giron*, da identidade regional relacionada ao valor do trabalho, é uma nova abordagem que merece destaque. A historiografia vinha de longa data relacionando a identidade com o valor da fé e da moral católica. É interessante observar os números apresentados pela autora em relação às citações encontradas nas obras analisadas que se referem aos indicativos de *Valores e Religião*:



<sup>3</sup> Fonte: GIRON, Loraine Slomp. *Identidade: Região e Valores*. IN: RADUNZ, Roberto (org.); GIRON, Loraine Slomp (org.). *Imigração e Cultura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. 232 p. p.56.

O gráfico demonstra o número de citações encontrado para cada um dos indicativos e outros que não merecem destaque neste momento. A partir desses números pode-se concluir que para os descendentes de imigrantes sobre os quais investigou a autora, o caráter do *trabalho* parece ter mais importância na construção de sua identidade do que o valor da *religião*. Enquanto outros indicativos, como a *coragem*, também adquirem significativa

<sup>63</sup> Apud. CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina**: imigrantes na sociedade porto-alegrense. Porto Alegre: EST, 1991. p. 147.

menção, as citações referentes a amor, sexo, felicidade e beleza formam número pequeno e estão todos incluídos na série *outros* do gráfico.

Contrariando essa idéia, exemplos evidentes do tratamento privilegiado que recebe a Religião aparecem nos textos da historiografia regional. Segundo *Manfroi*, os colonos,

“Eram acima de tudo, católicos praticantes, do Vêneto, Mantovano, Tirol (...) e foi através da prática da religião que encontraram a própria identidade cultural. Abandonados e perdidos no meio da floresta virgem, eles se reencontraram consigo mesmos e com os outros através da prática da religião, de seus ritos e cerimônias.”<sup>64</sup>

Outros autores, entre eles: *Rovílio Costa, Arlindo Battistel e Luis De Boni*<sup>65</sup> corroboram com o acima dito, sendo que para eles a Igreja representava os laços culturais entre os imigrantes. Enfim, conforme a historiografia tradicional: imigrante sem igreja católica era igual a imigrante sem cultura e sem identidade.

Essa abordagem da identidade formada pelo valor da fé e da religiosidade católica foi fortalecida não só pelos motivos supra citados, mas também porque grande parte dos historiadores e pensadores que se dedicaram à análise da história da Região Colonial Italiana derivaram da escola católica e dos estudos da Teologia, além de alguns serem ou terem sido parte do clero, como é o caso de *Rovílio Costa, Luis De Boni, Arlindo Battistel, Olívio Manfroi e Albino Zagonel*. De alguma forma, mesmo que não propositalmente, esses autores

---

<sup>64</sup> MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: Grafosul; Instituto Estadual de Livros, 1975. 218p.p. 158.

<sup>65</sup> Estes três autores fazem parte do grupo conhecido como clássico da historiografia regional. Segundo Maestri, este grupo se formou em meados da década de 70 através de renomadas monografias e da apresentação de trabalhos importantes no I e II Fóruns de Estudos Ítalos-Brasileiros promovidos pela Universidade de Caxias do Sul. Além disso, o centenário aniversário da imigração na região comemorado em 1975 incentivou a produção. Maestri classifica como os investigadores inclusos nesse grupo: José Clemente Pozenato, Loraine Slomp Giron, Luis A. De Boni, Olívio Manfroi, Rovílio Costa, Thales de Azevedo e Vitalina Frosi. Dentre esses autores destaca-se nesse momento Manfroi, De Boni e Costa que por serem ligados a Igreja Católica produziram uma historiografia ligada a ela e serviram de base para a produção de outros autores como Zagonel e Battistel, também ligados ao catolicismo. Fonte: VANNINI, Ismael Antonio. **O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no RS: Vannini (1906-1970)**. Passo Fundo: UPF; Porto Alegre: EST, 2004. p. 22 - 23.

acabaram valorizando o aspecto religioso da cultura regional e perpetuando essa abordagem através da historiografia.

Além disso, o caso da luta ideológica entre católicos e nacionalistas descrita na obra já citada de *Paulo Possamai*, afirma que o projeto ideológico da Igreja realmente foi vencedor e conseguiu estabelecer através de práticas e discursos essa identificação coletiva que se perpetua até os dias atuais.

Analisando a identidade como um construto relacional, conclui-se que essa realidade não é estática e novos valores podem ser atrelados a esses já instituídos. A abordagem da identidade relacionada ao valor do trabalho é significativa por esse motivo. O *trabalho* é um indicativo que vem sendo gradualmente acoplado à identidade regional.

Essa união parece razoável, já que o *trabalho* é visto como responsável pelo progresso de diversos grupos imigrantes. Quando a migração resulta positivamente em riqueza econômica e avanço tecnológico, esses grupos tendem a identificar o desenvolvimento com seu labor. Responsabilizam sua força de vontade pelo seu crescimento.

Essa visão é comum em diversos espaços, e na Região Colonial não poderia ser diferente. Como colocou *Giron*, as indústrias metalúrgicas, tornos, enxadas e pás parecem ter mais significado na mentalidade dos moradores do nordeste gaúcho do que a cruz erigida na torre de templos católicos.

#### **2.4. O VÉU DA MORAL SEXUAL**

Após essas reflexões, planeja-se voltar ao tema central deste trabalho que aspira não só analisar a identidade regional, mas também, acoplar novos sentidos a ela. Para isso é necessário identificar uma faceta muito forte dessa identidade e sobre a qual se aspira fazer novas considerações.

A cultura colonial italiana sempre foi identificada com a religiosidade católica e dentro desta cultura está alocada a identidade religiosa, também relacionada com a Igreja. Contudo, a identidade religiosa tem caráter especial, pois através dela vários mitos foram criados e a mentalidade regional foi moldada.

A identidade católica diz respeito ao significativo modelo moral implantado pela Igreja na região e que espalhou seus tentáculos sob diversos aspectos do cotidiano do colono italiano e seus descendentes. A moral católica prega numerosos e rígidos mandamentos relacionados aos sentimentos humanos e suas afeições, entretanto os mais importantes na RCI foram os que se referem à ética sexual.

Um dos valores do discurso católico sempre foi a sexualidade, desde o *Velho Testamento*, onde se descreve o pecado original até a idéia de confissão da Igreja Moderna. Ao se preocupar com o estabelecimento fixo da família como valor de maior admiração, a Igreja sempre se dedicou a condenar a sexualidade fora desse espaço, considerando o prazer sexual como pecado intenso.<sup>66</sup>

Todavia, o processo de romanização e o ultramontanismo fortaleceram esse aspecto perante a população rural brasileira, e da mesma forma, perante os colonos italianos que se estabeleceram no território nacional.

A romanização da Igreja brasileira teve início a partir do Segundo Reinado, em 1840, a qual foi um movimento dirigido pela hierarquia eclesiástica que tinha como objetivo principal desvincular a Igreja da Coroa e estabelecê-la diretamente sobre o comando do Vaticano. Foi um processo caracterizado por três fases principais.<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A tirania do prazer**. Maria Helena Kuhner (tradução). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 434 p. p. 251.

<sup>67</sup> Este fragmento do texto que se refere à romanização tem como base a seguinte bibliografia: AZZI, Riolando. **Neocristandade: um projeto restaurador**. São Paulo: Paulus, 1994; VILLAÇA, Antonio Carlos. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975; DREHER, Martin Roberto (org.). **Imigrações e história da Igreja no Brasil**. Aparecida: Santuário, 1993.

A primeira delas, chamada de *Reforma Católica ou Reforma Ultramontana*, pretendia aproximar o catolicismo luso-brasileiro das práticas católicas romanas. O catolicismo praticado no Brasil nesse período era muito diferente do objetivado pelos líderes da Igreja, os católicos nacionais praticavam uma religião sincrética, extremamente devocional, e muitos apenas se diziam católicos e não seguiam a doutrina sacramental.

Para tanto, realizaram-se mudanças em relação ao clero brasileiro, aproximado-o ao comportamento do clero Europeu. Nesse sentido, destacou-se o trabalho das ordens religiosas como os Capuchinhos, Jesuítas e Lazaristas; a partir daí, a Igreja dedicou-se a espalhar esses religiosos romanizados no território brasileiro para que esses tomassem conta das capelas e pudessem modificar o comportamento sincrético dos cristãos.

Apesar de muitas controvérsias, no fim do século XIX essa corrente católica podia ser considerada vitoriosa no território brasileiro. A etapa posterior da Romanização, conhecida como *Reorganização Eclesiástica*, teve início após a Proclamação da República e separação das instituições Estatal e Religiosa. Nesse momento, para manter seu poderio, após perder algumas vantagens, a Igreja objetivou a fundação de novas dioceses e resolveu instalar nas mesmas religiosos identificados com a Santa Sé, centralizando ainda mais a hierarquia religiosa sob a estrutura do Vaticano.

A terceira fase desse processo teve como finalidade principal a reaproximação da Igreja com o poder político, que havia sido negado em etapa anterior. Com o desenvolvimento do comunismo, as greves trabalhistas e as exigências de mudanças sociais, que vinham crescendo desde a década de 1920, a instituição católica resolveu se posicionar frente a essas demandas, temendo perda numerosa de fiéis. Esse período foi marcado pela defesa da ordem tradicional advogada por um projeto comum entre Estado e Igreja. O Tratado de Latrão, assinado em 1929, que restabelecia relação amistosa entre o Estado fascista e o Estado Papal



na Itália, influenciou as ações desses no Brasil. Isso perdurou por muitos anos, e teve presença mais evidente durante o Estado Novo.

Portanto, o processo de Romanização exerceu influências em diversos campos da sociedade brasileira, mas entre os seus objetivos, principalmente em sua primeira fase, destacou-se a idéia de fortalecer a hierarquia da Igreja, em detrimento de outras forças e crenças populares. De acordo com isso, a aproximação com os grupos imigrantes foi fundamental, formando importante base para o sucesso do projeto. Conforme *Souza*:

“A Igreja também buscou na imigração um meio de substituir a religiosidade popular e sincrética vigente na América Portuguesa pela nova ordem que se deu em seguida à queda de Napoleão. Esse movimento de atualização do catolicismo brasileiro com relação ao europeu, chamado por alguns de “Restauração Católica” e de “Romanização”, por outros, visava fortalecer a hierarquia da Igreja, e, sobretudo, reforçar a autoridade papal.”<sup>68</sup>

Do mesmo modo, o Estado também tinha planos quanto a aproximação do projeto católico com os imigrantes italianos destinados ao Brasil. Para *Possamai*, o fim da idealização do imigrante germânico causado por revolta como a dos Muckers, levou o Governo brasileiro a buscar no imigrante italiano seu tipo ideal: dócil, ordeiro e católico; mas como nem todos se enquadravam nesta caracterização, a preferência por imigrantes agricultores e o papel da Igreja nesse processo migratório auxiliaram na busca por esse modelo.

O projeto bem-sucedido da Romanização conseguiu exercer presença nos principais aspectos da construção cultural do colono italiano: na moral, na educação e em suas crenças e representações. O movimento ultramontano:

“(…) sustentava diuturnamente a infalibilidade do papa; exorcizava a maçonaria; desautorizava os princípios liberais (livre exame, democracia,

---

<sup>68</sup> SOUZA, Wlaumir Donizeti de. **Anarquismo Estado e Pastoral do Imigrante: das disputas ideológicas pelos imigrantes aos limites da ordem – o caso Idalina**. São Paulo: UNESP, 2000. p. 53.

sensualismo, etc.); reprovava o sincretismo religioso popular; prevenia contra o protestantismo, e outras medidas e atitudes similares.”<sup>69</sup>

Dessa maneira, pode-se dizer que a construção da identidade religiosa na Região Colonial Italiana deve-se a dois fatores sobre os quais se pretende discutir: o sucesso do projeto de dominação ideológica da Igreja sobre os imigrantes, colonos e seus descendentes e o fortalecimento desse sucesso apresentado através dos relatos e da historiografia.

A idéia do imigrante ideal já foi discutida e desmistificada em diversos trabalhos. O imigrante italiano dócil, ordeiro, trabalhador e “beato” é uma representação mitológica que alcançou tamanho reconhecimento que chega a assumir status de verdade absoluta. Já foram descritos em outras obras mais recentes a indocilidade, as disputas políticas e a vadiagem referente a imigrantes italianos.<sup>70</sup> Entretanto, a religiosidade é ainda pouco comentada.

Talvez por ser uma questão de difícil abordagem, pois relaciona-se com a sexualidade, tema-tabu, ou ainda pela região manter laços muito intensos com a Igreja Católica. A verdade é que poucos se aventuraram a questionar beatice, no âmbito da cultura regional.

*Pozenato* afirma que,

“O discurso das instituições da sociedade – seja o do poder político, o do poder econômico, o do poder religioso, seja o discurso da pequena tradição familiar – ao mesmo tempo, mostra e esconde. Mais esconde do que mostra.”<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup> GIOLO, Jaime. Os Imigrantes e a educação. IN: CARBONI, Florence (org.); MAESTRI, Mario (org.). **Raízes Italianas do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2000. p.157.

<sup>70</sup> Algumas teses e dissertações recentes demonstram esses conflitos. Como exemplos desses casos pode-se citar: MAÍRA, Inês Vendrame. **Lá éramos servos, aqui somos senhores: a organização dos colonos italianos na ex-colônia de Silveira Martins (1877-1914)**. (dissertação de mestrado- PUCRS), 2007. Nesse trabalho a autora se propõe a esclarecer o caso da quarta colônia onde os colonos pretendiam total independência e acabaram se confrontando com sacerdotes, autoridades municipais e provinciais. O mesmo ocorre com a análise nas colônias de Conde D’Eu, Princesa Isabel, Caxias e Alfredo Chaves. LUCHESE, Terciane, Ângela. **Relações de Poder: autoridades regionais e imigrantes italianos nas colônias de Conde D’Eu, Princesa Isabel, Caxias e Alfredo Chaves (1875- 1889)**. (dissertação de mestrado- PUCRS), 2001.

<sup>71</sup> POZENATO, José Clemente. **A Cultura da Imigração Italiana**. IN: CARBONI, Florence (org.); MAESTRI, Mario (org.). **Raízes Italianas do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2000.p. 118.

Parece razoável, assim sendo, que o historiador se dedique ao estudo desses indícios escondidos no discurso. E é através dos indícios do cotidiano e da sexualidade que se espera demonstrar o que o discurso católico esconde.

## 2.5. OS MITOS

O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas sua essência é uma representação coletiva, que chegou até nós através da memória de várias gerações. *Roland Barthes* afirma que o mito é um modo de significação, uma forma, e assim deve-se analisar o mito não pela sua mensagem, mas pelo modo como esta é proferida. O mesmo autor também coloca, de forma reduzida, que o mito pode ser qualquer forma substituível de uma verdade.<sup>72</sup>

Para tratar-se do mito, conseqüentemente, é necessário fazer algumas considerações sobre as representações coletivas e a memória. *Halbwachs*, na definição de seu conceito de “Memória Coletiva”, aponta que as lembranças de um grupo podem ser construídas ou simuladas. As representações do passado podem ser adaptadas conforme o local de onde o sujeito analisa ou se insere socialmente. Assim sendo, a memória, como a identidade é construída e reconstruída, e ao se falar em mitos, refere-se a essas formas da representação coletiva que se perpetuam através da institucionalização da memória. O autor conclui com a seguinte afirmação:

“(…) a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.”<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: DIFEL, 1980. 180p.

<sup>73</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004. p. 85.

Voltando ao contexto da Região Colonial Italiana, alguns mitos construídos outrora e afirmados pela memória coletiva merecem discussão. São diversas as mitificações feitas em relação ao imigrante italiano. *Pozenato* apresenta alguns exemplos: “o culto do trabalho, o espírito de solidariedade, a ausência de conflitos sociais e de classe, a alegria permanente, a solidez da ordem familiar e assim por diante.”<sup>74</sup> Os de maior relevância para o conjunto dessa pesquisa – sobre a identidade católica e suas contravenções – referem-se a quatro símbolos idealizados nas lembranças dos colonos e perpetuadas por seus descendentes.

O dois primeiros fazem referência à imagem do colono ideal. O homem, agrega nesse sentido figurado e construído as características de trabalhador, ordeiro, religioso e virtuoso. A imagem do Monumento ao Imigrante, a beira da BR-116 em Caxias do Sul, traduz esse simbolismo ao apresentar o colono com uma enxada nas mãos, semblante sério e sentimento empreendedor, avistando o progresso da Colônia Caxias. *Pierre Nora* apresenta interessante conceito sobre os monumentos e é conveniente tratá-lo nesse momento. Segundo o historiador, a memória antes pura, espontânea acabou perdendo seu sentimento de continuidade através da manutenção e identificação de grupos e passa a ser construída por meios institucionais que pretendem mantê-la viva com objetivo de aglutinar identidades.

Essa memória institucionalizada forma “Lugares de Memória”: museus, arquivos, cemitérios, festas, monumentos, santuários são alguns dos exemplos desses lugares. Lugares que possuem efeitos materiais, simbólicos e funcionais.<sup>75</sup> Nesse sentido, pode-se considerar o Monumento ao Imigrante um “Lugar de Memória” que tem como função simbólica a de cristalizar o mito do colono trabalhador, ordeiro e virtuoso.

Contudo, essa representação pode ser revisitada através de novos indicativos. As virtudes desse homem ideal podem ser também divididas com seus vícios. Os hábitos bastante

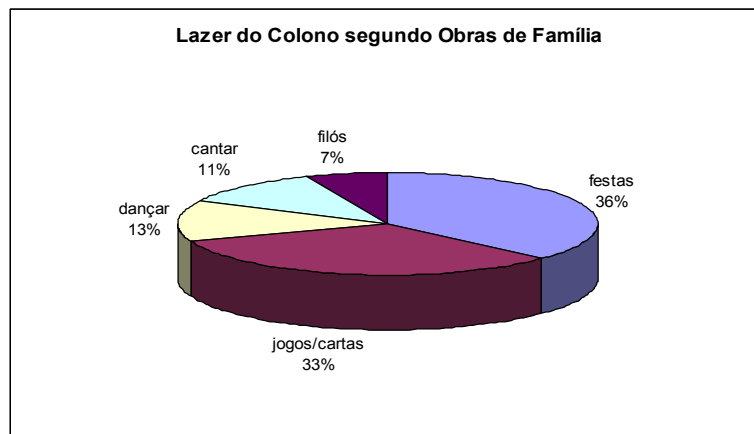
---

<sup>74</sup> POZENATO, José Clemente. **A Cultura da Imigração Italiana**. IN: CARBONI, Florence (org.); MAESTRI, Mario (org.). **Raízes Italianas do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2000.p. 123

<sup>75</sup> NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: **Projeto História**, 10, São Paulo, dez/1993,p. 7-28.

constantes de beber vinho ou graspera até alcançar embriaguez e os indispensáveis jogos de cartas corroboram com essa idéia. Além é claro, do divertimento exercido nas festas e bailes que, ao contrário do que se pensa, também eram muito freqüentes.

Voltando à pesquisa realizada por *Giron*, o indicador do lazer pode ser traduzido no seguinte gráfico:



4 fonte: Ibidem gráfico 3.

O gráfico acima confirma a idéia de que os colonos dedicavam-se seguidamente às festas, jogos de carta, danças e cantorias. Deixando mais relativo o caráter do sempre trabalhador e incansável colono ideal.

A caracterização da mulher agricultora ideal também não difere muito nesses pontos, além de ser importante retratar a sua identificação quase que imediata pelas representações com a família. A mulher ideal na RCI é a mãe amantíssima, educadora dos filhos, rainha do lar e, como não poderia deixar de ser, muito séria e trabalhadora.

Religiosa, fiel ao marido e quase assexuada (a função sexual feminina na região é reproduzir para gerar mais braços trabalhadores)<sup>76</sup>. A submissão se torna também uma qualidade muito bem descrita, mulheres submissas são dedicadas aos filhos e principalmente

<sup>76</sup> Ismael Vannini também dedicou-se a interpretar a sexualidade feminina regional em seu trabalho e chegou a essa conclusão. Fonte: VANNINI, Ismael Antonio. **O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no RS: Vannini (1906-1970)**. Passo Fundo: UPF; Porto Alegre: EST, 2004. Outro trabalho interessante nesse sentido é o de Cleci Favaro: FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens Femininas: contradições, ambivalências, violências: 1875-1950**. (tese de doutorado). PUCRS, 1994.

aos maridos e ajudam o crescimento da família sem questionar o poder patriarcal. Essa é a invenção da mulher ideal.<sup>77</sup>

Todavia, a mulher em seu cotidiano transgredia essas idealizações, ora praticando adultério, ora sendo muito mais vaidosa que trabalhadora ou disputando o controle da família com o homem, mesmo que inconscientemente.

Outra representação simbólica alude ao papel do padre na região. A maioria dos autores que retrataram a formação da região colonial demonstraram importância descabida aos padres. Mesmo esses sendo líderes espirituais e muitas vezes políticos, não eram raros os desentendimentos entre o sacerdócio e os colonos e também não é difícil de encontrar narrativas descrevendo os erros e abusos de padres. *Manfroi* menciona:

“O sacerdote foi a personalidade mais desejada e mais procurada pelos primeiros imigrantes italianos. Ele representava a imagem de Deus, <uma imagem aureolada de mitos, de poderes sobrenaturais de abençoar e amaldiçoar>, o símbolo do progresso e o elemento essencial de uma Itália idealizada.”<sup>78</sup>

Essa citação de *Olívio Manfroi*, com a qual, diversos autores concordam, mitifica aspecto principal: a do sacerdote correto e poderoso que seria indispensável ao sucesso do colono nas novas terras.

São numerosos os relatos de colonos que reclamaram do comportamento de padres. Retirado dos escritos de *Adami, Franzina* relata um fato interessante sobre o primeiro Capelão de Caxias, o padre Antonio Passagi. Tal sacerdote, proveniente do sul da Itália, foi destituído de seu posto pelo Bispo de Porto Alegre após realizar um casamento tão alcoolizado que não

---

<sup>77</sup> Favaro, Cleci Eulália. **Entre “lobos” e “cordeirinhos”: dos discursos e das práticas nos relacionamentos familiares e conjugais entre descendentes de imigrantes.** *Revista Esboços (UFSC)*. Nº 17, 2007. p. 111-122.

<sup>78</sup> MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais.** Porto Alegre: Grafosul; Instituto Estadual de Livros, 1975. 218p. p. 188.

percebeu que a noiva se tratava de homem travestido. Essa chacota teria sido organizada pela maçonaria local para ridicularizar o padre e comprovar seu apelido de “Antônio Cachaça”.<sup>79</sup>

Além dos padres “indignos” e contaminados por vícios não permitidos pela hierarquia católica, também eram comuns as cobranças abusivas pelos trabalhos prestados a fim de enriquecimento pessoal ou relacionamentos amorosos que contradiziam o celibato.

“Casos como o de padres que abandonaram a batina para se casar, como fizeram os padres Cezar Sciullo e Francisco Acierno, ou que cobrassem taxas indevidas, como o pároco de D. Isabel, João Menegotto, que cobrava quintos réis de cada crismado, desmoralizavam a Igreja Católica perante seus opositores.”<sup>80</sup>

Outra questão perpetuada pelo imaginário social é a da rígida e intransigente moral dos imigrantes. A moral católica seria seguida à risca por esses colonos que de acordo com a mitificação, não conheciam o prazer ou o lazer. Viviam em estado quase monástico. É exatamente sobre esse ponto que pretende-se apresentar novas realidades.

Diversos autores vêm tratando a questão da moral regional de maneira estática. A análise clássica dessa questão praticamente beatifica os colonizadores e considera altamente ofensivo quem revela novas realidades sobre a vida sexual e o lazer dos mesmos.

A moral católica prega as diferenças entre o pecaminoso e o não pecaminoso, estabelecendo razão entre a moral filosófica do ilícito e lícito. A moral católica tem alguns preceitos básicos e que foram fortificados no processo de Romanização. O primeiro deles é a repressão do prazer sexual, considerado pecaminoso, segundo, a Igreja o sexo só pode ser relacionado com a procriação. A partir dessa base o domínio é importante para manter a coerência desse pensamento. A repressão gera controle árduo dos comportamentos transgressores. Dessa forma:

---

<sup>79</sup> FRANZINA, Emilio. **Gli italiani AL Nuovo Mondo: l'emigrazione italiana in America (1492-1942)**. Milão: Mondadori, 1995. p. 227.

<sup>80</sup>POSSAMAI, Paulo Cesar. **Dall'Itália siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875 -1945)**. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 122.

“(…) será pedagogia (para corrigir hábitos e criar os hábitos sexuais virtuosos ou morais), será punição ( para fazer o desvio deliberado regressar aos trilhos), será vigilância (para captar os momentos de risco de desvio e depravação) e sobretudo será *estigmatização* (o vício por natureza e a corrupção-depravação sedimentada ou irreversível, devem ser apontados, condenados publicamente e sinalizados, isto é, marcados para que os demais membros da sociedade possam dispor de instrumentos para identificar os viciosos naturais, corruptos e depravados).”<sup>81</sup>

Assim, a moral sexual católica agiu na RCI e conseguiu por muito tempo fazer crer que realmente a repressão gera virtude e acaba com o vício. Entretanto, pode-se dizer que essa foi mais uma mitificação que contou com aparelho repressor e intelectual, muito competentes, capazes de gerar uma memória completamente desligada do cotidiano histórico.

São freqüentes as definições da moral do imigrante como apresenta *Battistel*:

A moral dos imigrantes italianos foi rigidíssima, sobretudo no que se refere a sexo, namoro e casamento. Eram abominados os pecados e as pessoas que roubassem, matassem, pecassem contra a castidade. A blasfêmia era combatida tenazmente. Muitos alegavam que blasfemavam sem querer ou por vício. Os jejuns, as vigílias e os deveres para com a Igreja eram religiosamente observados.<sup>82</sup>

Essa descrição é tão habitual que já faz parte do senso comum, tanto para o povo como para os historiadores que dedicam a descrevê-lo. Para entender o processo que auxiliou na construção dessa memória, precisa-se narrar a história dos que a aplicaram e também o modo bem-sucedido com que isso se desenvolveu.

---

<sup>81</sup> CHAUI, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa desconhecida**. Brasiliense: São Paulo, 1991, 12ª ed. P. 119.

<sup>82</sup> BATTISTEL, Arlindo Itacir. **Colônia Italiana: religião e costumes**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981. 112p. p. 21.



## 2.6. O DISCURSO MORALIZADOR

Nesse subitem objetiva-se discorrer sobre a conjuntura e a construção da moral monacal perante os colonos italianos e identificar os sujeitos desse projeto vitorioso e que estende seu alcance até os dias atuais.

A Igreja Católica já vinha de longa data perdendo seu poderio nos Estados europeus. O auge desse declínio obteve-se com a *Revolução Francesa* no final do século XVIII. A revolução implantou a *Constituição Civil do Clero* que objetivava abolir os privilégios do clero e transformar a hierarquia francesa em puramente estatal.<sup>83</sup>

Com isso, papas foram aprisionados e diversos clérigos foram mortos por não aceitarem a imposição da constituição. Essa fase radical foi abolida quando, em 1801, Napoleão assumiu a França e assinou acordo, retomando as velhas práticas vantajosas à Igreja.

Todavia, a hierarquia católica continuava perdendo espaço no poder temporal; com o crescimento dos nacionalismos na primeira metade do século XIX, o Papado se sente ameaçado e toma providências no sentido de fortalecer a hegemonia religiosa católica na Europa.

Perante o processo de unificação da Itália e a conseqüente invasão de Roma pelas tropas revolucionárias, o Papa Pio IX acaba encurralado no Vaticano e a Igreja se vê mais uma vez perdendo força.

Nesse momento era necessária uma reação da hierarquia católica para retomar sua força ideológica. Assim, surge o movimento *Ultramontista* que apesar de já existir desde a

---

<sup>83</sup> ROPS, Daniel. **A Igreja nos Tempos clássicos (II)**. Henrique Ruas (tradução). São Paulo: Quadrante, 2000.

Revolução Francesa, é no século XIX que se fortalece alcançando outros territórios além da França:

“O nome ultramontano foi utilizado pelos galicanos franceses, que pretendiam manter uma igreja separada do poder papal e aplicavam o termo aos partidários das doutrinas romanas que acreditavam ter que renunciar aos privilégios da Gália em favor da “cabeça” da Igreja (o papa), que residia “além dos montes”. O ultramontanismo defende portanto o pleno poder papal.”<sup>84</sup>

Com os freqüentes conflitos entre Igreja e Estado no Século XIX, o ultramontanismo passou a ser referência para os católicos dos diversos países, que defendiam a hegemonia católica e o centralismo romano; além disso os papas Gregório XVI (1831-1845), Pio IX (1846-1878), Leão XIII (1878-1903) e Pio XI (1922-1939), publicaram Encíclicas para a difusão e institucionalização do movimento<sup>85</sup>. Essa ação, todavia, não parou nas fronteiras do Velho Mundo, teve alcance também na América Latina e, por conseguinte, no Brasil.

A realidade da Igreja Católica no Brasil nesse período não era muito diferente da que se encontrava na Europa<sup>86</sup>. A situação no início do século XIX para a instituição religiosa no Brasil estava delicada devido a decadência moral do clero e da religiosidade dos cristãos e a política regalista do Marquês de Pombal. “A decadência moral teria chegado a tal extremo que as famílias honestas consideravam uma desonra ter um sacerdote perto de casa.”<sup>87</sup>

Já a tal política regalista consistia em subordinar cada vez mais a Igreja ao Estado. Bastante forte, ainda no século XVI, esta corrente de pensamento atingiu seu ponto de ebulição ao expulsar os jesuítas do território brasileiro em 1759.<sup>88</sup> Ao mesmo tempo, o ideário

---

<sup>84</sup> [WWW.histedbr.fae.unicamp.br](http://WWW.histedbr.fae.unicamp.br). Bibliografia: CAES, André Luis. **As portas do inferno não prevalecerão: a espiritualidade católica como estratégia política**. Tese de Doutorado IFCH/UNICAMP; fevereiro de 2002. LUSTOSA, Oscar Figueiredo. **A Igreja Católica e o Regime Republicano**. São Paulo: Loyola, 1990.

<sup>85</sup> ACCIÓN CATÓLICA ESPAÑOLA. **Colección de Encíclicas y Cartas Pontificias**. Buenos Aires: Poblet, 1946.

<sup>86</sup> VÉSCIO, Luiz Eugênio. **O crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul** (1893-1928). Santa Maria: Editora UFSM, 2001. p. 102.

<sup>87</sup> POSSAMAI, Paulo Cesar. **Dall'Itália siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875 -1945)**. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 109.

<sup>88</sup> PAIVA, Gilberto. **Meados do Século XIX: A Igreja no Brasil toma novos rumos**. *Revista Fragmentos de Cultura(UCG/Goiania)*. 2002. vol. 09; nº 03. 27-41

iluminista e liberal começou a seduzir alguns religiosos, provocando conflitos na estrutura interna da Igreja.

Contudo, o clero brasileiro tinha algumas outras preocupações, como por exemplo, o excesso de sincretismo da devoção popular brasileira, que era caracterizado como:

“(…) vivências de um catolicismo português leigo e despojado de um rigor teológico. Essas formas devocionais foram vistas então com uma forte carga de negatividade e acusadas de serem portadoras de *sobrevivências pagãs*, de superstições, e de apresentarem atos *exterioristas e sem profundidade*.”<sup>89</sup>

Portanto, os papas ultramontanos investiram esperança de modificar a conjuntura católica plural brasileira, tentando, através desse movimento, regenerar o catolicismo nacional.<sup>90</sup> Os processos migratórios e o território gaúcho passaram então a ter extrema importância nesse projeto.

Ainda no bispado de Dom Sebastião Laranjeira (1861-1888) iniciou-se a trajetória expansiva do ultramontanismo no Rio Grande do Sul, que estendeu-se também no bispado de Dom João Becker (a fim de combater o catolicismo leigo luso-brasileiro).<sup>91</sup>

Nesse contexto, começam a chegar ao RS os imigrantes italianos e junto com eles o catolicismo imigrante. Muitos foram os religiosos que encontraram problemas nas colônias italianas, entretanto, de modo geral os padres eram respeitados e ouvidos pelos imigrantes. Porém, também foram variados os casos de homens que se fizeram passar por padres tirando proveito da população colonial, alguns demonstrando comportamento indecoroso.<sup>92</sup>

---

<sup>89</sup> GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. **A cultura clerical e a folia popular**. *Revista Brasileira de História*. 1997. VOL. 17; Nº 04. P. 183-202.

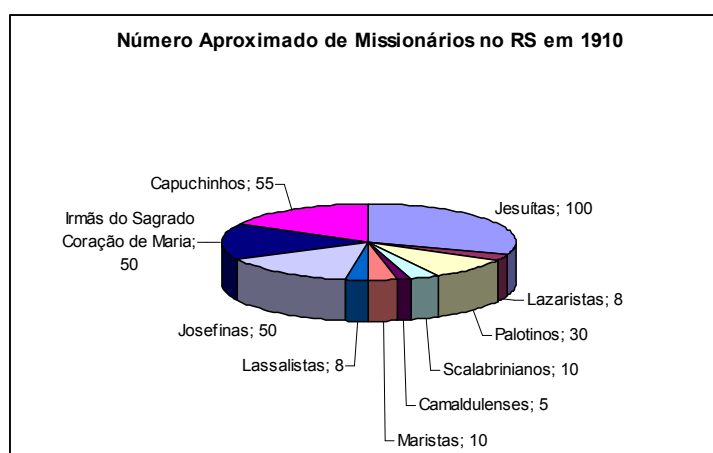
<sup>90</sup> VÉSCIO, Luiz Eugênio. **O crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1928)**. Santa Maria: Editora UFSM, 2001. p. 105.

<sup>91</sup> BAREA, Dom José. **A vida espiritual nas colônias italianas do estado do Rio Grande do Sul**. Trad: Rovílio Costa e Mario Gardelin. Porto Alegre: EST, 1995. p. 22.

<sup>92</sup> POSSAMAI, Paulo. **O Sepulcro do Pudor: o combate aos bailes e a imposição de uma moral monacal pelos missionários aos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul**. *Métis: História & Cultura*. 2003; Vol. 2, n. 4, p: 225-246.

Ao mesmo tempo, a Igreja preocupava-se com o crescimento da maçonaria, do protestantismo e do liberalismo entre os imigrantes no RS. Esse conjunto demandava ação da hierarquia eclesiástica para que não se perdessem os imigrantes em outras ideologias.

Assim, buscou-se a ajuda das ordens religiosas para assistir os imigrantes e também enquadrá-los no projeto romanista. Segundo *Manfroi*, ainda em 1910 o estado do Rio Grande do Sul contava com grande número de missionários que crescia dia-a-dia:



5 Fonte: MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul; Instituto Estadual de Livros, 1975. 218p. P. 179.

Os primeiros religiosos que se dedicaram aos imigrantes que chegavam ao estado foram os jesuítas. A partir de 1848, atendiam os imigrantes alemães que aqui se estabeleceram. Posteriormente, passaram a acompanhar os italianos, que recebiam visitas regulares a fim de catequizá-los, para que incorporassem a moral ultramontana em seu cotidiano.<sup>93</sup> Steinhart, um jesuíta alemão que freqüentava a região colonial italiana, diz ter tido muito trabalho com os colonos devido a dois motivos: os padres italianos não simpatizavam com a presença de religiosos alemães e também o comportamento da população

<sup>93</sup> POSSAMAI, Paulo. **O Sepulcro do Pudor: o combate aos bailes e a imposição de uma moral monacal pelos missionários aos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul**. *Métis: História & Cultura*. 2003; Vol. 2, n. 4, p: 225-246.

rural não correspondia com o enquadramento que buscava o clero ultramontano. Segundo ele, os colonos bebiam e dançavam, mas poucos compareciam ao confessionário.<sup>94</sup>

Através desse depoimento fica claro o objetivo dos missionários em encaixar a religiosidade dos colonos no modelo ultramontanista, pois, de acordo com *Manfroi*, o catolicismo praticado no norte da Itália era muito similar ao catolicismo luso-brasileiro sincrético:

“Poder-se-ia dizer que a religião católica dos imigrantes italianos e de seus descendentes no RS, era, acima de tudo, condicionada pelo auditivo e pelo visual. Eles gostavam do esplendor, do aparato, do movimento, do barulho, do canto, da música e quando as cerimônias religiosas continham essas características, a admiração e o contentamento era total.”<sup>95</sup>

Ao mesmo tempo que a identificação dos colonos com a religião devia-se muito mais à liturgia do que à moral, eles ainda continuavam a exercer atividades que geravam descontentamento do clero, como, por exemplo, os padres leigos e benzedeiros.

Os padres leigos eram pessoas das comunidades, que por serem muito afastadas e de difícil acesso, no início da colonização ficavam sem o auxílio do sacerdote, então se elegia um vizinho que tinha conhecimento da Bíblia para que fossem realizadas as missas e batizados, mesmo esse não sendo padre.<sup>96</sup>

Já os benzedeiros eram pessoas que se acreditava poderem abençoar e curar, através de rezas ou chás. Muitos colonos levavam seus animais e sementes para serem benzidos e, também, no aparecimento de problemas de saúde buscavam auxílio do benzedeiro. “A crença nas benzeduras pertence a uma forma de comportamento subcultural religioso, razão

---

<sup>94</sup> RABUSKE, Arthur. **Os inícios da colônia italiana no RS em escritos de jesuítas alemães**. Porto Alegre: EST;Caxias do Sul: EDUCS, 1978. 121 p. p. 57-8.

<sup>95</sup> MANFROI, Olivio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: Grafosul; Instituto Estadual de Livros, 1975. 218p. p. 186.

<sup>96</sup> BATTISTEL, Arlindo Itacir. **Colônia Italiana: religião e costumes**. Porto Alegre: EST, 1981.p. 124.

porque se mantém este fato em certo sigilo. Os sacerdotes sempre combateram os benzedeiros e benzedeiros.”<sup>97</sup>

A participação dos missionários nesse contexto foi cada vez mais intensa. Destacando-se os Scalabrinianos. Scalabrini, Bispo de Placença em 1876, impressionado com o número de italianos que deixavam a pátria em direção ao Brasil, fundou em 1877, com apoio do Papa Leão XVIII, a *Congregação dos Missionários de São Carlos* que pretendia dar assistência religiosa, moral e legal aos emigrantes italianos.<sup>98</sup>

Muitos missionários Carlistas (Scalabrinianos) acompanharam os imigrantes na travessia do Atlântico e, posteriormente, quando estes estavam já estabelecidos em seus lotes dedicaram-se à educação dos mesmos. Era distribuído por eles um livreto conhecido como *Guida Spirituale per l'immigrato italiano*<sup>99</sup>, o qual demonstrava importantes referências sobre o projeto missionário de enquadramento moral dos imigrantes, portanto é necessário que sobre ele se discorra.

O livro foi publicado em 1878 e apresenta como objetivo principal servir de guia moral aos imigrantes italianos nas terras brasileiras. Delineia diversos assuntos e como o imigrante deveria se portar diante deles, de acordo com a moral católica. Logo em seu primeiro subtítulo apresenta a necessidade da confissão, afirmando que Deus poderia ter feito o homem sem que ele pudesse ter direito de escolher, mas como este homem tem e pode abusar disso praticando o mal, a confissão é o meio para se redimir dos pecados:

“(…) e porque não nos foi privado o livre arbítrio e o uso da vontade, que poderia ser abusado para cometer o mal, provendo o uso da redenção para

---

<sup>97</sup> COSTA, Rovilio (org.). **Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: Vida, costumes e tradições**. Porto Alegre: EST; Sulina, 1974. p. 51.

<sup>98</sup> SIGNOR, Lice Maria. **João Batista Scalabrini e a migração italiana: um projeto sócio-pastoral**. (dissertação de mestrado em História) PUCRS: Porto Alegre, 1984. p. 55.

<sup>99</sup> Tradução: “Guia espiritual do imigrante italiano”. Para a análise do discurso contido no guia foi pesquisado em um exemplar original, datado de 1878, encontrado na biblioteca particular da Profª. Loraine Slomp Giron. Desse exemplar foram tiradas fotografias e selecionados os trechos que se referiam a sexualidade e moralização.

redimir os pecados atuais, temos os meios para recuperar a graça após o pecado, esse meio é a confissão.”<sup>100</sup>

O capítulo V do livro nomeado de: *Della fuga dalle occasioni di peccato*<sup>101</sup>, mostra didaticamente algumas atitudes que os imigrantes devem tomar no Brasil para fugir do pecado, pois descrevem o Brasil como solo fértil para isso, com clima quente, pessoas saudáveis e muita música. O encerramento do capítulo coloca que o perigo maior são as *vendas*, onde se encontram os vícios da bebida e do jogo:

“Como já foi dito anteriormente, é interdita ao colono a entrada nas vendas, a não ser para o necessário, e parar apenas o tempo suficiente para realizar as compras. Para assim se afastar de qualquer perigo. Gostaria que se comportassem quando precisarem entrar em locais os quais sabemos que possuem o perigo da malícia.”<sup>102</sup>

O guia alerta também sobre o abuso do vinho e das bebidas alcoólicas:

“Do abuso do vinho e bebidas alcoólicas: E não são poucos os que estão entregues a esse veneno maldito, sempre junto com a garrafa bebendo gole a gole a vida, logo ali, ou no exato momento que praticam seu trabalho! Pode-se dizer que para muitos italianos, aquela alegria da Providência e aquele estado alegre de vida na nova pátria, foram convertidas no abuso das bebidas alcoólicas e em sua máxima infelicidade, e não são apenas eles que são de fato escravos dessa abominação, mas também seus familiares, e são causas, todas, ou quase todas, as desordens que preocupam as Colônias.”<sup>103</sup>

---

<sup>100</sup> Tradução realizada pela autora. Texto original: “e perche non voleva privarli del libero arbitrio e del uso de la loro volontà, del quale potevano abusare per commettere il male, prevedendo che nonostante la redenzione multissimi si sarebbero perduti per i loro peccati attuali, volle somministrare loro il mezzo per recuperare la grazia dopo il peccato, e questo mezzo é la confessione.” Fonte: *Guida Spirituale per l'immigrato italiano*. P. 87.

<sup>101</sup> Tradução realizada pela autora: “Da fuga ocasião do pecado”.

<sup>102</sup> Tradução realizada pela autora. Texto original: “Como já foi dito anteriormente, é interdita ao colono a entrada nas vendas, a não ser para o necessário, e parar apenas o tempo suficiente para realizar as compras. Para assim se afastar de qualquer perigo. Gostaria que se comportassem quando precisarem entrar em locais os quais sabemos que possuem o perigo da malícia.” Fonte: *Guia Espiritual do Imigrante Italiano*. p. 140.

<sup>103</sup> Tradução realizada pela autora. Texto original: “Do abuso do vinho e bebidas alcoólicas: E não são poucos os que estão entregues a esse veneno maldito, sempre junto com a garrafa bebendo gole a gole a vida, logo ali, ou no exato momento que praticam seu trabalho! Pode-se dizer que para muitos italianos, aquela alegria da Providência e aquele estado alegre de vida na nova pátria, foram convertidas no abuso das bebidas alcoólicas e em sua máxima infelicidade, e não são apenas eles que são de fato escravos dessa abominação, mas também seus familiares, e são causas, todas, ou quase todas, as desordens que preocupam as Colônias.” Fonte: *Guia Espiritual do Imigrante Italiano*. p. 142-143.

O livro apresenta advertência às más companhias que podem macular a imagem do colono perante a comunidade. Há grande preocupação também com a questão do namoro e do matrimônio. O namoro é definido dessa forma:

“Esta é a ocasião que S. Leonardo de Porto Maurício chamava de *Semente do Demônio*. De fato, especialmente no sexo feminino é causa quase única da perda da inocência. Por causa da força do instinto natural, da fragilidade humana e das circunstâncias que quase sempre acompanham o namoro essa ocasião é sempre perigosa.”<sup>104</sup>

Sobre o matrimônio, introduz conselhos para a felicidade do casal sem brigas e discussões, argumentando que essa união é sacramental e não pode ser rompida.

Os Scalabrinianos também dedicaram extenso capítulo que descreve a situação dos divertimentos no discurso missionário. Eles deixam bem claro “que não estamos no mundo para nos divertir”<sup>105</sup>. De acordo com essa crença, condenavam qualquer tipo de lazer, ainda mais os que eram considerados impuros e luxuriosos. O título desse capítulo já explicita quais eram esses divertimentos: “Dos divertimentos, bailes, cantos, músicas”<sup>106</sup>. Em relação aos bailes é colocado: “A ocasião é por si só muito perigosa, ainda que todas as precauções sejam tomadas será sempre melhor evitá-la.”<sup>107</sup>

O guia também coloca o repúdio dos missionários em relação às festas de carnaval, consideradas pecaminosas. A música e o canto também são criticadas nesse sentido e por incentivarem o baile, que era símbolo mor do antipuritanismo, segundo os ultramontanos.

---

<sup>104</sup> Tradução realizada pela autora. Texto original: “Esta é a ocasião que S. Leonardo de Porto Maurício chamava de *Semente do Demônio*. De fato, especialmente no sexo feminino é causa quase única da perda da inocência. Por causa da força do instinto natural, da fragilidade humana e das circunstâncias que quase sempre acompanham o namoro essa ocasião é sempre perigosa.” Fonte: *Guia Espiritual da Imigração Italiana*. p. 151.

<sup>105</sup> “Che non siamo al mondo per divertirci”. Fonte: *Guia Espiritual do Imigrante Italiano*. p. 207. Tradução realizada pela autora.

<sup>106</sup> “Dei divertimenti, balli, suoni, canti.” Fonte: *Guia Espiritual do Imigrante*. p. 191. Tradução realizada pela autora.

<sup>107</sup> “La occasione é per se stessa pericolosa, ed anche presa con tutte le precauzioni (il che a voi ternerebbe impossibile) sarà sempre piu sicuro, evitarla.” Fonte: *Guia Espiritual do Imigrante Italiano*. p. 197. Tradução realizada pela autora.



Entretanto, não foram só os Scalabrinianos que utilizaram-se da linguagem escrita para difundir seu discurso. Outra corrente missionária de papel-chave para a RCI também abusou desse recurso para espalhar suas idéias e alcançar seus objetivos, porém nessa situação, principalmente através da imprensa. Esse é o caso dos Capuchinhos.

“Após a Revolução Francesa, a província Capuchinha da Sabóia foi restaurada. Recolheram-se os frades que ainda viviam secularizados e clandestinos, em número não superior a vinte, e sob a direção de Frei Eugênio de Rumilly (1769-1843), constituíram nova fraternidade religiosa, com sede em Chambéry.” (Cognin, 1934, p. 112).<sup>108</sup>

O Papa Leão XIII foi avisado da situação de abandono religioso em que se encontravam os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, e a pedido do Bispo gaúcho Dom Cláudio Ponce de Leão propôs que designassem alguns missionários capuchinhos para auxiliar os colonos.<sup>109</sup>

A partir desse momento alguns capuchinhos foram enviados ao RS com esse intuito. A primeira colônia que recebeu os missionários foi a de Conde D’Eu. Lá dois missionários conviveram durante anos com o pároco da colônia e dedicaram-se à educação dos colonos. Mesmo sendo franceses os Capuchinhos foram muito bem recebidos pelos italianos e dedicaram-se ao estudo da língua e da cultura italiana, a fim de manter a identidade dos migrantes. *Zagonel* coloca sobre a atuação de Frei Bruno Gillonay, um dos primeiros missionários na região:

“Tanto na pastoral quanto no ensino o critério de ação deveria ser a pessoa do imigrante com sua história e cultura. A preocupação de Frei Bruno em ter religiosos nas escolas devia-se ao desejo de fazer frente à expansão maçônica.”<sup>110</sup>

---

<sup>108</sup> ZAGONEL, Carlos Albino. **Capuchinhos de Sabóia no Rio Grande do Sul**. IN: COSTA, Rovílio (org.); MOLON, Moacir Pedro(org.); DE BONI, Luis Alberto (org.). *Os Capuchinhos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1996.p. 15.

<sup>109</sup> Ibidem 80. p. 18.

<sup>110</sup> Ibidem 80. p. 27.

Os Capuchinhos acabaram assumindo diversas tarefas a frente da paróquia de Garibaldi e foram influenciando cada vez mais em suas decisões. Em 1909, o Padre Carmine fundou em Caxias o Jornal católico *La Libertá*. Por motivo de conflitos com outro religioso o periódico decaiu e acabou sendo comprado pelo pároco João Fronchetti da Colônia Conde D’Eu, aquisição que fez com ajuda de amigos. Então o jornal foi transferido para esta colônia, alterando seu nome para *Il Colono Italiano*.<sup>111</sup>

Em 1921, o *Il Colono Italiano* passa a pertencer aos Capuchinhos, pois esses vinham tomando conta de quase todos assuntos da paróquia, já que o Pe. Fronchetti estava bastante debilitado. Então funde-se com o *Corriere d’Italia*, jornal católico publicado em Bento Gonçalves (Princesa Isabel). Aí assume o nome de *Staffetta Riograndense*, com o qual circulou até 1941, quando passa a ser publicado em português. Trata-se do *Correio-Riograndense*, que circula até os dias atuais.<sup>112</sup>

Segundo *frei Bruno*, o jornal *Staffetta Riograndense* representaria um tipo diferente de imprensa e atenderia às necessidades do colono e também dos religiosos de difundir seu ideário:

“Não a imprensa como é entendida na Europa, isto é, imprensa política, de novidades, de lutas apaixonadas. Não é esse tipo de imprensa que queremos aqui. Trabalhamos para estabelecer com simplicidade, no centro da colônia italiana, uma pequena impressora que levará periodicamente, no seio das famílias, em sua língua materna, uma página de Santo Evangelho, explicada e comentada, uma história edificante, alguns conselhos de agricultura, indicação de algumas brochuras adaptadas às necessidades dos colonos.”<sup>113</sup>

---

<sup>111</sup> COSTA, Rovílio. **A Imprensa na visão de Frei Bruno de Gillonay**. IN: COSTA, Rovílio (org.); MOLON, Moacir Pedro(org.); DE BONI, Luis Alberto (org.). *Os Capuchinhos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1996.p. 40

<sup>112</sup> POZENATO, Kenia Maria Menegotto (org.); GIRON, Loraine Slomp (org.). **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004. p. 58.

<sup>113</sup> Ibidem 83. p. 40.

Esse jornal obteve grande aceitação na região, chegando a contar em 1950 com quase 50 mil assinantes.<sup>114</sup> O periódico apresentava artigos críticos, comentários sobre o evangelho, informações sobre a agricultura e na parte do humor contava com a maior figura de formação da identidade regional: *Nanetto Pipetta*.<sup>115</sup> Além de representar um personagem cômico, as histórias de Nanetto Pipetta também salientam discurso moralizante. Segundo *Orlandi*:

“A maneira de se comportar frente à vida religiosa é um outro elemento muito presente na narrativa. Entre as mensagens está a advertência para que os leitores não se deixem enganar por falsas credences, como feitiçarias ou benzeduras, além de salientar a necessidade das orações diárias, não falar em imprecações e blasfêmias contra os padres e os santos e manter sempre uma postura digna nos rituais religiosos.”<sup>116</sup>

O *Correio-Riograndense* sempre se preocupou muito com o discurso moralizador. Suas edições sempre contavam com artigos críticos às contravenções morais.<sup>117</sup> O jornal apresentou em diversos números críticas à moda como fator de desmoralização social da

---

<sup>114</sup> BAGGIO, Décio. **Meios de Comunicação**. IN: COSTA, Rovílio (org.); MOLON, Moacir Pedro(org.); DE BONI, Luis Alberto (org.). *Os Capuchinhos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1996.p. 555.

<sup>115</sup> “A publicação seriada no jornal durou apenas um ano, mas Nanetto Pipetta teve vida longa entre os descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Em 1937, a obra foi editada em livro, contabilizando até o momento dez novas edições. Além disso, em 1965, quarenta e um anos após a publicação de Nanetto, no jornal, Aquiles escreveu uma continuação da história que foi publicada, igualmente em folhetim, no mesmo jornal, só que agora denominado *Correio Riograndense*, com o título “*Storia de Nino: fradello de Nanetto Pipetta*”. Mais recentemente, a partir de 1987, a obra de Nanetto Pipetta também mereceu uma adaptação para a linguagem teatral, produzida pela grupo *Miseri Colóni* de Caxias do Sul. E atualmente, reafirmando a vitalidade deste personagem, foi lançada, também no jornal *Correio Riograndense*, a partir de 17 de abril de 1999, uma nova versão da obra intitulada “*El Ritorno de Nanetto Pipetta*”, cujo autor é Pedro Parenti, um dos integrantes do grupo teatral *Miseri Colóni*.” *Referência*: ORLANDI, Adriana. **Nanetto Pipetta: representação histórica, memória coletiva e identidade nas comunidades coloniais italianas do Rio Grande do Sul**. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000. p. 6-7.

<sup>116</sup> *Ibidem* 87. p. 62.

<sup>117</sup> *Valduga* também traz em sua dissertação uma análise do discurso moralizante explicitado nas páginas do *Correio Rio Grandense*. Seu trabalho tem como objetivo interpretar a identidade regional influenciada pela imprensa católica. Dessa forma faz análise cabal dos Periódico católico *Correio-Riograndense*, e traz um capítulo dedicado ao discurso moralizador onde conclui que o jornal pregava principalmente contra os vícios do tabaco e do vinho, contra a moda e o cinema, a favor da mãe e pai ideais e estabelecimento firme da família, além de abominar o suicídio e algumas outras realidades que segundo eles eram frutos da modernidade e deveriam ser afastadas da vida simples rural. Fonte: VALDUGA, Gustavo. **Paz, Itália, Jesus: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. (Mestrado em História) Porto Alegre: PUCRS, 2007. p. 90-97.

juventude por mostrar demais o corpo. Exemplos disso são as seguintes citações<sup>118</sup> retiradas de suas páginas:

“Nos nossos dias a moda parece que pretende reunir o desvario de todas as épocas passadas: retirou-se as golas lançou o decote franco, encurtou as saias e tirou-lhes a roda (batendo o recorde de todos os tempos neste ponto), suprimiu os cintos e hoje arranca os ombros e as mangas. E com que intuito? Agradar? Mas não vemos que ela se torna cada vez mais desprezível?”<sup>119</sup>

O tipo de roupa com que as mulheres deveriam comparecer na igreja também era alertado:

“As Senhoras honestas: I – As senhoras e senhoritas que fazem parte da liga, não podem comparecer a missa com roupas muito curtas e transparentes, nem que sejam contrárias à modéstia cristã. II- Devem comparecer à Igreja com a cabeça coberta, especialmente ao aproximar-se do S. Sacramento.(...)”<sup>120</sup>

O jornal também dedica-se à crítica do cinema, considerado imoral por incentivar “as paixões com encantos diabólicos de mise en scene, com a torpe linguagem dos olhos, das mãos e do corpo, encontram adaptável terreno no coração desprevenido da adolescência e são a origem de grandes desordens e inúmeras desgraças.”<sup>121</sup>

Outros alvos do discurso católico proferido pelo periódico são os bailes por representarem “a inflamação do sangue, os atrativos dos sentidos, a ocasião da noite e a inconveniência dos trajés que são causa de muitos pecados contra a pureza;”<sup>122</sup> e a realização de concursos de beleza por ser considerado “lamentável esta exibição de nossas patricias em

---

<sup>118</sup> Todas as citações apresentadas nessa parte do texto foram retiradas das páginas do Jornal Correio-Riograndense. Para isso, foi feito levantamento de dados na coleção completa do jornal que encontra-se microfilmada no acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami em Caxias do Sul. O levantamento foi feito com bases na metodologia de análise de conteúdo e partir disso se separou os artigos relacionados à moral, à sexualidade, à família e aos vícios. É bom lembrar que essa pesquisa foi feita nos números do periódico publicados nas décadas de 1920 a 1950.

<sup>119</sup> “A Moda” IN: **Staffeta Riograndense**, nº 43, 1921.

<sup>120</sup> “Alle Donne Oneste” IN: **Staffeta Riograndense**, nº 36, 1925. O trecho foi traduzido pela autora. Texto original: “Alle Donne Oneste: I- Le Signore e Signorine Che aderiscono alla Lega, nom porterano ré vesti NE sottovesti troppo corte e trasparenti, o comunque contrarie alle-norme della modéstia Cristiana. II-Andranno in Chiesa col capo coperto, soprattutto quando si accostano ai SS. Sacramenti.(...)”

<sup>121</sup> “O Cinema Corruptor” IN: **Staffeta Riograndense**, 8 de março de 1922.

<sup>122</sup> “Razões porque um cristão não deve dançar” IN: **Staffeta Riograndense**, 17 de junho de 1925.

trajes despudorados, prestando-se aos mais torpes comentários e levianos da turba dos gozadores da vida e da trêfega rapaziada”<sup>123</sup>.

Sobre a dança e os bailes encontra-se o seguinte texto, que apresenta 21 motivos para o cristão não praticá-los:

- “1º Porque pelo contato familiar com o outro sexo nos bailes, se despertam e alimentam as más paixões;
- 2º Porque até os melhores bailes trazem consigo ao menos inveja, burlas ou amores culpáveis;
- 3º Porque a inflamação do sangue, os atrativos dos sentidos, a ocasião da noite e a inconveniência dos trajes são causa de muitos pecados contra a pureza;
- 4º Porque quando se dança, ouvem-se gracejos e palavras que produzem um sentimento como um fogo, de onde vem muitos males;
- 5º Porque ninguém pode dançar com a consciência tranqüila, pois, quem brinca com fogo corre perigo certo de se queimar;
- 6º Porque a Igreja Católica, nossa mãe, condena a dança como divertimento impuro e incompatível com a vida cristã;
- 7º Porque até os moralistas pagãos antigos chamam a dança indecente e voluptuosa;
- 8º Porque a dança foi o meio pelo qual o cruel imperador Nero corrompeu a cidade de Roma;
- 9º Porque a dança foi a causa da morte de São João Batista;
- 10º Porque a dança, é, em toda a parte, o sinal certo para se conhecer quem é mundano;
- 11º Porque a dança promíscua nunca foi praticada pelos fies da antiga lei, nos tempos bíblicos;
- 12º Porque a dança entristece e ofende a todos os verdadeiros cristãos;
- 13º Porque a dança é um vício, companheiro da gula, da embriaguez e da impudícia;
- 14º Porque a dança consipa a inteligência, corrompe o coração e canteriza a consciência;
- 15º Porque o traje do baile é invenção imoral das...
- 16º Porque as liberdades que há nas danças fornecem motivos para muito divórcio;
- 17º Porque os homens não procuram dançar com as suas esposas e irmãs, mas, com outras – viceversa - logo...
- 18º Porque além das músicas e dos movimentos, tem a dança uma referência sexual;
- 19º Porque os relatórios mostram que 75% das mulheres abandonadas, o são por causa dos bailes;
- 20º Porque cristão deve fazer tudo para maior glória de Deus; ora, o dançar é contra a glória e honra de Deus; (sem que seja numa festa de caridade)
- 21º Porque nenhum cristão verdadeiro quereria morrer no meio de um baile, logo...”<sup>124</sup>

---

<sup>123</sup> “Concursos de Beleza” IN: **Staffeta Riograndese**. 17 de agosto de 1955.

<sup>124</sup> “Quem vai ler isso?” IN: **Staffeta Riograndese**. 17 de julho de 1925.

Além disso, quase todos os números apresentam artigos em defesa da família e da responsabilidade dos pais na criação dos filhos, e outros que censuram o meretrício, o adultério, a separação, o não-casamento e os vícios do alcoolismo e dos jogos.

As informações apresentadas nessa parte do trabalho são importantes para o entendimento do que vai ser narrado a seguir no segundo capítulo. O que veio sendo explicitado até o momento objetivava remeter aos alicerces de uma identidade religiosa na região e à força do discurso moralizante.

Corroborando com *Marin*, conclui-se nesse capítulo que tanto a moral quanto o discurso são construtos e que acabaram se cristalizando na memória da região, entretanto: “O estereótipo religioso dos imigrantes e descendentes, que foi apologizado pela historiografia, foi construído pelos padres, ao longo de vários anos, no âmbito espiritual.”<sup>125</sup>

A fase seguinte do trabalho aspira demonstrar práticas transgressoras, uma sexualidade mais viva, mais exposta e cotidiana, que transcorre, paralelamente, ao discurso moralizante e à moral sexual católica, de forma que se pode definir como a moral real, cotidiana em contraponto a moral imaginária, discursiva.

---

<sup>125</sup> MARIN, Jéri Roberto. “**Ora et Labora**”: o projeto de restauração católica da ex-colônia Silveira Martins. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 1993. p. 174.

### 3. OS SILÊNCIOS SUSPIRADOS: A SEXUALIDADE E AS CONTRAÇÕES

Como foi visto até agora, o cotidiano da Região Colonial Italiana era aparentemente baseado no lema monástico “Ora et Labora”.<sup>126</sup> A idéia do mandamento provinha da ordem religiosa beneditina, a mais antiga do ocidente, fundada em 529, na Baixa Idade Média. São Bento foi o fundador da ordem, e os beneditinos surgiram, então, no Monte Cassino (Itália), preocupados com a decadência dos costumes nesse período, tinham como objetivo maior rezar e trabalhar.<sup>127</sup>

Esse lema parece alcançar todas as posteriores ordens religiosas. Dessa forma, não foi diferente com as que chegaram ao território sul rio-grandense e se dedicaram aos imigrantes italianos no século XIX e início do século XX. “Ora et Labora” era a base da moral monacal que esses missionários pretendiam aplicar aqui, de maneira que qualquer tipo de contração ao lema ficava proibido.<sup>128</sup> As formas de lazer, segundo esse pensamento, resumiam-se às festas religiosas, e assim foi definido o cotidiano do colono italiano por muitos anos.

Segundo *Possamai*: “A imposição de uma moral monacal pelos missionários só se deu pela sua insistência e nem sempre foi coroada de êxito.”<sup>129</sup> De acordo com isso, entende-se que a imposição da moral na região demandou projeto, planos e práticas repressivas, descaracterizando o conhecimento moral que vinha com os imigrantes da Itália e substituindo-o por um outro proveniente da cultura católica e elaborado em sua forma mais radical.

A imposição demanda repressão e, para que tivesse êxito, concorda-se com Chauí na seguinte análise: “(...) a repressão sexual será tanto mais eficaz quanto mais conseguir ocultar,

---

<sup>126</sup> Reza e Trabalha.

<sup>127</sup> **A Regra de São Bento**. BASÍLIO, D. Penido (tradução). Petrópolis: Vozes, 1993. p. 34.

<sup>128</sup> MARIN, Jéri Roberto. “**Ora et Labora**”: o projeto de restauração católica da ex-colônia Silveira Martins. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 1993.

<sup>129</sup> POSSAMAI, Paulo Cesar. **Dall’Itália siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875 -1945)**. Passo Fundo: UPF, 2005. p.142.

dissimular e disfarçar o caráter sexual daquilo que está sendo reprimido (...)”.<sup>130</sup> Assim, conclui-se que na Região Colonial Italiana as ordens religiosas conseguiram, através de projeto repressor, ocultar as realizações cotidianas da população, sendo que essa visão foi absorvida e cristalizada pela historiografia.

A palavra Moral tem origem no latim - *morus* - significando os usos e costumes. Moral é o conjunto das normas para o agir específico ou concreto. A Moral está contida nos códigos, que tendem a regulamentar o agir das pessoas. A moral religiosa, portanto, estabelece um conjunto de regras designadas para regimentar o comportamento e os costumes dos seus seguidores.<sup>131</sup>

A moral católica baseia-se principalmente em dois conjuntos de regras: *Os Dez Mandamentos e Os Sete Pecados Capitais*.<sup>132</sup>

Os mandamentos, conforme a Bíblia, são o conjunto de leis que teriam sido originalmente escritos por Deus em tábuas de pedra e entregues ao profeta Moisés (*As Tábuas da Lei*):

1. *Adorar a Deus e amá-Lo sobre todas as coisas;*
2. *Não invocar o Seu santo nome em vão;*
3. *Guardar os domingos e festas;*
4. *Honrar pai e mãe (e os outros legítimos superiores);*
5. *Não matar (nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo);*
6. *Não pecar contra a castidade (em palavras ou em obras);*
7. *Não furtar (nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo);*

---

<sup>130</sup> CHAÚÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa desconhecida**. Brasiliense: São Paulo, 1991, 12ª ed. P. 10.

<sup>131</sup> GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A tirania do prazer**. Maria Helena Kuhner (tradução). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 434 p. p. 251.

<sup>132</sup> *Ibidem* 103



8. *Não levantar falsos testemunhos* (nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo);
9. *Não desejar a mulher do próximo*;
10. *Não cobiçar as coisas alheias*.

Já a lista de pecados capitais, surgiu na Idade Média, e atualmente aceita-se a versão escrita por São Tomaz de Aquino<sup>133</sup> no século XVII:

1. *Vaidade*;
2. *Inveja*;
3. *Ira*;
4. *Preguiça*;
5. *Avareza*;
6. *Gula*;
7. *Luxúria*.

Dessa forma, tem-se a base da moral católica. Entretanto, nesse momento pretende-se analisar mais profundamente a moral sexual. Assim como as regras morais gerais, as regras da sexualidade também têm origem nesse conjunto de leis. Dos mandamentos destacam-se os que se referem à proibição de pecar contra a castidade e também ao que adverte sobre a cobiça à mulher do próximo. Já dos Pecados Capitais destaca-se a luxúria. Unindo essas pregações obtêm-se uma espécie de resumo sobre a moral sexual católica.

Voltando ao contexto regional, a moral sexual assume papel importante na pregação dos missionários. A idéia do “Ora et Labora” se cumpre com as proibições sexuais.

---

<sup>133</sup> Tomás de Aquino foi responsável, no século XVII, pelo desenvolvimento da Escolástica, aplicando ao pensamento uma filosofia crítica. Referência: COSTA, Elcias Ferreira da. **Tomás de Aquino: um presente à inteligência**. Recife: do autor, 2006. p.112.

“(…) ocorre com o trabalho algo semelhante ao que ocorrera com o sacramento do casamento, ele não é apenas freio para o sexo: é um substituto para ele e o melhor dos substitutos, pois é virtude, vocação espiritual, reconhecimento profissional, legitimidade da propriedade e da riqueza, enfim, valor positivamente positivo.”<sup>134</sup>

Na moral sexual católica também se aplicam os indicativos dos *vícios e virtudes*, presentes nas reflexões éticas. As virtudes são as ações que estão alocadas dentro das regras morais vigentes, ao contrário dos vícios que são as contravenções dessas regras.

Essa introdução é um tanto superficial, porém é relevante para se fazer a relação com a aplicação da moral sexual católica na Região Colonial Italiana.

Sabendo-se que o objetivo dos missionários católicos com o processo de Romanização era de enquadramento do catolicismo sincrético rural, seja ele brasileiro ou italiano, nas regras da Santa Sé, faz-se analogia também às regras referentes à sexualidade.

Entretanto, pode-se dizer que o conjunto moral não era seguido à risca pelos colonos e seus descendentes, pois os vícios e as virtudes conviviam no dia-a-dia da região. Dessa maneira, a investigação sobre as práticas contraventoras da moral sexual realizadas demonstraram outra realidade no que diz respeito à sexualidade da região estudada.

A moral discursiva, então, aparece como uma linha imaginária que não corresponde com a moral real. A moral real, as práticas cotidianas são outro conjunto de regras que não as católicas, mas que regiam a vida dessa população, mesmo que no discurso o catolicismo fosse referenciado como maior.

A partir dessas considerações, objetiva-se evidenciar a moral real e a sexualidade cotidiana em contraponto à moral discursiva, imaginária.

---

<sup>134</sup> CHAUI, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa desconhecida**. Brasiliense: São Paulo, 1991, 12ª ed. p. 152.

### 3.1. OS SILÊNCIOS

A busca por temas antes considerados irrelevantes pelos historiadores fez com que a sexualidade se tornasse um assunto privilegiado na escrita da história a partir do final do século XX. Por muito tempo ela era considerada objeto de estudo apenas das áreas biológicas, não podendo se encaixar nas ciências humanas. Isso gerou diversas lacunas na produção historiográfica. O silêncio em relação ao sexo começa a ser quebrado com o trabalho de *Foucault* “A História da Sexualidade”, e um número crescente de historiadores passa a buscar as revelações da sexualidade ao mesmo tempo que a atitude de pudor herdada do século XIX se dissipava.<sup>135</sup>

A partir desses precursores, o que vem se tentando fazer atualmente nos estudos de história da sexualidade, além de revelar a lacuna do sexo na história, é conciliar as duas formas de abordagens sobre a sexualidade que ao serem comparadas e interpretadas em conjunto parecem fazer sentido e indicar uma realidade mais complexa sobre esse assunto. Essas duas formas de abordagem seriam: uma mais preocupada com o discurso em torno da sexualidade e outra que se dedica às práticas cotidianas.<sup>136</sup>

É dessa maneira que se pretende construir essa parte do trabalho. Tentando relacionar os discursos moralizantes e seu contexto anteriormente trabalhados com as realidades vividas pelos sujeitos sociais da história da RCI. Assim como diz *Foucault*, o saber sobre o sexo gera prazer e, além disso, consegue contrapor-se ao poder do discurso.<sup>137</sup>

Voltando a idéia dos silêncios, *Pollak* cita a seguinte exposição, definindo os silêncios da memória coletiva, posteriormente institucionalizados da história:

---

<sup>135</sup> ENGEL, Magali. **História e Sexualidade**. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion (org.); VAIFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 297.

<sup>136</sup> Ibidem 109, p. 131.

<sup>137</sup> FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1990. V.1. p. 81.

“(…) existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos.”<sup>138</sup>

Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que a questão da sexualidade na Região Colonial Italiana ainda é um silêncio, um não-dito, tanto na memória de seu povo, quanto na memória institucionalizada criada pela historiografia. Porém, esses esquecimentos não estão perpetuamente apagados e é a partir daí que se pretende expô-los como novos dizeres que podem contribuir na reconstrução da memória e da história regional.

A sexualidade sempre foi tratada de forma discreta na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, como um *tabu*<sup>139</sup>. Este fenômeno deve-se, em grande parte, à rígida moral sexual católica e também à construção identitária da cultura regional, que se caracteriza fortemente pelo catolicismo.

Contudo, o silêncio também pode ser interpretado como parte integrante da cultura regional; reporta-se a uma realidade onde impera o desconhecimento do corpo e da sexualidade. O medo dos “castigos divinos” pregados pelos discursos de sacerdotes nos púlpitos e nas seções de confissões, além de uma educação moral que proibia qualquer tipo de comentário sobre o sexo, acabou gerando jovens que estranhavam os temas referentes ao sexo.

No caso da região aqui estudada, o silêncio em relação ao sexo não é só uma lacuna histórica, mas também uma vivência de seus habitantes. Para desvendar a sexualidade cotidiana é necessário expor a sexualidade silenciada.

---

<sup>138</sup> POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989. p. 8.

<sup>139</sup> Neste caso, utiliza-se o sentido mais amplo da palavra definindo tudo aquilo que é convencionalmente evitado ou proibido, especialmente por motivos religiosos ou morais.

A historiografia regional já observou que a educação era falha e repressiva no que diz respeito ao sexo. “Era pecaminoso e proibido falar em temas sexuais. Nem mesmo às jovens que estavam para casar, davam-se as devidas explicações a respeito do nascimento das crianças.”<sup>140</sup> Os pais tinham como objetivo “manter oculto tudo o que se referisse a sexo, afetividade e amor”<sup>141</sup> e eram apoiados pela educação formal, que geralmente era responsabilidade de colégios católicos.

Portanto, para buscar maiores informações sobre essa falta de educação sexual e os resultados dela, foi necessária a busca por depoimento das pessoas regidas por esse sistema. Primeiramente deparou-se com o acervo do Banco de Memória do AHMJSA.<sup>142</sup> Através do acervo ficou comprovada essa idéia do desconhecimento dos temas relacionados à sexualidade, entretanto como as entrevistas eram dirigidas a diversos assuntos, a questão da sexualidade acabou ficando em segundo plano.

A partir disso chegou-se a conclusão que era preciso buscar depoimentos<sup>143</sup> direcionados ao tema que se objetivava e, a partir dos dados encontrados nas entrevistas realizadas com esse intuito e com a colaboração dos dados encontrados no Banco de Memória, ficou viável o traçado de um perfil do desconhecimento e do silêncio sobre o sexo.

---

<sup>140</sup> BATTISTEL, Arlindo Itacir. **Colônia Italiana: religião e costumes**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981. p. 29

<sup>141</sup> COSTA, Rovílio (org.). **Imigração Italiana no Rio Grande do Sul Vida, costumes e tradições**. Porto Alegre: EST; Sulina, 1974. p. 72.

<sup>142</sup> O Banco de Memória consiste em um grande número de entrevistas de história oral realizadas por funcionários do Arquivo Municipal João Spadari Adami em períodos diferentes. Estas entrevistas estão organizadas em grupos ou séries caracterizados por idéias-chave. No caso deste trabalho foram utilizados principalmente as séries: História de Vida e Ritos de Passagem. Em anexo, ao final do texto, encontram-se as referências e códigos de todas as entrevistas utilizadas para essa pesquisa.

<sup>143</sup> Os depoimentos, assim como o roteiro das entrevistas encontram-se transcritos na íntegra nos anexos ao final do trabalho. O método da história oral é um campo que vem de longa data sendo discutido, portanto é válido ressaltar que para a realização dessas entrevistas usou-se como base os seguintes estudos: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janáina. **Usos e Abusos da História Oral**. 3º Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000; e ainda, seguindo a idéia colocada por Constantino: “produzindo documentos a partir da história oral utilizaremos os dados da mesma forma que com trechos extraídos de documentos escritos.(...) para construir um texto que utiliza história oral, é necessário ter algumas habilidades especiais.”. De acordo com a autora, uma dessas habilidades específicas necessárias ao uso da metodologia da história oral, seria, não só utilizar “trechos de depoimentos, de acordo com nossos objetivos de pesquisa”, mas também “considerar uma vasta gama de informações, até mesmo sobre o contexto da entrevista (...). As palavras, expressão de lembranças, devem ser por nós registradas de acordo com normas ortográficas, (...)”. Referência: CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Narrativa e história oral**. IN: Revista Humanas, Porto Alegre, v. 19/20, p. 115-126, 1996-1997.

O desconhecimento das funções sexuais do corpo ficou evidente nesses depoimentos. A falta de diálogo e comunicação sobre esses assunto gerou traumas que transpareceram nas falas dos depoentes. O maior deles parece ser, para as mulheres, a experiência da primeira menstruação<sup>144</sup>.

Quando questionados em relação aos conhecimentos que tinham dessa função, algumas chegam a se emocionar com o tamanho susto que levaram pois não sabiam o que aquele sangramento significava. A.Z.M relatou a sua experiência da seguinte forma:

“Olha, na menstruação levei um susto porque eu tinha 14 anos e eu não sabia, porque a minha mãe nunca falou nada nunca, nunca. Eu trabalhava lá no Chisté e quando eu vi, eu tava menstruada. Fiquei apavorada, então falei com uma colega minha e foi ela que me explicou o que que era e que aquilo ia durar dias... e eu nunca tive coragem de dizer pra minha mãe que tava menstruada, nem quando tinha cólicas. Ela ficou sabendo porque eu usava uns retalhinhos que ela costurava e jogava no meio do jornal, acho que ela descobriu assim, porque ela nunca falou pra mim e eu nunca falei pra ela.”<sup>145</sup>

Outras se indignam com a falta de sensibilidade das mães por nunca a terem alertado sobre tal acontecimento e por terem que descobrir por conta própria ou através de estranhos o significado e o motivo do sangramento. Para E.V., além de ter sido um episódio dramático, a falta de conhecimento causou problemas de saúde e hoje em dia ela diz sentir ressentimento do tipo de relacionamento que se tinha com os pais, pois quem forneceu as informações pra ela foi uma estranha e posteriormente outras pessoas com as quais não tinha intimidade. Para ela, o episódio da menstruação se configurou da seguinte forma:

---

<sup>144</sup> Em recente artigo, as representações da experiência da menarca também são abordadas. As autoras trabalham com esse episódio como um ritual de passagem, procurando compreender seu significado nas representações do feminino. Estas conclusões são apresentadas através de diversas entrevistas de história oral realizadas com mulheres de várias gerações residentes do sul de Santa Catarina. A conclusão das autoras coloca que os silêncios referentes à menstruação são norteados pelo medo e pela vergonha e como construções culturais trazem relações de poder, que objetivam principalmente o controle do corpo feminino. Referência: FÁVERI, Marlene de; VENSON, Anamaria Marcon; **Entre vergonhas e silêncios, o corpo segredado. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação.** IN: Anos 90: Revista de Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS.IFCH. Programa de Pós-Graduação em História. V. 14, n. 25, Porto Alegre: PPGH, julho de 2007. p. 65-98.

<sup>145</sup> Vide entrevista nº 02 nos anexos.

“Ah...eu fiquei até doente e tive que ir pro hospital depois. Quem veio me buscar lá na minha casa pra ir no Hospital e que me explicou tudo foi a dona Ilce Delmese, esposa do Dr. Delmese. E ela disse - a tua mãe não te explicou? - E a minha mãe não me explicou nada. Não me disse que a gente não devia de manter sexo porque ficava grávida, nada, nada. Depois que ela me explicou eu cheguei na colônia com umas colegas mais velhas e perguntei. Eu não sabia nada, eu me passava álcool, achava que era uma coisa que não era pra acontecer. Tinha vergonha, porque também nós não pedia nada pros pais, porque capaz de tu pedir pro pai e ainda te xingarem de puta de sem-vergonha. Eu fiquei sabendo com essa senhora e as colegas da colônia mais velhas.”<sup>146</sup>

Outro desconhecimento que foi colocado pelos depoentes, mas que não assumiu tom dramático (diversas vezes gerou até risadas), foi a questão da gravidez. A maioria dos entrevistados, tanto homens quanto mulheres, afirmaram que por muito tempo não sabiam a origem dos bebês e acreditavam em anedotas que os próprios pais contavam para justificar o aparecimento de crianças na família. E.V. diz: “(..)minha mãe ficava grávida e me dizia - Ah! O teu irmãozinho ele veio de lá da lagoa. - e tinha as rãzinha que fazia barulhinho e ela dizia que era de lá.”<sup>147</sup> E a maioria dos entrevistados corroborou com esta história, e alguns ainda citaram a hipótese contada pelos pais de que os bebês nasciam junto aos repolhos ou de que a parteira os trazia em uma tina de leite bem grande de onde quem estava interessado em ter filhos dali escolhia seu favorito<sup>148</sup>.

Posteriormente, segundo eles, acabavam descobrindo sozinhos ou com a ajuda de amigos mais velhos a origem dos bebês. Os depoimentos também deixaram claro que a gravidez era escondida, era mantida em segredo, por isso era difícil saber qualquer coisa sobre mulheres grávidas: “(...) na época não se via mulheres grávidas. Quando tavam nos últimos meses não iam nem na missa. Não saiam muito de casa, sei lá se era feio ou o que.”<sup>149</sup> Até mesmo a vestimenta do bebê era mantida em segredo absoluto: “(...)a mãe fazia sapatinhos, fazia roupinhas, mas não na nossa frente, tudo escondido! Quando a gente tava trabalhando

---

<sup>146</sup> Vide entrevista nº 01 nos anexos.

<sup>147</sup> Ibidem 117.

<sup>148</sup> Vide entrevista código FG 679 e 680, do Banco de Memória do AMJSA. Encontra-se em anexo referência completa.

<sup>149</sup> Vide entrevista nº 03 dos anexos.

então ela fazia. E um dia eu descobri dentro de uma gaveta de um bidê, descobri um sapatinho, até levei pras minhas colegas verem o sapatinho, a minha mãe ficou furiosa.”<sup>150</sup>

A perda da virgindade também foi relatada como dramática pela maioria das mulheres entrevistadas. Só depois de casadas é que descobriram o que se fazia na noite de núpcias, antes eram assombradas por histórias contadas pelas amigas que a deixavam apreensivas. Sobre o ato sexual, acreditavam que ocorressem hemorragias e dores violentíssimas. Algumas senhoras dizem ter casado sem saber o que era realmente o ato sexual, achando que casamento significava morar junto com o marido e realizar as tarefas domésticas.

Para os homens esse episódio se configurou de forma mais tranqüila, quando questionados em relação ao conhecimento que tinham sobre o ato sexual a maioria respondeu que já tinha conhecimento sobre o assunto desde cedo, exemplo disso está na fala de A.R.: “Ah! Aquilo ali nós sabia tudo! Sabia sim! Pelos outros mais velhos nós aprendia tudo. Os malandron ali ensinavam. Eles contava tudo como era.”<sup>151</sup> Sobre isso, *Boscatto* em sua obra descreve:

“Os moços adquiriam alguns conhecimentos referentes ao sexo geralmente com os amigos mais velhos ou ouvindo conversas do já casados. Estes, todavia, a título de gozação, muitas vezes davam informações completamente erradas ou distorcidas, deixando os calouros ainda mais embaraçados.”<sup>152</sup>

Além de desconhecer as funções sexuais, o corpo<sup>153</sup> como um todo era rodeado de tabus, o toque e o contato corporal eram quase inexistentes. Nas descrições que os depoentes

---

<sup>150</sup> Vide entrevista nº 02 dos anexos.

<sup>151</sup> Vide entrevista nº 06 dos anexos.

<sup>152</sup> BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento**. Flores da Cunha: O Florense, 1994. p. 45.

<sup>153</sup> Interessantes leituras sobre o aspecto do corpo na região encontram-se nas seguintes referências: FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens Femininas: contradições, ambivalências, violências: 1875-1950**. (tese de doutorado). PUCRS, 1994. Nesse trabalho a autora introduz algumas interpretações sobre o corpo feminino na RCI; MOCELIN, Maria Clara. **O Corpo em Evidência: colonos italianos no sul do Brasil**. IN: LEAL, Ondina Fachel(org.). **Corpo e Significado: Ensaios de Antropologia Social**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.2ª edição. Mocelin neste artigo trabalhou com as representações e os significados do comportamento e do gestual dos agricultores da RCI e como estes eram identificados através do corpo e de seu comportamento. Sobre o corpo



deram de seus namoros, disseram que, muitas vezes, passavam de dois a três anos sem beijar na boca. Carícias então, quase impossíveis.

Ao lembrar-se de seu namoro, A.M. coloca: “Ah! Não era que nem o namoro de hoje. Tinha beijos, mas não era beijos de boca que nem a gente vê hoje em dia. Era beijo de rosto e um abraço.”<sup>154</sup> Entretanto, outro depoente diz que a explicação para tal pudor não era vontade dos namorados, mas sim dos pais, sempre alertas: “O namoro era muito sério. As véia tava sempre por perto. (risos) Elas ficavam espiando, era assim.” Além disso, era comum namorar mais de um antes de casar.

A sensualidade também era realidade praticamente desconhecida. O comportamento feminino, principalmente, era vigiado para que a menina não agisse de maneira sensual. Segundo Vannini, “o comprimento da saia e a profundidade dos decotes femininos eram particularmente controlados.”<sup>155</sup> Os depoimentos recolhidos concordam com essa colocação. As roupas femininas não podiam ser curtas e nem expor os braços ou colo. Se alguma menina usasse tal tipo de vestido seria “mal-falada”.

Quando questionados em relação ao tipo de roupa usada no dia-a-dia, quase todos os entrevistados se lembraram também das roupas “domingueiras”, utilizadas apenas para ir à missa e cuidadosamente anti-sensuais: “As mulheres que iam na igreja tinham que ir com a

---

feminino e a sexualidade a autora traz uma análise interessante, segundo ela: “(...) o modelo de corpo varia de acordo com os gostos de classe ou de grupos, com as condições de trabalho e de consumo. Entre o grupo pesquisado (zona rural), o corpo valorizado, no caso das mulheres, é o de **cintura grossa**, que expressa, através de seu corpo robusto e de sua cor rosada, as condições para as tarefas domésticas e da colônia, como também para procriação e reprodução da família. Em oposição à mulher de **cintura grossa** existe a mulher de **cintura fina**, sendo esta última valorizada para o tipo de vida da cidade em oposição à vida da colônia.”(p. 319) Pozenato também ressalta essa idéia em sua obra *O Quatrilho*. Tereza a mulher mais identificada com a vida urbana é descrita como mulher de cintura fina, já Pierina a personagem que é mais identificada com a vida rural é descrita como mulher de cintura grossa. Referência: POZENATO, José Clemente. **O Quatrilho**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 10ª Ed. 1995. Sobre o corpo masculino, Mocelin coloca: “Entre os homens, o corpo valorizado é aquele robusto, forte, de ombros largos, que se adapta melhor com o tipo de trabalho na colônia, caracterizado por um trabalho braçal que exige muito esforço físico.”(p. 319). Estas colocações são interessantes pois segundo alguns autores a visão do corpo, a idéia de beleza ou escolha de parceiros sexuais através do corpo era inexistente na região, descrevem esta escolha como baseada na simplicidade, honestidade e vontade de trabalhar do parceiro, mas, como foi visto outras interpretações são possíveis.

<sup>154</sup> Vide entrevista nº 03 dos anexos.

<sup>155</sup> VANNINI, Ismael Antonio. **O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no RS: Vannini (1906-1970)**. Passo Fundo: UPF; Porto Alegre: EST, 2004. p. 149.

cabeça coberta com aquele véu assim por cima e não podia nem ir de manga curta, nem mostra os braço não podia.”<sup>156</sup>

Contudo, tanto os depoimentos como as fontes de imprensa e do judiciário pesquisadas revelaram outra realidade que ultrapassava o silêncio e o desconhecimento. É esse contexto que se pretende abordar no próximo subitem.

### 3.2. OS SUSPIROS

Mesmo tentando silenciar a sexualidade, o comportamento dos habitantes da RCI se mostrou repleto de contravenções morais e de práticas sexuais diferentes àquelas desejadas pelo controle familiar e religioso.

Essa conjuntura contraventora fica explícita tanto nas páginas dos jornais do período pesquisado (1920-1950)<sup>157</sup>, quanto nos processos-crime<sup>158</sup> também investigados. Aliás, os

---

<sup>156</sup> Vide entrevista nº 01 dos anexos.

<sup>157</sup> Foram consultados nessa fase investigativa, todos os principais jornais publicados nesse período em Caxias do Sul, que se encontram no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Destes, foram selecionados quatro, que apresentam maior quantidade de informações sobre o tema.

Portanto, é interessante colocar alguns breves apontamentos sobre os jornais em que foram encontradas as fontes de imprensa. O primeiro deles é o jornal *O Regional* que começou a ser publicado em 1º de janeiro de 1926 e circulou até 5 de novembro de 1928, um periódico semanal e considerado independente politicamente, já que nessa fase os jornais geralmente tinham vínculos com partidos políticos, principalmente com o Partido Republicano que oferecia regalias às publicações amigas.

Já o *Caxias Jornal*, que funcionou de 1927 a 1934, era relacionado ao PR e posteriormente se torna getulista, parou de funcionar após o incêndio que destruiu sua tipografia, que supostamente foi realizado por forças políticas contrárias.

Em 1933 começa a ser publicado o periódico *O Momento*, um jornal que se destacou em Caxias por ser duradouro, em um período em que muitos jornais abriam e fechavam rapidamente na região. Durou até 1951, e apresentava uma linha de edição bastante conservadora, ligada ao Partido Republicano Liberal e muitas vezes misturava a notícia aos seus pressupostos ideológicos.

O último periódico que foi utilizado, foi o jornal *O Pioneiro*, inaugurado em 1948 e que funciona até hoje, sendo o maior jornal da cidade de Caxias do Sul. *O Pioneiro*, segundo seus fundadores tinha dois objetivos no início, o de valorização das raízes culturais da região e uma ligação com a Ação Integralista Brasileira. Entretanto a fórmula de ligação com as raízes regionais rendeu maior sucesso e ela se mantém com algumas pequenas mudanças estruturais até hoje.

Referência: POZENATO, Kenia Maria Menegotto (org.); GIRON, Loraine Slomp (org.). **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

<sup>158</sup> Os processos-crime foram uma fonte muito interessante para a realização do trabalho, pois nele se encontram as contravenções de forma explícita e pode-se analisar tanto o discurso da defesa, quanto o da acusação e ainda a fala das testemunhas que traz caracteres relevantes. Os processos pesquisados encontram-se principalmente em dois arquivos, ambos em Caxias do Sul. O Centro de Memória do Judiciário, localizado na Universidade de Caxias do Sul possui um acervo grande de processos criminais provenientes da Primeira Vara Regional nos

depoimentos orais também confirmaram tais acontecimentos. Portanto, para poder montar essa espécie de quebra-cabeças das contravenções foram utilizadas essas diversas fontes, cada uma delas complementando a outra, a fim de tornar o mais intrincado possível o quadro da sexualidade na região.

### 3.2.1. O QUE FAZIAM AOS DOMINGOS?<sup>159</sup>

“(...) o domingo tornou-se dia de passeio, de excursões, de futebol, de namoros escandalosos, de visita a amigos, vida nos clubes, nos cafés, nos bares, nas bodegas, nos cinemas, nos bailes etc... e as igrejas: vazias, ou com o pequeno grupo de católicos e mais nada.”<sup>160</sup>

As formas de lazer e de diversão das populações urbana e rural da RCI não se resumiam à missa ao domingo. Este pequeno trecho de um artigo retirado do jornal católico *Correio-Riograndense* demonstra a preocupação da Igreja com a falta de fiéis nas missas e também com as diversas formas de lazer praticadas no fim de semana que não as celebrações religiosas.

Os cafés e as bodegas ou botequins eram espaços preferencialmente masculinos, onde os homens reuniam-se diariamente após o trabalho, ou aos domingos após a missa, para conversar, beber e jogar. No espaço urbano os cafés eram mais apreciados, os dois mais famosos cafés caxienses das décadas de 1930 a 1950 eram o *Café Sport* e o *Café América*<sup>161</sup>, ambos localizados na Avenida Júlio de Castilhos nas proximidades da Praça Dante Alighieri.

---

quais se buscou principalmente os referentes a estupros, defloramentos, abortos criminosos, desquites, adultérios e lenocínio. Principalmente no período de 1920 a 1950, mas algumas vezes acabou ultrapassando esse marco temporal. Outro acervo pesquisado foi o arquivo da Delegacia de Polícia Civil de Caxias do Sul, entretanto esse acervo se encontra em estado precário, são várias caixas de processo empilhadas no porão do prédio, um local escuro, úmido e abafado. A poeira, a sujeira e umidade estão acabando com os processos, de qualquer forma ainda foi possível encontrar alguns que serviram para a realização do trabalho, mas foi impossível devido à precariedade do arquivo e à falta de tempo, poder ter contato com todo acervo.

<sup>159</sup> Este subtítulo foi retirado do Jornal *Correio-Riograndense* de setembro de 1955. O artigo denominado desta forma criticava as atividades realizadas aos domingos após a missa.

<sup>160</sup> Fonte: “*Que faz a maioria dos homens aos domingos?*” IN: *Correio-Riograndense* 14 de setembro de 1955.

<sup>161</sup> Foram encontradas propagandas desses dois estabelecimentos no jornal *O Momento*, a partir do início da década de 1930.

Nesses locais eram praticados os jogos de carta e as conversas, regados a muito vinho, “graspa”, whisky e vodca.

Já as bodegas existiam tanto na zona urbana quanto na rural. Nas colônias era corriqueiro os homens se reunirem nas bodegas após a missa dominical para beber, jogar mora ou cartas, conversar e beber, enquanto as crianças corriam, brincavam com seus amiguinhos e ganhavam balas e refrigerantes.

Os bailes, mesmo sendo contrariados e não recomendados pelos padres, aconteciam de forma sistemática. Ao relatarem qual era a visão dos padres sobre os bailes os depoentes entrevistados responderam com unanimidade que “eram contra”<sup>162</sup>, mesmo assim todos freqüentaram bailes, e disseram que estes acontecimentos eram muito divertidos. Realizados tanto em clubes, principalmente na área central da cidade ou nas casas de família, na zona rural, os bailes eram o ponto de encontro da vizinhança, da juventude e das famílias, onde dançavam, bebiam e comiam. Segundo A.V., que passou a juventude na colônia:

“Tinha os bailezinho nas casas, a gente comia pinhão, amendoim, vinho, cantava... Nós tinha uma turma que gostava muito de cantar músicas italianas, fazia uma comida, ficava até madrugada depois ia pra casa; bebia um pouco de vinho, mas também naquele tempo não tinha outra bebida, tinha uns refrigerante, a gente tinha os limão não sabiam nem fazer um suco.”<sup>163</sup>

E.V., ao contar sua experiência nos bailes, diz que: “Nos bailes nas salas das casas, a gente ia todo mundo junto, fazia aquela festa aquele baile, uma gaitinha... Eu tinha um tio que tocava gaita de oito baixos, e a gente dançava; era muito divertido.” Ao comentar sobre isso ela lembra-se novamente da censura aos bailes realizada pelos padres: “(...) tinha o pai da

---

<sup>162</sup> Vide entrevistas nº 01 a nº 08 nos anexos.

<sup>163</sup> Vide entrevista nº 01 dos anexos.

A.T. que tinha uma cantina embaixo no porão e em cima era um salão e ele fazia os baile né, ele era odiado pelos padres, odiado!”<sup>164</sup>.

No contexto da colônia os bailes eram celebrações muito realizadas e freqüentadas por toda a vizinhança, mesmo que para que estes acontecessem fosse necessário passar por cima das palavras censurativas dos padres. Na região central os bailes também eram comuns, tanto nos clubes mais tradicionais quanto nos salões construídos especificamente para essas reuniões. I. L. expõe essa realidade ao relatar sua mudança da zona rural para a zona urbana no início da década de 1940.

“Quando vim morar pra cá, aqui nós tinha ali onde tem o Viganó em frente ao Formolo era um salão de baile; ali tinha o “Bomsucesso”. Tinha o “Ás de Ouro”, lá perto do quartel, tinha o salão do “Pau do Meio” aqui no bairro Bela Vista. Chamava Salão do Pau do Meio, porque no meio tinha um pau pra escorar! (risos) Era a casa toda de madeira. Sempre tinha baile. Baile de noite mesmo mais era no carnaval, a maioria era de tarde.”<sup>165</sup>

A fala também deixa explícita a prática dos bailes de carnaval que foram reafirmadas em outros diversos depoimentos. As celebrações de carnaval, assim como os bailes, eram realizadas nas casas de família na zona rural e nos clubes na zona urbana. A foto abaixo demonstra um destes bailes de Carnaval, na zona urbana de Antônio Prado:



6 Baile de Carnaval em Antônio Prado no ano de 1926. Fonte: A cervo Fotográfico do AMJSA.

<sup>164</sup> Vide entrevista nº 01 dos anexos.

<sup>165</sup> Vide entrevista nº 04 dos anexos.

Os homens, de acordo com A.V., vestiam-se de mulher nessas ocasiões, colocando vestidos compridos e lenços na cabeça<sup>166</sup> Já as mulheres fabricavam suas próprias fantasias: “As nossas fantasias eram tudo de papel crepon, coisa mais linda!”<sup>167</sup>

Além disso, também eram comuns as chamadas “serenatas”. Estas eram uma forma de lazer onde a diversão era a música, geralmente tocada em uma gaita, esses encontros aconteciam nas bodegas, ou até mesmo nas ruas e eram mais apreciados pelos homens. Entretanto, os depoentes também expuseram o descontentamento dos padres em relação às “serenatas”:

“E.V.: tinha lugares que eles proibiam tocar a gaita, quando tinha gaiteiro que entrava na bodega e o padre tava perto ele tinha coragem de dizer - Aqui não é lugar de tocar isso aí!

A.V.: Se era na igreja, na bodega, na cozinha eles não deixavam tocar. O C. comprou uma gaitinha pequeninha daquelas de oito baixos, e ele e o A. sentaram no barranquinho na frente da Igreja tocando, nem tocavam direito. O padre chegou e disse - Aqui não é lugar de tocar!”

Conforme foi dito pelos entrevistados, os padres não gostavam dessas práticas, pois eram nesses eventos que começavam a maioria dos namoros, principalmente na zona rural. Na região mais central da cidade são citados como pontos de encontro para o namoro, além dos bailes, o *footing* e os piqueniques.

O *footing*, em Caxias, acontecia na Praça Dante aos domingos logo depois da missa realizada na Catedral. Ali as moças e rapazes caminhavam em círculos ao redor da praça. Posteriormente, após analisarem todas as moças presentes os rapazes convidavam as suas escolhidas para passear pela praça, conversar nos bancos ou ir ao cinema. No acervo fotográfico do AMJSA é possível encontrar diversas fotos de *footing*, em variados períodos. A imagem abaixo foi selecionada para ilustrar a temática, nela visualizam-se os grupos de rapazes e moças passeando pela praça e também alguns casais namorando nos bancos.

---

<sup>166</sup> Vide entrevista nº 01 dos anexos.

<sup>167</sup> Vide entrevista nº 01 dos anexos.



7 Footing na Praça Dante Alighieri na década de 1930. Fonte: Acervo Fotográfico do AMJSA.

Os piqueniques também eram muito apreciados e, através deles, aconteciam da mesma forma os encontros amorosos. A.Z.M. descreve os locais mais apreciados pela juventude caxiense para realização de piqueniques no início da década de 1940:

“A gente fazia muito piquenique. Aonde que tem aquela pedreira quando vai lá pra São Virgílio, aqueles lados tinha uma cascatinha e a gente levava os sanduíches e passava o domingo lá. E também lá no De Lazari que a gente ia de manhã porque tinha um balneário, então a gente ia de manhã e voltava de tardezinha, mas tudo a pé porque não tinha condução e era tudo longe. Aí a gente encontrava a turma da gente.”<sup>168</sup>

São diversas as imagens referentes a piqueniques também encontradas no arquivo. Após uma seleção inicial, foi escolhida a imagem abaixo para ilustrar essa forma de lazer, onde aparecem diversos jovens, tanto moças, quanto rapazes, deitados no gramado, sob a sombra das árvores, fumando cigarros, ouvindo música através de uma vitrola e namorando.

---

<sup>168</sup> Vide entrevista nº 02 dos anexos.



8 Piquenique na Chacará do Dr. Rômulo Carbone em 1925. Fonte: Acervo fotográfico do AMJSA.

A ida aos cinemas também foi identificada como prática comum aos namorados ou turmas de amigos. O cinema é uma das formas de lazer mais criticadas pelo jornal católico *Correio-Riograndense*. Em um de seus artigos, o cinema é definido da seguinte forma:

“Com o cinema, a luz viva desse aparato, atrai nossos olhos à sua tela, claramente iluminada e neste momento nada mais percebemos, além do prazer sensual que dela brilha, digo ao jovem: dele segue seu imenso fascínio, com todo o poder da alma fixa a esta única idéia: o prazer. Ele faz o primeiro passo para sua queda no abismo.”<sup>169</sup>

Contrariando o discurso religioso, os jovens urbanos iam praticamente toda a semana aos cinemas. A.Z.M corrobora com essa afirmação:

---

<sup>169</sup> Tradução realizada pela autora. Texto original: “Come el cinematografo la luce viva dil'appacchio attrae a nostri ochi sulla tela, chiaramente illuminata e in quel momento niente altro percepiamo, cosi splende il piacere sensuale, dinazi al giovane: egli lo segue vinto del suo fascino immenso, com tutte le potenze del l'anima fisse a quest'unica Idea: godere. Egli fatto il primo passo sulla via dell'abismo.” Fonte: *“In Confidenza”*. IN: Staffeta Riograndese, 5 de novembro de 1930.



“No cinema a gente ia uma vez por semana porque nós ganhávamos o ingresso do “dia da dama”, tinha umas senhoras que iam no domingo então ganhavam os ingressos e davam pra nós, tu vê! E eu gostava de Faroeste (risos) eu adorava! De índios, tinha os filmes também de um artista que era o Turan bay que era lindo, lindo, lindo! (risos) Era meu ídolo né.”<sup>170</sup>

As realidades descritas nessa parte do trabalho são interessantes, pois demonstram que o lazer e a diversão cotidiana ultrapassavam os limites colocados pelo discurso católico. Assim como se comprovou ocorrer também com a sexualidade, os espaços de sociabilidade utilizados pelos moradores da Região Colonial Italiana não eram apenas os permitidos pela Igreja, e nem era a missa o único local de lazer e ponto de encontro dessa sociedade.

### 3.2.2. A ESCOLA DE DIVÓRCIOS: O NAMORO ESCANDALOSO<sup>171</sup>

“Escola de divórcios é a dos casamentos mal preparados e mal formados. As meninas, soltas nas avenidas, nos cines, com seus namoradinhos, nos bailes e praias, na promiscuidade vergonhosa, e nos salões e cassinos, apaixonam-se pelo primeiro malandro que lhes diz umas amabilidades, e daí para o casamento vão só uns passos.”<sup>172</sup>

Esta citação retirada do jornal *O Correio-Riograndense* elucidou a temática do namoro como não sendo tão ingênua e romantizada.<sup>173</sup> Alguns historiadores tradicionais que se dedicaram a escrever alguns trechos de suas obras sobre o namoro na RCI descreveram este episódio da seguinte forma: “O namoro era simples e puro. Os pais vigiavam para que os filhos e, sobretudo as filhas se comportassem de maneira impecável.”<sup>174</sup> Contudo, a realidade

---

<sup>170</sup> Vide entrevista nº 02 dos anexos.

<sup>171</sup> Este subtítulo foi inspirado no título de dois artigos encontrados no jornal *Correio-Riograndense* no ano de 1955.

<sup>172</sup> Fonte: “*Escola de Divórcios*”. IN: *Correio-Riograndense*, 13 de Julho de 1955.

<sup>173</sup> Outro autor que se dedicou a escrever sobre o namoro em diversos contextos, de forma muito interessante, foi Thales de Azevedo, que descreveu o ritual do namoro, os contatos e encontros nas seguintes obras: AZEVEDO, Thales de. **Namoro à antiga: tradição e mudança**. Salvador: (s.n.), 1975./ AZEVEDO, Thales de. **Namoro, religião e poder**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1980.

<sup>174</sup> BATTISTEL, Arlindo Itacir. *Colônia Italiana: religião e costumes*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981. p. 21.

exposta através dos relatos orais ou encontrada na imprensa e no judiciário parece se configurar de maneira bem diferente.

Uma das questões que ficou clara, especialmente através dos depoimentos orais refere-se à idéia de que o namoro era praticado apenas com o futuro cônjuge e de que não existiam outros namoros antes do casamento. Isso não foi comprovado pelos entrevistados, tanto homens quanto mulheres ressaltaram que era aceito namorar pessoas diferentes antes de casar.

A.A. relata sua experiência pessoal:

“A minha esposa eu namorei três anos antes de casar, assim. Mas eu tive outras, mais duas. Uma era minha prima até, eu gostava da minha prima, mas não deixaram continuar o namoro porque era pecado, era prima por parte de pai e mãe né. Então não podia, era pecado. Eu gostava dela e ela também gostava, mas não deu certo. Namorei mais de ano com ela, mas quando viram que o namoro tava meio sério aí eles cortaram a corda.”<sup>175</sup>

A história regional enfatiza ainda a falta de contatos físicos no namoro e reforça essa colocação apontando que nem mesmo o beijo era permitido. De acordo com *Battistel*: “Conduzia-se o namoro com respeito, sem contatos físicos... o beijo era considerado pecado. Seria escandaloso namorados se beijarem.”<sup>176</sup> Porém, os depoentes mencionaram diversos casos onde o sexo era praticado antes do casamento, contrariando essa afirmação.

O ato sexual anterior ao casamento foi citado de diversas maneiras. A primeira delas se refere à gravidez. Todos os entrevistados mencionaram lembrança de moças que casaram grávidas. Uma depoente inclusive admitiu ter casado grávida:

“Eu casei com 24 anos e tava grávida. Eu tive que mentir pro padre, porque ele não me deixava casar de vestido branco se não era mais virgem. Ele me dizia assim – Tu não cometeu nenhum sacrilégio? – e eu respondia – Não, não padre, tá tudo bem!”<sup>177</sup>

---

<sup>175</sup> Vide entrevista nº 06 dos anexos.

<sup>176</sup> BATTISTEL, Arlindo Itacir. *Colônia Italiana: religião e costumes*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981. p. 22.

<sup>177</sup> Vide entrevista nº 04 dos anexos.

Também foram especificados pelos depoentes casos em que o sexo antes do casamento não resultou em gravidez, mas existiu. Segundo I.L., mesmo enfrentando o medo do castigo dos pais e dos padres era normal, os namorados que tinham bastante tempo de relacionamento, realizarem o ato sexual por diversas vezes antes de casar. Muitos casavam apenas quando isso resultava em gravidez e, portanto, para que não ficassem “mal-falados”, se obrigavam a casar para abafar comentários. A desculpa fácil de que o bebê havia nascido prematuro faziam com que qualquer tipo de comentário fosse calado.

Segundo a depoente, alguns casos de sexo anterior ao matrimônio não resultaram em gravidez, mas resultaram em escândalo: “A minha irmã, ela teve relacionamento com o namorado antes de casar, a L. E ela quando foi se casar, a minha mãe descobriu, e então a L. casou assim, com um terninho azul, com um chapeuzinho na cabeça. E ela sabia que era assim!”<sup>178</sup>

O mote alusivo ao zelo pela virgindade também é contestado na fala de alguns depoentes. *Battistel* comenta que: “Qualquer moça séria não permitiria tal intimidade. Aliás, era sobretudo a moça que devia zelar quanto as tais liberdades para não perder a honra.”<sup>179</sup> Sobre esse assunto A. M. relata um caso interessante. Ao ser questionada sobre o episódio da perda da virgindade ela diz:

“Da noite de núpcias nunca me falaram nada, mas eu sabia que teve uma prima de outra lá que teve hemorragia né. Mas não com o namorado né, assim, diz que foram numa festa e que se achou um parceiro que foi com ele e depois, dizem que ela teve que vir até pra Caxias. Diz que ela ficou ali e começaram a funcionar e deu hemorragia e ela teve que ir pro médico. Não sei que que houve. Isso é conforme o organismo né, cada um é diferente.”<sup>180</sup>

---

<sup>178</sup> Vide entrevista nº 04 dos anexos.

<sup>179</sup> BATTISTEL, Arlindo Itacir. *Colônia Italiana: religião e costumes*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981. p. 22.

<sup>180</sup> Vide entrevista 03 dos anexos.

Esta fala expõe inclusive a perda da virgindade não apenas com o namorado, mas com um rapaz recentemente conhecido num baile. Outro indicativo que merece destaque é o caso das mães solteiras, ou moças grávidas que eram abandonadas pelos seus amantes.

Esses casos, conforme os depoentes, tinham três conseqüências. A primeira seria, após a descoberta da gravidez, o sumiço da moça e também de seu bebê:

“(…) elas sumiam dali e voltavam e ninguém sabia que ela tinha filho. O filho não aparecia, nunca vi. Teve uma ali que ela teve filho mas os véio não queriam que casasse o rapaz com a moça, então ela ganhou uma guria e se sumiu. Acho que botavam no orfanato com as freiras, com os padres, sumiam.”<sup>181</sup>

Este “sumiço” também foi explicado por A.T. ao esclarecer o caso de uma grávida que voltou pra casa sem filho algum, e do aparecimento misterioso da criança na casa de um senhor, seu provável amante:

“(…) ela foi colocada ali nas freiras né, e depois ele levou ela pra casa. Daí eles criaram ela. Essas freiras era ali na 18 do Forte, era o orfanato. Tinha a roda, botavam as crianças, quem não quisesse. Que nem nas Carmelitas. Tinha as orfãzinhas. Ali onde é o Colégio Madre Imilda.”<sup>182</sup>

Esta solução para a gravidez indesejada foi decorrente e corrobora com a explicação dada por *Battistel* a estes casos:

“Se uma filha, por desventura caísse no “erro”, a família ficaria desonrada. Os pais, indignados, muitas vezes deserdavam tal filha e a castigavam e reprimiam de uma ou outra forma. Uma moça assim era ridicularizada e apontada por todos. Se o fato, porém, não viesse ao conhecimento público passava por isso mesmo. Percebe-se a grande preocupação em salvar o nome da família.”<sup>183</sup>

---

<sup>181</sup> Vide entrevista nº 06 dos anexos.

<sup>182</sup> Vide entrevista 03 dos anexos.

<sup>183</sup> BATTISTEL, Arlindo Itacir. *Colônia Italiana: religião e costumes*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981. p. 22.

Mesmo assim, algumas moças resolveram ter e criar os filhos sozinhas. Esse fato é citado como outra forma de consequência à gravidez indesejada. A.Z.M. relata uma ocasião onde a mãe criou a filha e ainda agüentava a discriminação da vizinhança:

“A gente nem olhava pra cara dela, viu... coitadinha. Tinha uma que morava ali perto da casa da vó e era uma mulher feia coitadinha e o rapaz era pensionista da mãe dela né, ele era um rapaz muito bonito, B., ele era de São Marcos. E não sei como, ela apareceu grávida. Meu Deus do céu! E o B. se sumiu também. E nasceu uma menina tão bonita, tão bonita.”<sup>184</sup>

Porém, outros casos tiveram final diferente. Mesmo sendo mães solteiras, as moças não sofreram repressão e acabaram casando-se com outros rapazes posteriormente. Como afirma A.M.: “A maioria dessas aí não casavam, mas teve daquelas que casavam sim. A minha prima também, ela namorava um, ela ficou grávida e ele não quis mais ela. Mas depois ela casou com outro e se deu bem e fez família, deu tudo certo.”<sup>185</sup>

Haja visto que a realidade do namoro era bem mais sexualizada do que se imaginava, a ingenuidade e a falta de contatos físicos dividia espaços com o sexo antes do casamento e, ainda, ficou clara a ocorrência de eventos onde as moças mesmo grávidas não casaram por motivo de fuga de seus namorados. *Boscatto* coloca em seu livro de memórias uma observação sobre o namoro no início do século XX:

“As moças usavam calcinhas bastante compridas e com um elástico bem apertado nas aberturas, onde iam as pernas, para evitar a bolinagem, muito em voga atualmente. Por incrível que pareça, hoje em dia acontecem menos descabros sexuais do que outrora. Talvez porque o que é proibido torna-se mais atraente e desejado.”<sup>186</sup>

Esta interpretação do autor é um tanto pessoal, mas dá a entender que o discurso católico não é único, nem mesmo nos que se dedicaram a escrever as memórias da RCI. Além

---

<sup>184</sup> Vide entrevista nº 02 dos anexos.

<sup>185</sup> Vide entrevista nº 06 dos anexos.

<sup>186</sup> BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento**. Flores da Cunha: O Florense, 1994. p. 43.

do namoro não-bucólico onde o sexo era constante, também foram reveladas as práticas da contracepção e do aborto que se deseja expor no próximo subtítulo.

### 3.2.3. CONTRACEPÇÃO E ABORTO

Os métodos contraceptivos e o aborto constituem um paradigma no discurso católico, sendo que no início do século XX eles eram repreendidos de forma mais voraz. Entretanto, na Região Colonial essas técnicas eram praticadas de diversas formas.

O discurso católico, principalmente o proferido pelos frades capuchinhos<sup>187</sup>, estimulava a natalidade e a procriação. Segundo o autor, esse discurso teve certo efeito positivo ao encontrar na RCI um solo fértil para numerosas famílias. Os imigrantes provenientes da Itália, ao chegarem no Brasil, tinham poucos filhos; a média era um a três por casal.<sup>188</sup> Contudo, ao receberem seus lotes de terra, quanto maior a quantidade de filhos, maior o número de braços empregados no trabalho rural. Dessa forma, o discurso pró-natalista encontrou seguidores, mas estes não estavam apenas preocupados com os castigos divinos, e sim com a manutenção da economia familiar.

Algumas famílias preferiam ter menor quantidade de filhos utilizando métodos anticoncepcionais, pois em momentos de crise a enorme quantidade de filhos prejudicava a sustento familiar. Alguns casais de namorados também costumavam praticar as técnicas contraceptivas para evitar a gravidez antes do casamento e a repressão da sociedade.

---

<sup>187</sup> VANNINI, Ismael Antonio. **O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no RS: Vannini (1906-1970)**. Passo Fundo: UPF; Porto Alegre: EST, 2004. p. 188.

<sup>188</sup> GARDELIN, Mario; COSTA, Rovilio. **Colônia Caxias: Origens**. Porto Alegre: EST, 1993. p. 32. e MAESTRI, Mario. **O Rio Grande do Sul e a imigração italiana nos fins do século XIX**. IN: FLORENCE, Carboni (org.); MAESTRI, Mario (org.). *Raízes Italianas no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: UPF, 2000. Segundo Maestri:

“A família imigrante que desembarcou no Rio de Janeiro era pequena já que possuíam, em média, dois, três filhos. Sem terra e sem trabalho, as classes subalternas italianas eram obrigadas a reprimir a fertilidade feminina, retardando casamentos e utilizando outros recursos antinatalistas.” P.18

“Em 1920, a família colonial possuía já sete, oito membros. A abundância relativa de terras permitiu que a família camponesa interrompesse o controle da natalidade praticado na Itália. Filhos numerosos significavam uma abundante mão-de-obra sob o controle e a autoridade paterna, ao menos até a maioridade.” P. 25

Em artigo recente<sup>189</sup>, *Pedro* trabalha com a história da contracepção no Brasil, ela realiza um estudo comparativo entre a geração anterior e posterior à difusão da pílula anticoncepcional. Segundo a autora o método clássico de contracepção usado anteriormente a pílula era o “coito interrompido”. Vannini, em seu trabalho sobre sexualidade e demografia na RCI, concorda com essa hipótese, afirmando que

“As informações obtidas reafirmaram, geralmente, o desconhecimento de métodos anticoncepcionais mais complexos. Porém, ao enfatizarem as reiteradas instruções clericais para que o ato sexual tivesse sua conclusão natural, reafirmaram a prática cultural do coito interrompido como método antinatalista.”<sup>190</sup>

Os depoimentos orais confirmaram essa realidade. A maioria dos entrevistados citou o método do coito interrompido como a maneira mais fácil e eficaz de evitar a gravidez. Segundo I.L., esta técnica era muito conhecida e evitava que as mulheres tivessem muitos filhos:

“A maioria das mulheres que não engravidavam, quando o homem tava gozando então ele puxava pra fora né. Então quando que a mulher já tava, a mãe sempre me dizia, quando a mulher tava satisfeita então o homem gozava né e puxava pra fora. Senão tu imagina quantos filhos que não teriam essas mulheres.”<sup>191</sup>

Alguns entrevistados também citaram conhecerem a camisinha desde a década de 1940 aproximadamente. Porém, afirmam que era muito difícil de consegui-la na região; somente era possível encontrá-la quando algum viajante ou caminhoneiro trazia alguns exemplares de São Paulo ou Rio de Janeiro. A.Z.M. conta como foi seu primeiro contato com

---

<sup>189</sup> PEDRO, Maria Joana. **A Experiência com Contraceptivos no Brasil: uma questão de geração.** *Revista Brasileira de História*. Julho de 2003, v. 23, nº 45, p. 239-260.

<sup>190</sup> *Ibidem* 155. p. 189.

<sup>191</sup> Vide entrevista nº 04 dos anexos.

a camisinha: “Olha, acho que camisinha sempre existiu viu. Porque uma vez o M. veio de São Paulo e não sei o que que ele andou fazendo lá, mas sei que ele trouxe umas camisinhas.”<sup>192</sup>

Concluindo a questão da contracepção, A.T. resume seus usos da seguinte forma:

“*Camiseta* tinha na época. Era na base da camisinha ou métodos mais naturais. Como retirar lá na hora né. Ou chás também se não vinha a menstruação nos primeiros dias, daí tomava um chá mais forte e vinha, então. Era o que existia. Camisinha não era fácil de adquirir só na cidade né, então não tinha muita gente que usava.”<sup>193</sup>

Na fala desta depoente também fica exposta a realidade das práticas abortivas ao denunciar o uso de chás para incentivar a vinda da menstruação. De acordo com os depoentes, eram diversas as receitas de chás usadas para este fim, entre elas destacam-se: “chá de artemije”<sup>194</sup>, “chá de arruda”<sup>195</sup>, “chá com vinho e erva amarga”<sup>196</sup>, “chá de maracá” e “chá de sabugueiro”<sup>197</sup>. A respeito dessa prática, M.A.V. explicou quais eram suas usuárias mais comuns:

“Tomavam aquilo e provocavam o aborto. Quantas vezes a minha mãe me contava que até essa árvore com as florzinhas brancas, no jardim da minha mãe tinha um pé, um pé de Maracá, e diziam que o chá dessa folha era tiro e queda pra matar uma criança. Volta e meia essas mulheres que pegavam os homens casados e não queriam os filhos faziam isso aí.”<sup>198</sup>

As “chaforadas”, como eram conhecidos esses chás, eram comuns na RCI e eram difundidos principalmente pelas benzedoiras e benzedeiros. Segundo *Boscatto*:

“Os benzedores também tinham grande fama entre os primitivos colonos. Quase todos eles eram caboclos, mulatos ou luso-brasileiros, que passavam

---

<sup>192</sup> Vide entrevista nº 02 dos anexos.

<sup>193</sup> Vide entrevista nº 03 dos anexos.

<sup>194</sup> Vide entrevista nº 04 dos anexos.

<sup>195</sup> Vide entrevista nº 01 dos anexos.

<sup>196</sup> Vide entrevista nº 01 dos anexos.

<sup>197</sup> Vide entrevista nº 05 dos anexos.

<sup>198</sup> Vide entrevista nº 05 dos anexos.



por aqui ou que se empregavam como peões nas propriedades dos colonos mais abastados. Isto ocorreu somente no início do século, porque, no princípio, os imigrantes não queriam ter contato com gente estranha. Por volta da década de 20, mais ou menos, começaram a surgir os primeiros benzedores filhos de italianos.”<sup>199</sup>

Os benzedeiros eram muito procurados para a cura de doenças como gripe ou a torção de articulações. Além disso, eram especialistas no tratamento de picadas de cobras venenosas, aranhas e escorpiões. Muitos trabalhavam apenas com a remoção de verrugas e manchas da pele. Todos os tratamentos receitados pelos benzedeiros eram provenientes de ervas e componentes naturais, os quais não tinham sua eficácia comprovada.

Da mesma forma, pode-se citar o caso das “chaforadas”, que eram difundidas pelos benzedores. Ao serem questionados sobre quem ensinava essas técnicas pseudo-abortivas aos colonos, os depoentes responderam que esse conhecimento era detido pelas benzedoras e, corroborando com o relato de Boscatto, E.V. descreve:

“Aquele chá eu conheci ele depois que eu vim morar aqui na cidade que era a vó da Dilma que fazia. Ela tinha conhecimento porque ela era origem bugra e ela conhecia e usava muitos chás, e me lembro que a gente conversava e ela me falou dessa chá, que fazia pra isso, ela me explicou tudo.”<sup>200</sup>

Alguns entrevistados classificaram os benzedeiros e benzedoras como bruxos e bruxas (*strioni ou strie*) e comentaram que acreditavam em seus poderes, entretanto tinham muito medo, pois eram capazes de “fazer trabalhos” prejudicando as pessoas das quais desgostavam.<sup>201</sup>

---

<sup>199</sup> BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento**. Flores da Cunha: O Florense, 1994. p. 41

<sup>200</sup> Vide entrevista nº 01 dos anexos.

<sup>201</sup> *Boscatto* relembra que os benzedores de origem italiana não possuíam tanta credibilidade, pois “utilizavam simpatias loucas e gozadas”, como por exemplo, “quando passasse um cavalo montado por duas pessoas, o portador da verruga deveria esfregar uma pedrinha sobre ela e, atirando-a na direção dos cavaleiros dizer em italiano: “Porrin, porrá, vá via de cui e vá nel cul de um de cuei due lá”. Tradução: “Verruga, Verruguinha, sai daqui e vai na bunda de um daqueles dois lá.” Referência: BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento**. Flores da Cunha: O Florense, 1994. p. 41

Contudo, os abortos não se resumiam apenas a essas pseudotécnicas. Além das “chaforadas”, eram utilizadas ferramentas domésticas para a realização do aborto, principalmente nos casos de gravidez de namorados que não resultava em casamento, ou em gravidez resultante de casos extraconjugais, ou ainda de mulheres casadas que não queriam outro filho. O aborto era mais uma forma de se livrar da gravidez indesejada. Dentre as ferramentas domésticas mais utilizadas estavam a agulha de tricô e a agulha de crochê, pedaços de metal ou madeira pontiagudos.<sup>202</sup> Também utilizavam meios ainda mais rudimentares como enfaixar a barriga apertada durante a gravidez para provocar a morte do feto ou utilizar os próprios dedos para dilacerar a membrana uterina, causando também a morte do feto.

Esta realidade condiz com a repressão e a discriminação gerada por uma gravidez indesejada. O pavor de que a família, a vizinhança e o padre descobrissem suas atividades sexuais, levava com que moças buscassem o aborto como última saída, mesmo que para isso fosse necessário o uso de técnicas que causavam dores e males contínuos.

A imprensa regional também revelou casos de abortos. No jornal *O Momento* de 1935, foi encontrada uma matéria intitulada “Um Feto”. Esta matéria relata o aparecimento de um feto em uma vala nos subúrbios de Caxias. O delegado de polícia, então, parte para as investigações à procura da mãe do feto. Após entrevistar pessoas, chegou à solução do caso:

“Procedendo as investigações policiais, o Sr. Delegado de polícia, pode descobrir que a responsável pelo ato era Leonilda Jacobi, jovem de 14 anos de idade que residia na companhia de sua mãe nas proximidades do local onde jazia o feto. A culpada, depois de interrogada, foi submetida a também a exame médico legal, constatando-se nela sinais de parto recente. A acusada confessou o delito, declarando, entretanto, que o cometera por ignorância e sem intenção criminosa. Declarando mais, ser o autor de sua deshonra o ancião Armando Terra residente nessa cidade.”<sup>203</sup>

---

<sup>202</sup> VANNINI, Ismael Antonio. **O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no RS: Vannini (1906-1970)**. Passo Fundo: UPF; Porto Alegre: EST, 2004. p. 198.

<sup>203</sup> “Um Feto”. IN: *Jornal O Momento*, nº101. 1935.

Além deste caso de aborto, também é freqüente nas páginas do jornal as acusações à parteira Florentina Pretto, por esta realizar abortos. As parteiras são citadas em diversos depoimentos como responsáveis pelas técnicas abortivas. Muitas vezes, as mulheres que não conseguiam praticar a atividade sozinhas, buscavam nas parteiras a ajuda necessária, e estas cobravam pelo trabalho assim como pelos partos. Um depoente cita a expressão “fazedoras de anjos”, ao se referir às parteiras aborteiras.

A imagem das parteiras como aborteiras há muito vem sendo retratada pela historiografia. *Mott*, ao discutir a realidade das parteiras brasileiras no século XIX no Brasil, cita depoimento de Mme. Durocher, uma parteira francesa que veio ao Rio de Janeiro por volta de 1850. Segundo ela, as parteiras brasileiras eram “completamente analfabéticas (sic), pertenciam à última classe da sociedade”<sup>204</sup>, muitas delas ex meretrizes que não duvidavam em prestar certos favores: “levavam debaixo da mantilha, capote ou baeta, cartas, presentes, filtros, feitiçarias de simpatia ou repulsão, de ventura ou desgraça” (Durocher, 1870).<sup>205</sup>

*Mott* ainda diz que as parteiras “provocavam aborto, cometiam infanticídios e abandonavam nas ruas e nas estradas recém-nascidos.”<sup>206</sup> A prática de aborto e infanticídio era uma das ações criticadas na conduta das parteiras, desde o século XIX. Posteriormente, o discurso médico contribuiu para a construção dessa imagem das parteiras. A partir do início do século XX, o discurso médico passou a descrever as parteiras como supersticiosas, irracionais e desconhecedoras do saber médico. Complementando a imagem da parteira como criminosa ou imoral, surgem também os dizeres da sociedade tradicional, que não aceitavam, nesse período, mulheres que tinham liberdades, mobilidades e poderes maiores do que os permitidos.<sup>207</sup>

---

<sup>204</sup> MOTT, Maria Lucia de Barros. **Parteiras no século XIX:** Mme. Durocher e sua época. IN: COSTA, Albertina de Oliveira (org.); BRUSCHINI, Cristina (org.). *Entre a virtude e o pecado*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 37 a 56. p. 40.

<sup>205</sup> Ibidem 186.

<sup>206</sup> Ibidem 186.

<sup>207</sup> Ibidem 186.

O caso de Florentina Pretto é relevante, pois transparece essa imagem das parteiras descrita por *Mott*, aparecendo algumas vezes na imprensa regional. A primeira vez, em 1936, quando é processada pela prática de aborto criminoso que resultou em morte:

“(…) foi decretada a pronúncia da ré Florentina Pretto. Acusada de haver provocado aborto em Rosalina da Silva, que faleceu, a 18 de Julho deste ano, nesta cidade, em consequência de uma peritonite, proveniente das manobras abortivas feitas por essa parteira. Florentina acha-se presa na cadeia local e, possivelmente, será julgada na próxima reunião do Júri.”<sup>208</sup>

A posterior investigação deste primeiro processo foi feito através do material encontrado no Centro de Memória Regional do Judiciário, onde se pôde descobrir que a ré foi considerada inocente.

Já em 1941, o nome de Florentina Pretto aparece novamente no jornal ligada a mais um caso de aborto. O título da matéria denuncia, entretanto, que este já seria o terceiro processo por aborto criminoso enfrentado pela parteira: “A parteira Florentina Pretto às voltas com a polícia, está processada pela 3ª vez!”<sup>209</sup> Segundo o jornal, “Em ambos os processos foi absolvida. Contudo é comentário geral, Florentina longe de abandonar seu criminoso negócio, a ele continuava se dedicando de corpo e alma.”<sup>210</sup>

Nesse fato, porém, Florentina estaria realizando um aborto em uma prostituta. Conforme é colocado pelo periódico: “sua cúmplice e vítima, a prostituta Rosa Kehel que não desejando amparar o fruto de amores ilícitos, buscou na parteira Florentina, a taboia de salvação.”<sup>211</sup> Este último processo não foi possível encontrar no arquivo do judiciário.

Esses episódios são interessantes para compreender que tanto a contracepção quanto o aborto era práticas comuns na RCI, isso se pode comprovar não só através dos relatos orais, mas também através da imprensa regional e dos processos-crime.

---

<sup>208</sup> “Ré pronunciada”. IN: Jornal O Momento, nº 193. 1936.

<sup>209</sup> “A parteira Florentina Pretto às voltas com a polícia, está sendo processada pela 3ª vez!”. IN: Jornal O Momento, nº 418. 1941.

<sup>210</sup> Ibidem 173.

<sup>211</sup> Ibidem 173.

### 3.2.4. O MATRIMÔNIO SEM MÁSCARAS

O matrimônio é mais uma realidade da região colonial que merece abordagem. Ele constitui um dos mais fortes discursos em relação à cultura do imigrante italiano. É através do matrimônio que se constitui a *família*, importante elo identitário do imigrante e seus descendentes. Anteriormente, quando foi tratada da identidade regional, priorizou-se a análise dos indicativos do *trabalho* e *Religião*, porém a *família* também é um valor muito relevante ao morador da RCI.

Segundo *Colbari*, os dois mais importantes legados da imigração italiana ao Brasil são a valorização da família legalmente constituída e a ética do trabalho<sup>212</sup>. Seguindo essa idéia, pode-se concluir que o matrimônio bem-sucedido também seria uma contribuição italiana à cultura brasileira. Essa supervalorização da família também tem uma explicação, e por trás disso novamente encontra-se a Igreja Católica:

“Essa forma de valorizar enormemente a família ( aparece adornada pela Sagrada Família), tem um significado político: é a resposta da Igreja contra os movimentos socialistas, sobretudo os do final do século XIX e início do século XX, que pretendiam desfazer todas as instituições repressivas da sociedade burguesa, aí compreendida a família na forma do casamento monogâmico indissolúvel.”<sup>213</sup>

A separação entre Estado e Igreja e a criação posterior do casamento civil pretendia retirar o poder exercido pela ideologia católica sobre a família. A reação da Igreja a este projeto foi imediata: “O clero ultramontano exteriorizou sua inconformidade aos projetos dos

---

<sup>212</sup> COLBARI, Antonia. **Familismo e Ética do Trabalho: O Legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira.** *Rev. bras. Hist.*, 1997, vol.17, n.º.34, p.53-74.

<sup>213</sup> CHAUI, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa desconhecida.** Brasiliense: São Paulo, 1991, 12ª ed. P. 101.

liberais, sobretudo o do casamento civil, pois o consideravam como verdadeira depravação moral.”<sup>214</sup>

De qualquer forma, essa instituição do Estado Moderno demorou a alcançar o território da RCI, pois a supremacia do clero regional fez com que o casamento religioso fosse prática quase única. Portanto, essas considerações são importantes para que se compreenda o universo em que estava inserido o matrimônio e de que forma os discursos sobre ele eram transgredidos.

O casamento é sacralizado pela Igreja, único espaço onde o sexo é permitido. Mas essa permissividade é relativa, só pode ser aceito o sexo com o intuito da procriação e com o cônjuge. Sobre essa questão, Fávaro coloca que uma senhora, por ela entrevistada, afirmou que “em sua camisola de núpcias estava bordada a inscrição: “Lo faccio io per amor a Dio”-“(Faço (sexo) por amor a Deus).”<sup>215</sup>

Como já foi comentado anteriormente, a questão da procriação não era respeitada, assim como a da fidelidade conjugal. É sobre as contravenções da moral católica referente ao matrimônio que se aspira expor alguns casos.

A virgindade como foi dito, é um aspecto não necessário para realização do matrimônio. Segundo alguns depoentes aconteceram casamentos em que as noivas não eram mais virgens na noite de núpcias e que não renderam problemas. Contudo, aconteceram também casos em que, ao descobrir que a noiva não era mais virgem, houve desentendimento entre as famílias ou até mesmo acabou em violência: “teve uma moça que casou e o marido não sabia que ela não era virgem e ele sovou ela na noite do casamento, surrou ela que nem sei. Acabou o casamento ali.”<sup>216</sup>

---

<sup>214</sup> SILVA, Maria da Conceição. **Catolicismo e casamento civil na Cidade de Goiás: conflitos políticos e religiosos (1860-1920)**. *Rev. Bras. Hist.*, 2003, vol.23, no.46, p.123-146.

<sup>215</sup> Favaro, Cleci Eulália. **Entre “lobos” e “cordeirinhos”: dos discursos e das práticas nos relacionamentos familiares e conjugais entre descendentes de imigrantes**. *Revista Esboços (UFSC)*. Nº 17, 2007. p. 111-122.

<sup>216</sup> Vide entrevista nº 02 dos anexos.

Ainda sobre esse tema da virgindade disfarçada, *Boscatto* apresenta em suas memórias o fato ocorrido com sua conhecida no interior de Nova Trento, atual Flores da Cunha<sup>217</sup>. Segundo o autor, essa sua conhecida já não era mais virgem há muito tempo e iria se casar. A família com medo de que o noivo a devolvesse, pois essa não era conhecedor da vida sexual da noiva, encomendou na farmácia da vila um líquido, que segundo o farmacêutico, ocasionava um estreitamento vaginal quase total.

Na ocasião da noite de núpcias, ainda preocupados com a hipótese do noivo descobrir o teatro da virgindade, os pais da moça solicitaram que ela encenasse muito bem, no ato sexual, para evitar desconfianças. Além disso, pediram ao seu irmão mais novo, de apenas 14, que escutasse através da parede de seu quarto o falatório entre os noivos para saberem como decorreria a noite de núpcias.

O irmão mais novo já sabia que a irmã não era mais virgem e atendeu prontamente o pedido dos pais. Então, ouviu a seguinte frase da irmã, em dialeto mantuano: “Adés ad dáqui uma roba, que no go mai dat a nessún!”<sup>218</sup> e posteriormente ouviu os gemidos encenados pela irmã. Surpreso com isso, o caçula foi comunicar o acontecido aos pais: “La Bernarda lé drio dárag al de drê a Dóndolo, parquê lás lamenta tant que fá fin pecá!”<sup>219</sup>

Este episódio é retratado pelo autor de forma cômica, entretanto é relevante ao trabalho, pois condiz com essa idéia que tentou-se demonstrar que a virgindade e o matrimônio não eram tão unidos. No caso dos homens, a perda da virgindade geralmente ocorria cedo e, na maioria das vezes, nas casas de tolerância na área urbana de Caxias.<sup>220</sup>

Outro aspecto interessante à análise das contravenções matrimoniais é a ocorrência da bigamia. Sobre esse indicativo foram encontrados alguns indícios nas fontes de imprensa e nos livros de memória. Na imprensa aparece apenas um caso de bigamia, mas que teve

---

<sup>217</sup> BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento.** Flores da Cunha: O Florense, 1994. p. 281-282.

<sup>218</sup> Tradução: “Agora vou te dar uma coisa que nunca dei a ninguém!”

<sup>219</sup> Tradução: “A Bernarda está dando o traseiro ao Dóndolo, porque ela se queixa muito que dá até pena!”

<sup>220</sup> Vide entrevista nº 06.

relevância, pois foi apresentado durante três semanas consecutivas nas páginas do jornal *O Momento*. Primeiro em 03 de julho de 1933 o jornal apresenta o caso de um empresário caxiense, do qual não cita nome, que havia desaparecido de sua casa e que segundo a família tinha fugido para encontrar sua outra família que residia em Porto Alegre.<sup>221</sup>

No dia 10 de julho do mesmo ano, são oferecidas maiores explicações sobre o caso, alegando que tal empresário havia pego o trem em Caxias para fazer compras em Porto Alegre e não havia voltado na data estipulada. Então, sua esposa, preocupada, procurou um de seus amigos que respondeu que o havia encontrado em Porto Alegre com sua outra esposa.<sup>222</sup>

O caso desaparece das páginas do jornal após o dia 17 de julho, quando a família manda uma carta ao editor pedindo silêncio sobre o acontecimento e dizendo que o desaparecido, suposto bigamo, foi encontrado em Niterói.<sup>223</sup> Sem maiores informações ficou por conta das suposições a confirmação desse caso, mas é interessante relatá-lo.

Além dessas notícias, outro indício referente a casos de bigamia foi encontrado novamente no livro de memórias de *Boscatto*. Ele conta um episódio ocorrido em Flores da Cunha, onde um cidadão vivia com a mulher e com a cunhada, tendo filhos com as duas. Além de dividir o teto, as duas irmãs dividiam as tarefas domésticas e a “fogosidade sexual” do referido cidadão.

Todos os filhos eram registrados em nome da mulher legítima, mesmo que fossem filhos da cunhada. O autor ainda relata que, certa feita, as duas mulheres engravidaram com apenas quatro meses de diferença, e na hora de registrar as crianças o escrivão estranhou o fato, mas lavrou o registro normalmente, apenas questionando como era possível sua mulher ter tido dois filhos com diferença de apenas cinco meses entre eles. Entretanto, no interior,

---

<sup>221</sup> “Um caso de Bigamia?”. IN: Jornal O Momento, 03 de julho de 1933.

<sup>222</sup> “Em torno de um caso de bigamia”. IN: Jornal O Momento, 10 de Julho de 1933.

<sup>223</sup> “Em torno de um caso de bigamia”. IN: Jornal O Momento, 17 de julho de 1933.



onde vivia essa família nada usual, os vizinhos sabiam de sua convivência e encaravam normalmente tal realidade.<sup>224</sup>

A violência doméstica é outra lacuna referente à história regional. A supervalorização à entidade familiar e ao matrimônio fica explícita também na historiografia, na qual os casos de violências e abusos realizados por maridos contra as suas esposas não são retratadas. Esta lacuna geralmente é explicada da seguinte forma:

“Alguns casais, depois do casamento, percebiam que havia entre eles tais problemas e incompatibilidades que se soubessem disso antes de casar, não o teriam feito. Mas ponderavam: Nós casamos diante do padre e de Deus e fizemos para sempre”. A solução era então, suportar-se, procurar compreender-se e construir uma boa família, embora as dificuldades. Mesmo persistindo as dificuldades, procuravam não discutir, nem brigar diante dos filhos. Eles não queriam estragar a família por causa do seu mau relacionamento. A fé profunda na indissolubilidade do matrimônio, como instituição divina, levava-os a buscar forças espirituais para se suportarem mutuamente.”<sup>225</sup>

Contudo, são expostos na imprensa relacionamentos muito mais problemáticos, repletos de brigas, discussões, muitas delas que foram parar na justiça ou que acabaram até mesmo em morte. Outra questão que deve ser lembrada e que foi citada pelos depoentes é a do abuso das bebidas alcoólicas. Segundo D.V., o vinho era um “destruidor de lares” e muitos pais de famílias que sofriam de alcoolismo descontavam seus aborrecimentos cotidianos através da violência contra esposas e filhos.

Apenas na década de 1930 é possível encontrar referências no *Jornal O Momento* de três assassinatos de esposas, cometidos por seus maridos. Dois deles alegaram estarem

---

<sup>224</sup> BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento**. Flores da Cunha: O Florense, 1994. p. 327.

<sup>225</sup> BATTISTEL, Arlindo Itacir. *Colônia Italiana: religião e costumes*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981. p. 31.

embriagados no motivo do crime, um, inclusive, assassinou a esposa após esta o ter ido buscar na bodega, já de madrugada.<sup>226</sup>

Outro caso interessante, também encontrado através da imprensa, é o de Honorino Minela, residente da Linha Alencastro em Farroupilha, que foi acusado de envenenar a mulher. O caso é exposto no ano de 1938, quando Honorino é processado pelo crime de uxorídio. Segundo o jornal, o mesmo teria alegado que colocou arsênico na chaleira de café de sua mulher, que veio a falecer. Após um julgamento duvidoso, o réu foi absolvido pelo júri.<sup>227</sup>

Outro caso interessante sobre a violência doméstica, encontrado na imprensa regional, é de Alziro Candido que: “agrediu sua mulher a bordoadas, arrastando pelos cabelos por baixo do aramado, para um mato próximo, onde livremente completou plano bestial iniciado na estrada, depois pediu desculpas e a ameaçou de morte se levasse ao conhecimento das autoridades.”<sup>228</sup> Esse fato ocorreu no interior de Caxias, e o réu foi acusado pela esposa de maus-tratos e abuso sexual, sendo condenado pelo júri.

A indissolubilidade do matrimônio, apresentada anteriormente por Battistel, como uma das causas para que a violência doméstica fosse ignorada, também não era unânime. Os jornais já trazem notícias referentes a desquites, desde a década de 1930. O *Jornal O Momento* relata o caso de Andradina Benato que entrou com ação de desquite na Comarca Caxias, alegando maus-tratos do marido, o viúvo Fernando Benato.<sup>229</sup> O fim da mesma ação é descrita em número posterior do jornal com o seguinte texto:

---

<sup>226</sup> “Marido mata a esposa” IN: *Jornal O Momento*, 04 de setembro de 1933. e “Entrou em julgamento o réu Antonio Petrin”. IN: *Jornal O Momento*, 24 de abril de 1936. Um dado relevante é que os dois réus foram considerados inocentes por ter sua percepção alterada pelo vinho.

<sup>227</sup> “Uxorídio”. IN: *Jornal O Momento*, 07 de fevereiro de 1938. “Pronúncia de Honorino Minela”. IN: *Jornal O Momento*, 18 de julho de 1938. “Absolvição do réu”. IN: *Jornal O Momento*, 01 de agosto de 1938.

<sup>228</sup> “Sessão Livre”. IN: *Jornal O Momento*, 24 de maio de 1937.

<sup>229</sup> “Ação Litigiosa de desquite”. IN: *Jornal O Momento*, 18 de janeiro de 1933. e “Pelo Foro”. IN: *Jornal O Momento*, 25 de janeiro de 1933.

“Fim da ação de litígio, do casal Benato. “Desquite amigável”, das diversas propriedades do marido, uma fica para a referida esposa, sendo que ela perde a guarda dos filhos, e não tem direito a pensão, e se continuar sendo uma pessoa de bem, honesta e trabalhadeira, vai poder visitar os filhos uma vez por semana se o ex-marido permitir.”<sup>230</sup>

Não se pretende aqui fazer uma análise vitimizadora, mas o que se vê na maioria desses processos é uma preferência do júri aos maridos. Contudo, é válido dizer que as mulheres merecem destaque em meio a uma legislação parcial e uma sociedade preconceituosa, e que, ainda assim, tinham a coragem de denunciar seus maridos contra maus-tratos e abusos. Sem dúvida, o número de mulheres que sofreu violência doméstica era muito maior do que os casos aqui citados, mas essa conjuntura coagia as denúncias.

Além dos desquites, o casamento entre viúvos e solteiras, ou vice-versa, era bastante comum. Os depoentes comentaram que estes acontecimentos eram alvos de chacotas da vizinhança, incentivada pelos padres, que não simpatizavam com essa realidade.<sup>231</sup> *Costa* já havia comentado em sua obra: “fato de o casamento de viúvos ser alvo de brincadeiras, zombarias e de más interpretações, principalmente, se um dos cônjuges tivesse enviuvado a pouco.”<sup>232</sup>

O último tema que se pretende debater nesta parte do trabalho é o adultério. Este tema apareceu de diversas formas no decorrer da pesquisa. Os depoentes revelaram que o adultério, quando praticado, era mantido em segredo absoluto, portanto foi muito difícil encontrar outras fontes que não as orais sobre isso.

Os depoentes lembraram casos de adultério dentro da experiência familiar, como conta A.A.:

---

<sup>230</sup> “Fim da ação de desquite”. IN: *Jornal O Momento*, 04 de setembro de 1933.

<sup>231</sup> Vide entrevista nº 01 e nº 07 dos anexos.

<sup>232</sup> COSTA, Rovílio (org.). **Imigração Italiana no Rio Grande do Sul Vida, costumes e tradições**. Porto Alegre: EST; Sulina, 1974. p. 71.

“Teve um irmão meu que ele se separou da mulher. Porque nós ia levar mercadoria em Porto Alegre e ele começou a namorar uma guria lá e a mulher dele desconfiava sempre. E eu ia junto e ela me perguntava e eu tinha que mentir porque se não ia dar briga né. Mas ela desconfiava bem certo de onde que nós ia dormir tudo. Nós ia dormir num motel e dizia que dormia no hotel. E dali, ele comprou um terreno lá embaixo em Canoas, depois levou ela pra lá. Depois largou ela lá com os dez filhos e fugiu com a amante.”<sup>233</sup>

As lembranças também surgiram em relação a episódios ocorridos na vizinhança. A.Z.M., moradora da zona central de Caxias, no início do século XX, relatou o seguinte, quando questionada em relação ao acontecimento de adultérios:

“Teve um homem que eu lembro, agora me esqueço o nome dele e tinha uma mulher chamada Fani e coitado, ele trabalhava de noite e ela levava, porque eu tinha uma amiga minha que morava lá, era casa de lance, e ela morava de um lado e a tal da Fani morava de outro e então ela levava os homens na casa enquanto o marido dela trabalhava. Meu Deus! Quando estourou... Mama Mia! Coitado desse homem, ele não tinha culpa, mas todo mundo caiu em cima dele né.”<sup>234</sup>

Além dos casos contados pelos depoentes, os adultérios também ficam visíveis através dos processos, sendo encontrados em diversos. No entanto, não são fáceis de encontrar queixas de adultérios, eles aparecem em outros tipos de queixas, utilizados para difamar réus ou vítimas ou como causas de crimes de assassinato e agressão. São comuns citações como a seguinte, encontrada em um processo de injúria: “Que Ana de Tal protege os amores ilícitos de sua filha com o citado garçon, impedindo que estranhos se aproximem do quarto onde têm suas relações sexuais.”<sup>235</sup>

Nesse processo, uma sogra processa o genro por injúria por a ter chamado de “meretriz”. A defesa do acusado se faz em torno da afirmação de que a sogra protegia os casos extraconjugais da filha e contou com vasto número de testemunhas, sendo finalizado com a absolvição do réu.

---

<sup>233</sup> Vide entrevista nº 06 dos anexos.

<sup>234</sup> Vide entrevista nº 02 dos anexos.

<sup>235</sup> Centro de Memória do Judiciário. Caixa 087; Processo: 02. Ano: 1921

O advogado de acusação alega que o réu mentiu ao expor essa realidade e defende a sogra, através de seu bem-sucedido negócio, que é, segundo o advogado, um hotel familiar no centro de Caxias, defendendo a honra de sua cliente:

“Seria impossível que uma casa onde a licença de costumes fosse tremenda, onde a devassidão imperasse, onde as mães festejassem impudicamente os amores das filhas casadas com garçons onde a prostituição clara ou disfarçada tivesse abrigo oficial, seria possível digamos, que esta casa seja habitada por famílias honestas e por hóspedes ciosos de sua dignidade e decoro?”<sup>236</sup>

O processo é encerrado com o discurso do advogado de defesa que novamente apela para a honra dos homens do júri para que estes reavaliem a situação lamentável que se encontrava a “cidade sem moral”.

Também são comuns os processos de defloração onde os homens acusados de deflorarem menores eram casados, porém, isso será tratado adiante no próximo subtítulo que pretende demonstrar a prática dos crimes de estupro e defloração.

### **3.2.5. OS CRIMES CONTRA A PUREZA: DEFLORAMENTOS E ESTUPROS**

Os crimes sexuais, principalmente os defloramentos e abortos eram transgressões não apenas às normas morais católicas, mas também à legislação vigente. Por esse motivo, foi possível encontrar um número razoável desses casos através dos processos judiciais, e também através da imprensa, que na maioria das vezes retratou os julgamentos e denúncias existentes no fórum.

Para revelar mais esta realidade contraventora na RCI, seguiu-se a idéia de narrar alguns casos ocorridos na região, a fim de demonstrar os acontecimentos cotidianos e contextualizá-los.

---

<sup>236</sup> Ibidem 204.

Primeiramente, partiu-se para a análise dos defloramentos e estupros que apareceram através das fontes judiciais. Nelas transpareceram diversos casos dessas duas naturezas, entretanto foi necessário selecionar os mais interessantes no período pesquisado.<sup>237</sup>

Dos processos de defloramento foram selecionados três casos-exemplos, pela diferente maneira que cada um é concluído. Na maioria dos documentos vistos, o julgamento é concluído de alguma dessas formas. A primeira delas é o casamento dos envolvidos. Geralmente esses processos são derivados de casos de gravidez, em que o namorado não deseja o casamento. Quem faz a denúncia, quase sempre é a família da moça deflorada. E as testemunhas dão relatos bastante interessantes sobre a vida sexual do casal.

Num processo de 1925, segundo as testemunhas, a moça “manteve relações sexuais por algum tempo com namorado que não aceita casar-se.”<sup>238</sup>. A moça então engravidou e encaminhou a denúncia contra o noivo.

Uma das testemunhas desse processo é Primo Postali, importante fotógrafo caxiense. Segundo ele, os dois namorados tiveram relações sexuais em sua casa, que era cedida a eles com tal objetivo. O fotógrafo ainda declara que a “moça é muito honrada e merece casar-se”. O processo é concluído com a admissão do namorado e o casamento dos dois envolvidos.

Outro caso significativo de defloramento encontrado nas fontes judiciais é do ano de 1930. A denúncia explicita outra definição comum aos crimes de defloramento: “crime de sedução”. Neste episódio é relatado que uma menina menor de idade foi raptada por um homem mais velho e posteriormente deflorada no Hotel Colonial, localizado no centro de Caxias.

---

<sup>237</sup> No período de 1920 a 1950, espaço temporal investigado com preferência, foram encontrados mais de 20 processos-crimes relacionados a estupros e defloramentos no Centro de Memória Regional do Judiciário. Vale lembrar que os documentos guardados nesse acervo são somente os pertencentes à primeira vara da Comarca Caxias, os demais estão guardados em outros acervos. Esse dado é importante para delimitar o espaço em que foi encontrado esse número razoável de processos, que, sem dúvida, é irrisório, haja visto a enorme quantidade de documentos ainda não pesquisados.

<sup>238</sup> Centro Regional de Memória do Judiciário, caixa 087, processo 010. ano: 1925.

Contudo, o advogado de defesa do réu alegou que a menina provocou tal acontecimento, usando como provas fotos da menor, indicando sua forma de vestir como vulgar e, ainda, mostrou ao júri cartas escritas pela mesma ao réu que continham “palavras lascivas”.<sup>239</sup> Mesmo assim o réu é considerado culpado e, ao ser sentenciada a pena de pagamento de dote à deflorada, o réu foge.

O último processo que se pretende relatar, a fim de expor a prática do defloramento, é um documento muito interessante que contém diversos temas. O documento é datado de 1932 e a denúncia é feita pelo pai da moça deflorada, com o seguinte texto:

“A.M. que é casado, de uns tempos a esta parte, começou a assediar a menor A.A., tendo, talvez com ela encontros furtivos... que A.A. sempre viveu com o maior recato, sendo tida e havida como moça digna e honesta. Que valendo-se da inexperiência dessa menor A.M. conseguiu ludibriá-la ao ponto de raptá-la, há poucos dias, fugindo com ela para Porto Alegre. ... Que por isso, sendo de presumir que o rapto se tenha seguido de defloramento de A.A (...),”<sup>240</sup>

O crime acima é definido na denúncia como “rapto de menor”, outra denominação comum aos casos de rapto seguidos de defloramento. O processo é bastante extenso, cheio de relatos de testemunhas de acusação e defesa. Entretanto, uma das provas faz com que o rumo do processo seja modificado. Até certo ponto do andamento o advogado de acusação vinha comprovando a “honra e dignidade” da moça e solicitando às testemunhas que também falassem dela nesse sentido.

Porém, a moça continuava desaparecida, apenas o réu comparecia às sessões no fórum. Segundo ele, a moça estava morando em Porto Alegre, em uma casa comprada por ele e não queria mais voltar para a família. Certa feita, foi enviada pela moça deflorada uma carta ao delegado, comprovando esses dizeres, onde ela escreve que fugiu de casa por “livre e espontânea vontade”, que amava seu companheiro, finalizando o texto com a seguinte frase:

---

<sup>239</sup> Centro Regional de Memória do Judiciário, caixa 090, processo 07. ano: 1930.

<sup>240</sup> Centro Regional de Memória do Judiciário, caixa 091, processo 01. ano: 1932.

“Espero que o Sr. Delegado me proteja, pois não desejo de nenhum modo voltar a casa, prefiro morrer.”<sup>241</sup>

A partir desse momento, o processo toma outro rumo e as testemunhas passam a defender o caso amoroso ilícito dos dois envolvidos, criticando o tratamento que a moça recebia da família que “explorava seus trabalhos” e não a “deixava em liberdade”. O discurso de fechamento, feito pelo advogado de defesa, apresenta os requisitos do crime de rapto de acordo com o código penal:

- a) tirada da mulher do lar doméstico;
- b) que a mulher, maior ou menor de idade, solteira, casada ou viúva seja honesta;
- c) que se tenha empregado violência ou sedução, ou atraído por emboscada;
- d) para fim libidinoso;<sup>242</sup>

Encerrando seu discurso, argumenta que alguns desses requisitos não se comprovaram no caso em questão, pois a menor queria fugir e viver junto de seu raptor. Dessa forma, o réu é absolvido pelo júri e a menor continua morando na casa provida por ele em Porto Alegre, ao mesmo tempo, que continuava casado com sua esposa legítima em Caxias.

Os casos de defloramento também são bastante encontrados nos jornais. Apenas na década de 1930, o jornal *O Momento* apresenta 19 notícias relacionada à defloramento, libidinagem e atentado contra a honra. Este número cresce gradualmente nas décadas de 1940 e 1950.

Na maioria das vezes, a imprensa relata processos que estão em andamento nos fóruns da região, mas também aparecem textos mais elaborados relatando alguns episódios, como, por exemplo, a matéria exibida no *Jornal O Momento* em 1936:

---

<sup>241</sup> Ibidem 209. Carta anexa ao processo.

<sup>242</sup> Ibidem 209.



“Reinaldo Badim é um desses rapazes que gosta de namorar de pertinho, por isso está metido em calças pardas e bem justas. Sua namorada queixou-se à autoridade de Ana Rech que o mesmo havia-a deflorado e por isso veio dar com as costas na polícia, bem contra sua vontade. Reinaldo que está sendo ouvido na delegacia do 1º distrito. Casará com Clementina Tomazia reparando assim seu crime.”<sup>243</sup>

Assim como os defloramentos, casos de rapto também são explicitados através da imprensa. Um exemplo é o retirado do jornal *O Regional* ainda na década de 1920, “Amor, rapto e casamento”. O relato é feito em quatro atos: O primeiro, definido como “obra do cupido”, expõe o amor entre um guarda municipal e uma menor. O segundo transcreve a transferência de tal guarda a Porto Alegre. O terceiro refere-se à fuga da menor em busca de seu amor sem avisar a família e o quarto, definido como “obra de Deus”, finaliza o caso abordando o casamento dos “dois pombinhos”.<sup>244</sup>

Além disso, os depoentes também relembrou os casos de defloramento. Um relato interessante é o de A.V. que, na década de 1940, cumpriu pena na penitenciária industrial por motivo de outro crime e lembrou-se que seu colega de cela era um acusado de defloramento que acabou sendo condenado à prisão pelo mesmo crime.<sup>245</sup>

Ainda sobre o defloramento, foram encontradas referências no caderno de campo realizado por Thales de Azevedo<sup>246</sup> na cidade de Caxias do Sul, quando este buscava informações da região para posteriormente escrever sua obra “Italianos e Gaúchos”. No caderno de campo, o defloramento aparece em algumas citações referentes a uma entrevista que o autor realizou com o padre Nebridio de Linha Conceição, em Caxias do Sul. O padre coloca que:

---

<sup>243</sup> “Defloramento”. IN: Jornal O Momento, 19 de outubro de 1936.

<sup>244</sup> “Amor, rapto e casamento”. IN: Jornal O Regional, 11 de julho de 1927.

<sup>245</sup> Vide entrevista nº 01.

<sup>246</sup> Estes cadernos foram realizados em 1955 durante a estadia de Thales na RCI e foram publicados posteriormente. Nesta pesquisa utilizou-se o exemplar publicado, onde estão referidos diversos temas e o local da obra onde podem ser encontrados. No tema denominado *sexualidade*, foram encontradas algumas informações sobre o defloramento. Referência: AZEVEDO, Thales de. **Os italianos no Rio Grande do sul – Cadernos de Pesquisa**. Caxias do Sul: EDUCS, 1994.

“Moças e rapazes aqui tem boa vida moral; apenas 20 % das moças não merecem vestir o vestido branco do casamento; já em Desvio Rizzo há vários casamentos de reparação, com moças grávidas, e há uns 60% de moças defloradas, que trabalham em fábricas.”<sup>247</sup>

Os números apresentados pelo padre não tem nenhuma comprovação matemática, contudo são interessantes por apontarem o defloramento como prática conhecida pela população da RCI, tanto a urbana quanto a rural.

Além dos defloramentos e raptos, outros crimes sexuais que transpareceram nas fontes investigadas foram os estupros. Mesmo que em número menor, é significativa sua ocorrência. O número de processos indicativos de estupros encontrados nas fontes do judiciário é menor do que aos que referem-se a defloramentos, mas, mesmo assim, encontram-se diversos casos do crime no período pesquisado.

Os depoentes que foram entrevistados não recordaram de nenhum caso de estupro ocorrido em suas localidades, entretanto nos processos-crimes foram achados alguns estupros. Destes foram selecionados dois casos-exemplos.

O primeiro, datado de 1934, é muito impressionante e descreve o crime de estupro cometido por três jovens, moradores da zona rural, empregados em uma pequena propriedade como ajudantes na colheita.

Estes três rapazes, segundo a denúncia do processo, “obrigaram duas irmãs a manterem relações sexuais com eles.”<sup>248</sup> Estas duas irmãs são descritas no processo como uma “aleijada” e outra “velha”. Segundo a descrição dada na denúncia, eram duas irmãs solteiras que moravam sozinhas, uma sofria de paralisia infantil e tinha 39 anos e a outra tinha 56 anos.

O crime aconteceu em um início de noite, no inverno de 1934, no Travessão Solferino, interior de Caxias. Os três jovens bateram à porta das duas senhoras pedindo um copo d’água

---

<sup>247</sup> Ibidem 215, p. 170.

<sup>248</sup> Centro Regional de Memória do Judiciário, caixa 090, processo 08. ano: 1934.

e no momento que elas abriram a porta, os três invadiram a casa e as obrigaram a manter relações sexuais, com cada um deles.

Chamados a depor, após a denúncia feita pelas senhoras, dois jovens compareceram ao tribunal, o outro ficou desaparecido. Os dois que prestaram depoimento colocaram toda a culpa do crime neste que havia sumido. Contudo, após as declarações feitas pelas vítimas, o júri acabou condenando-os à prisão.

Também no judiciário foram encontrados documentos que relatam crimes de “tentativa de estupro”<sup>249</sup>. Um desses foi selecionado como episódio que aqui será retratado. Datado de 1935 o processo apresenta a denúncia de tentativa de estupro, apresentada pelo pai de uma das vítimas.

Segundo o pai, em um sábado, sua filha de 15 anos e uma amiga de 11 anos estavam na casa deles se arrumando para irem fazer compras. Nesse local, existiam alguns quartos alugados, principalmente a operários que se mudavam do interior para o centro de Caxias a fim de trabalhar nas metalúrgicas.

Então, um dos locatários atacou as duas meninas, forçando-as a fazer sexo com ele e as ameaçando violentamente. Uma das duas conseguiu se desvencilhar dos braços do agressor e chamou por socorro. Assim, o estuprador foi detido. No final do documento consta a nota que o criminoso foi condenado à prisão celular.

Na imprensa os casos de estupros também aparecem em número razoável e relatam certas ocasiões surpreendentes como a seguinte:

“Personagem do alto comércio local, estupra menor que era funcionária de seu estabelecimento. Suborna o pai da menor para que o mesmo não o denuncie. O irmão da menor, prestou queixa a justiça e começa diligência.”<sup>250</sup>

---

<sup>249</sup> Centro Regional de Memória do Judiciário, caixa 090, processo 010. ano: 1935.

<sup>250</sup> “Ruidoso Processo”. IN: Jornal O Momento, 09 de setembro de 1944.

Os crimes sexuais do defloramento e do estupro eram comuns na RCI no período de 1920 a 1950. Provavelmente, corresse nesse ritmo até no período anterior, entretanto a falta de fontes coerentes não permite tal conclusão. De qualquer forma os casos são variados, assim como os envolvidos. Contudo, o que se pretendia nessa parte do trabalho era demonstrar que os crimes ocorriam, assim como as outras transgressões das regras morais vigentes.

### 3.2.6. SEXUALIDADE OBSCENA

Em seu trabalho, Vannini já apresentou a prática do bestialismo como banal na RCI. Segundo o autor, essa prática é comum, sobretudo, nas “comunidades sulinas de tradição pastoril”.<sup>251</sup> Porém, *Storr* coloca que a zoofilia constitui a ação de atos libidinosos com animais e “é muito comum em zonas rurais, onde se sabe que trabalhadores agrícolas têm relações com uma grande variedade de animais domésticos”.<sup>252</sup>

Assim como os depoentes de Vannini, os aqui entrevistados também relataram com naturalidade os casos de zoofilia, lembrando de vários. A maioria dos depoimentos aponta para a predominância de homens envolvidos nesses episódios e cita uma infinidade de animais que teriam sido utilizados para tal fim: “égua”<sup>253</sup>, “vaca”<sup>254</sup>, “cabrita, ovelha, porca”<sup>255</sup> e até mesmo “galinha”.

E.V. conta o caso em que se deparou com a prática da zoofilia por um de seus vizinhos na zona rural: “O P., eu e o C. pegamo ele! E ele tinha uma eguinha, e a égua sabia, ele botava

---

<sup>251</sup> VANNINI, Ismael Antonio. **O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no RS: Vannini (1906-1970)**. Passo Fundo: UPF; Porto Alegre: EST, 2004. p.174.

<sup>252</sup> STORR, Anthony; BORBA, Vera (tradução). **Desvios Sexuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 94.

<sup>253</sup> Vide entrevista nº 01 dos anexos.

<sup>254</sup> Vide entrevista nº 03 dos anexos.

<sup>255</sup> Vide entrevista nº 04 dos anexos.

ela encostada no barranco, e ia em cima do barranco pra fazer sexo”.<sup>256</sup> De acordo com a depoente, depois desse ocorrido toda a vizinhança passou a tratar e falar mal do dito vizinho.

Ao ser questionada sobre a pedofilia, uma das depoentes expôs sua justificativa a tal prática; segundo ela: “Pegavam as cabritas, já pensou. Não tinham uma mulher pra pegar será? Mas é que as mulher não dava né! <sup>257</sup>(risos) Experimenta pedir hoje se tem homem que faz isso. Tem menos eu acho.”

Este tipo de justificativa aparece em outras falas e pode-se concluir que era compreensível a prática da zoofilia masculina por esse motivo: os homens não conseguiriam segurar seus impulsos e, como as mulheres eram muito rígidas em relação ao sexo, procurar animais para descarregar os desejos era natural. Devia ser respeitada a mulher e o impulso sexual masculino.

Contudo, também foram relatados casos de zoofilia praticados por mulheres. Mesmo que descritos de uma forma mais censurativa e menos natural, estes casos apareceram nas falas dos depoentes.

O caso de zoofilia feminina mais recorrente parece ser a praticada com cães. A explicação dada por *Storr* para estes episódios refere-se à aproximação sentimental que as mulheres que cometeram tais atos tinham com seus cachorros de estimação.<sup>258</sup>

Os entrevistados comentaram casos de zoofilia feminina exatamente com seus cães de estimação. Um dos comentários diz o seguinte:

“A mulher ela se abaixava e o cachorro fazia sexo com ela. Ela era casada, só que eles não tinham filhos, não lembro mais o nome dela. Eu e a Ana e a Mercedes nós fomos espiar porque eles moravam numa casinha deles lá na colônia, nós desconfiamos e fomos espiar. Era uma mulher, não era muito nova! E nós dizia - Essa mulher é porca! Má per la mor de Dio! Tinha de tudo minha gente!”<sup>259</sup>

---

<sup>256</sup> Vide entrevista nº 01 dos anexos.

<sup>257</sup> Vide entrevista nº 04 dos anexos.

<sup>258</sup> STORR, Anthony; BORBA, Vera (tradução). **Desvios Sexuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 94.

<sup>259</sup> Vide entrevista nº 01 dos anexos.

Para os depoentes a justificativa sobre tais atos versa sobre o fato de falta de carinho entre os casais e abandono das mulheres que não eram procuradas sexualmente pelos maridos, que viajavam muito ou buscavam em outros corpos a solução para seus desejos.

Além dos relatos orais, a zoofilia também foi encontrada nas fontes judiciais, através de um dos processos investigados. O processo trata de um caso de defloramento, no qual uma menina jovem, prestes a casar, admitiu aos pais que já não era mais virgem e que o responsável pelo fato era seu vizinho, um viúvo.

A família, então, entra com processo contra o vizinho, solicitando o pagamento de dote à deflorada. Contudo, o vizinho alega em seu testemunho que manteve relações sexuais com a moça, mas que, no entanto, ela já não era mais virgem, e quem a teria deflorado teria sido seu cachorro. Depois desta alegação, a acusação solicitou provas do fato e o homem traz como testemunha outro vizinho que comprova o acontecimento dizendo ter visto, por acidente, este ato que era realizado no porão da casa.

O processo foi fechado, o réu foi considerado inocente e a moça sofreu bastante com as acusações feitas pelo advogado de defesa, classificando-a como desqualificada, e conhecida como “doente mental”.<sup>260</sup>

Os casos de pedofilia e homossexualidade foram muito difíceis de encontrar. Poucas falas de depoentes transpareceram essa realidade, mas ao entrar em contato com os processos e com a imprensa pode-se identificar mais alguns episódios.

Um caso de pedofilia foi contado por apenas uma das depoentes, os outros comentaram não lembrarem nenhum desses casos e ainda ressaltaram que se ocorressem “eram muito escondidos e ninguém ficava sabendo”.<sup>261</sup>

---

<sup>260</sup> Centro Regional de Memória do Judiciário. Caixa 093, processo 03. ano: 1935.

<sup>261</sup> Vide entrevista nº 04 dos anexos.

Uma das depoentes, porém, lembrou-se do caso ocorrido com uma de suas amigas de infância, em Caxias do Sul. Ela conta que essa menina foi abusada sexualmente pelo pai quando tinha apenas sete anos, isso ainda no início da década de 1930. Uma de suas tias desconfiou do que vinha acontecendo, pois a mãe da menina havia falecido a pouco tempo, e conseguiu retirá-la da guarda do pai, instaurando processo contra o mesmo. O processo foi concluído e o réu condenado à prisão, onde ficou por alguns anos.<sup>262</sup>

Este caso deixa claro também a ocorrência da transgressão de uma dos mais discutidos tabus referentes à sexualidade: o incesto. São diversos os casos de sexo entre familiares nas páginas dos jornais e nos processos. Os episódios mais comuns versam nas relações entre tios e sobrinhas e pais e filhas, sendo o caso dos pais mais delicado e difícil de encontrar.

Além disso, também foram descobertos alguns casos de pedofilia que não envolveram parentes. Como foi transcrito no *Jornal O Momento*, em 1937:

“A delegacia de polícia fez prender e recolher a cadeia pública local o menor de dezesseis anos OC acusado de haver atentado contra a menor JR de nove anos de idade, fato ocorrido nesta cidade, no dia 10 do corrente mês. Os autos da indagação policial forma com sista ao dr. Promotor público, que requisitou providencias sobre a detenção desse menor, que foi ordenado pelo dr. Juiz de direito.”<sup>263</sup>

Outro episódio do mesmo tipo é descrito nas memórias de *Boscatto*. O autor descreve o caso através de uma crônica nomeada: “A menor impúbere e o tarado”.<sup>264</sup> O autor conta que um jovem de 20 anos manteve relações sexuais sodômicas com uma menina de 10, ameaçando-a de morte, na casa de seu amigo, que era pai da menina. Ao denunciar o ocorrido à mãe, a família da menor entrou com processo contra o jovem que foi condenado à prisão celular.

---

<sup>262</sup> Vide entrevista nº 02 dos anexos.

<sup>263</sup> “Crime de Estupro”. IN: *Jornal O Momento*, 20 de setembro de 1937.

<sup>264</sup> BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento**. Flores da Cunha: O Florense, 1994. p. 321.

A homossexualidade foi igualmente difícil de encontrar nas falas dos depoentes, assim como nos processos e jornais. Apenas uma depoente lembrou-se de um homossexual, aproximadamente na década de 1940:

“Que naquela época a rodoviária era lá em São Pelegrino né. E tinha atrás de lá uma casa de uma mulher que o filho era viado. Ele se rebojava, eu tinha uma pena dele, mas ele cuspi na gente quando passava pela gente. O apelido dele agora me esqueço... Meu Deus do céu! Acho que era o único que tinha naquela época porque os outros não apareciam. Ele era todo rebolado, remexido. Era Liminha, um nome assim. Ele era escandaloso... quando via homens ficava bem louco. Eu tinha uma vergonha dele.”<sup>265</sup>

A fala demonstra a existência dos homossexuais, mas também o preconceito tido com eles, que provavelmente se escondiam e não revelavam sua orientação sexual por medo de represálias. Os depoentes, mesmo não lembrando casos conhecidos de homossexualidade, concordaram que a prática existia, mas, da mesma forma que a pedofilia, era mantida em segredo.

Além desse relato, foram encontrados indícios da homossexualidade em duas outras referências: um processo e um caso noticiado no jornal. O processo relata o caso de um jovem de 19 anos que trabalhava em uma padaria no centro de Caxias na década de 1930 e que entrou com processo contra seu chefe, no qual alegava abuso sexual do mesmo. Que este o havia “bolinado” em serviço, “passando a mão em seus órgãos sexuais na sala de fornos da padaria”.<sup>266</sup>

Outro indício de homossexualidade foi retratado no Jornal O Momento, na década de 1940; o jornal conta que duas moças de aproximadamente 20 anos haviam fugido juntas de casa, deixando suas famílias muito preocupadas. A notícia insinua que as duas fugitivas mantinham caso amoroso não aprovado.

---

<sup>265</sup> Vide entrevista nº 02 dos anexos.

<sup>266</sup> Centro Regional de Memória do Judiciário. Caixa 085, processo 02. ano: 1937.



Outra face da sexualidade que é mantida na obscuridade é a vida sexual dos sacerdotes. Esta sim foi bastante retratada pelos entrevistados, que citaram casos de padres que mantiveram namoros duradouros,<sup>267</sup> envolveram-se com mulheres casadas,<sup>268</sup> ou tentaram abusar de menores, como é o fato relatado por A.M.:

“Lá em Água Azul fizeram uma igreja com um pavilhão e fizeram um quarto pro padre. Porque ele tinha que descansar né. Então tinha uma moça, lá dos Bonatto, era sobrinha dele, meia bobona... assim sabe, gorda...e o padre quis pegar ela e puxar pra dentro do quarto, lá em cima, embaixo eles faziam a comida no pavilhão né. Então ela desceu chorando e uma prima minha viu e pediu o que que ela tinha, ela falou – ah, é que o vigário ali tentou me levar pro quarto.- então minha prima disse – tu vai lá, de novo pra ver o que que ele faz, que eu vou ficar cuidando aqui na escada.- então ela subiu. Obedeceu minha prima e subiu. Quando ela chegou lá em cima o padre agarrou ela assim e foi puxando pra dentro, então a minha prima apareceu e ele deu um empurrão nela assim e fechou a porta.”<sup>269</sup>

O caso de um frei capuchinho de Nova Trento também é relevante. Segundo *Boscatto*, o dito frei “convivia secretamente com diversas mulheres e tinha até filhos com elas.”<sup>270</sup>, mesmo assim, “do púlpito, execrava os fies por pequenas falhas.”<sup>271</sup>. Certa feita, o frei promoveu uma grande festa para arrecadar fundos para término da obra do hospital local, e após a festa, “fugiu com a enfermeira do mencionado nosocômio, levando com ele todo o produto arrecadado nos festejos”<sup>272</sup>; depois disso nunca mais apareceu em Nova Trento.

Assim, chega-se ao fim desta parte do trabalho, que objetiva demonstrar a sexualidade cotidiana e relatar os diversos episódios referentes a isso encontrados nas fontes, de maneira que ficasse possível a interpretação de uma moral sexual cotidiana muito diferente da discursiva. Posteriormente pretende-se demonstrar mais uma dessas contravenções morais: a prostituição.

---

<sup>267</sup> Vide entrevista nº 01 dos anexos.

<sup>268</sup> Vide entrevistas nº 02 e nº 03 dos anexos.

<sup>269</sup> Vide entrevista nº 06 dos anexos.

<sup>270</sup> BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento**. Flores da Cunha: O Florense, 1994. p.53

<sup>271</sup> Ibidem 240.

<sup>272</sup> Ibidem 240.

## 4. PRAZERES VELADOS: A NOITE E A PROSTITUIÇÃO

### 4.1. A TRINDADE DO MAL NA REGIÃO COLONIAL ITALIANA

“Trindade Maldita!

Três reptéis venenosos a rastejar sobre a terra, penetrando em todos os lugares, no palacete do rico e na habitação humilde do proletário, devastando bens materiais e destruindo consciências, maculando honras e profanando virtudes, semeando misérias na vertigem embriagadora de ilusões, ambições e prazeres desenfreados, na roupagem sedutora de luzes multicores e de perfumes inebriantes, no farfalhar de sedas das toilettes caríssimas, escondendo-se sornateiramente nos lupanares, ao som dolente da música que impressiona e que atrai as vítimas da inexperiência, da juventude desprevenida.”<sup>273</sup>

É possível identificar no trecho descrito acima que as diversões noturnas são interpretadas pelo discurso da imprensa regular ou religiosa como maléficas à saúde mental e moral de seus praticantes. No levantamento feito em jornais ficou clara a identificação de três tipos de lazer muito criticados, mas também bastante praticados. Os três, na maioria das vezes, decorrem juntos e são definidos como “a trindade do mal”, de acordo com artigo encontrado no *Jornal O Momento* de 1940.

Segundo o autor do artigo, essa trindade do mal seria formada pelas três diversões noturnas preferidas pelo habitante da RCI: o álcool, o jogo e a prostituição.<sup>274</sup> Esses três vícios são expostos como causadores dos mais diversos problemas e geradores de malefícios, principalmente aos jovens.

A questão do alcoolismo é tratada pela imprensa como vício grave e causador de desavenças e crimes. Além disso, o alcoolismo seria responsável por doenças mentais: “É grande o número de alcoólatras alienados que enchem as penitenciárias e os hospícios.”<sup>275</sup>

---

<sup>273</sup> Trecho de um artigo encontrado no *Jornal O Momento*, que refere-se ao álcool, jogo e prostituição. Fonte: “Álcool, jogo e prostituição”. IN: *Jornal O Momento*, nº 397. ano: 1940.

<sup>274</sup> “Álcool, Jogo e Prostituição”. IN: *Jornal O Momento*, nº 397. Ano: 1940.

<sup>275</sup> “Álcool, Jogo e Prostituição”. IN: *Jornal O Momento*, nº 397. Ano: 1940.

O vício do álcool foi uma realidade comum nas áreas ocupadas pela colonização italiana. O consumo do vinho é diário, tanto na zona rural, onde a produção é caseira, ou na zona urbana, nas vendas e botequins. Já foi relatado neste trabalho que uma das maiores preocupações dos missionários católicos direcionados à RCI era o abuso das bebidas alcoólicas.<sup>276</sup>

Além do consumo diário entre os pais de família, o alcoolismo era incentivado ainda na infância, quando as crianças normalmente degustavam o vinho com mel ou açúcar oferecido pelos pais, ou até mesmo a questão da hereditariedade do vício: “um pai alcoólatra deixa um legado tristíssimo aos seus descendentes na hereditariedade de um vício maldito a produzir frutos infesados, estigmatizados por taras diversas.”<sup>277</sup>

Contudo, as maiores críticas ao álcool feitas pela imprensa referem-se ao seu consumo em meio aos lazeres noturnos, acompanhado da música, da dança, do jogo e da sensualidade, que associados ao inebriante efeito do álcool produziram pessoas indecorosas e despreocupadas com os pecados.

Vannini também abordou em seu trabalho a questão do uso do vinho como fonte de desinibição e repressão da timidez. Através da embriaguez os homens sentiam-se mais à vontade para dançar com as mulheres em bailes e, também, sentiam-se mais poderosos, podendo de maneira mais fácil realizar os atos sexuais.

Segundo o autor “na RCI, também as relações do vinho com o sexo fortaleceram a visão da ação diabólica, já que libertava nos homens e nas mulheres desejos cavernosos que eles tinham dificuldade de aceitar como seus. Nesse caso, o terrível diabo era, sempre, *rosso* ou *bianco*!”<sup>278</sup>

---

<sup>276</sup> Ver página tal no texto sobre o Guia Espiritual do Imigrante.

<sup>277</sup> Ibidem 249.

<sup>278</sup> VANNINI, Ismael Antonio. **O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no RS: Vannini (1906-1970)**. Passo Fundo: UPF; Porto Alegre: EST, 2004. p. 217.

Além do álcool, outra diversão noturna que forma a dita “trindade do mal” é o jogo. *Pedro Sertório*, o autor do artigo que descreve as diversões noturnas, coloca que os jogos de azar são encontrados nos mais diferentes ambientes, desde encontros familiares ou vizinhos até as casas especializadas nesse tipo de lazer.<sup>279</sup>

Os jogos na RCI eram divididos em dois grupos: lícitos e ilícitos. Os lícitos eram formados pelos jogos de carta e bilhares, em casas registradas pela intendência para esse fim e que pagavam impostos referentes a esta atividade.

Nos Livros de Impostos sobre Indústrias e Profissões de Caxias, das décadas de 1920 a 1940, encontrados no AMJSA, foi feito um levantamento a fim de encontrar o número de casas que exploravam essa atividade. Foram encontrados diversos bares, cafés, botequins e pensões que pagavam impostos também sobre a prática dos jogos lícitos.

Dentre os proprietários cujos estabelecimentos funcionaram por longo período de tempo, encontram-se: Guilhermina Mattana, João Perbron, Maria Gasparetto, Adalgisa Araldi, Ettore Boff, Julio Prezzi, Carlos Fracasso, Luiz de Cesaro, José Caucer e Antonio Dill.<sup>280</sup> É interessante ressaltar que os proprietários de casas e salas de jogos não eram só homens, as mulheres se destacavam nesse comércio, como se pode perceber através dos nomes citados.

Mesmo com um número significativo de locais onde ocorriam os jogos lícitos, também era grande a quantidade de pessoas que jogavam em locais ilícitos, seja nas bodegas, botequins ou pensões. O jogo quase sempre era acompanhado do álcool, e retratava uma forma de lazer geralmente direcionada aos homens.

Outro artigo do *Jornal O Momento* descreve alguns desses locais, finalizando o texto com apelo às autoridades caxienses pelo fechamento desses “antros de jogatina”.<sup>281</sup> Um dos locais citados pelo artigo é “o Cabaret da Zica, em plena Rua Bento Gonçalves, funcionando

---

<sup>279</sup> “Álcool, Jogo e Prostituição”. IN: *Jornal O Momento*, nº 397. Ano: 1940.

<sup>280</sup> Levantamento dos Livros de Impostos sobre Indústrias e Profissões de Caxias da década de 1920 a 1940.

<sup>281</sup> “A Jogatina”. IN: *Jornal O Momento*, 05 de março de 1934.

aberta e escandalosamente num revoltante e atentatório desplante às famílias que residem na proximidade desse antro.”<sup>282</sup>

O jornal *O Correio-Riograndense* também dedicou-se às críticas ao jogo e ao álcool, sempre associadas à imoralidade e à sexualidade. Em artigo denominado “Decadência da Humanidade”, descreve essas práticas, inclusive como prejudiciais à instituição familiar, colocando que tanto as mães quanto os pais acabavam se entregando a esses vícios. “(...) é na sociedade, onde tudo é permitido, mesmo os maiores atentados à moral é na família, onde o pai, e muitas vezes a própria mãe, se atiram ao luxo dos amantes, jogatina e álcool.”<sup>283</sup>

A terceira forma de lazer apontada como uma das bases da trindade do mal é a prostituição. Sobre isso, é importante lembrar que essa realidade aparece superficialmente na historiografia regional. Os relatos mais comuns referentes à prostituição na zona colonial corroboram com as colocações de *Vannini*:

“Econômica e moralmente na RCI não havia espaço para as tradicionais “casas de tolerância” que abundavam na campanha e nas grandes cidades. De Boni e Costa reconhecem que os bordéis não eram aceitos na RCI: “nas pequenas cidades coloniais passaram-se anos antes que se abrisse uma casa de prostituição e quantas delas foram fechadas no grito.”<sup>284</sup>

No entanto, essa visão da historiografia não parece condizer com a realidade histórica da região. As diversas fontes pesquisadas demonstraram a existência de vários locais destinados à prostituição em Caxias, a partir da década de 1910. Nos períodos anteriores não foi possível encontrar nenhum indício da localização desses locais, contudo pode-se citar algumas hipóteses que explicariam a falta de informações nesse sentido.

---

<sup>282</sup> Ibidem 255.

<sup>283</sup> “Decadência da Humanidade”. IN: *Jornal Correio-Riograndense*, Setembro de 1949.

<sup>284</sup> VANNINI, Ismael Antonio. **O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no RS: Vannini (1906-1970)**. Passo Fundo: UPF; Porto Alegre: EST, 2004. p. 207.

Para *Giron*, no início da colonização: “É possível que bordéis estivessem registrados como pensões. O que realmente aconteceu não é possível comprovar.”<sup>285</sup> A maioria das pensões na RCI tinha má fama entre a vizinhança por adquirirem esse caráter de pensões não-familiares. As fontes comprovam que já na década de 1920 existiam diversos bordéis reconhecidos como tais na região central de Caxias.

A prostituição desde sempre ocorreu na zona colonial. *Vannini* citou em sua obra que diversas mulheres prestavam serviços sexuais a troco de dinheiro desde o início da colonização<sup>286</sup>. Contudo, além dessa realidade, Caxias possuía uma forte zona do meretrício desde a década de 1920.

É comum encontrar a partir desse período artigos na imprensa regional que criticam esses locais ou reclamam da imoralidade emanada por eles. Pedro Sertório, o autor anteriormente citado, que provavelmente utilizava esse pseudônimo, destaca-se nesse contexto com seus escritos combativos à prostituição na década de 1940. No *Jornal O Momento*, aparecem diversos de seus textos que tem como tema a crítica ao meretrício.

Exemplo disso é o artigo titulado “Prostituição”, que, após esclarecer a grande incidência de prostituição na cidade de Caxias e os males causados por isso, é concluído com a seguinte colocação:

“Caxias deve ser expurgada de elementos nocivos à marcha de seu progresso. As famílias que habitam o solo bendito desta terra merecem viver tranqüilas, na doce mansão de seus lares honrados, onde há um sagrado direito a ser defendido e respeitado: - o direito de viverem felizes!”<sup>287</sup>

---

<sup>285</sup> GIRON, Loraine Slomp. **O Som do Silêncio**: sexo e prostituição na colônia. IN: Coletânea Cultura e Saber/UCS. V. 3, n.2, Caxias do Sul:1999. (p. 117 a 134). p. 131.

<sup>286</sup> Ibidem 258. p. 208.

<sup>287</sup> “Prostituição”. IN: *Jornal O Momento*, nº 470, 1942.

De acordo com o pensamento do autor, a prostituição constituiria mal seríssimo que, ao arrebatam a juventude, destruía sua saúde física e mental, privando a região do progresso necessário, sem os braços trabalhadores fortes dos quais necessitava.

Além disso, a prostituição é exposta como cancro social que suja a cidade, compromete seu desenvolvimento e modernização. É responsável por doenças venéreas que fazem mal à instituição familiar, ceifando vidas jovens. A vida das prostitutas também é descrita como “errante”<sup>288</sup>. As jovens meretrizes são esclarecidas como “um comércio de carne humana”<sup>289</sup> onde os verdadeiros vilões são os que exploram esses corpos.

Os esclarecimentos acima tinham como objetivo principal demonstrar a existência de diversões noturnas diferentes das descritas pela historiografia regional. E, além disso, introduzir a realidade da prostituição, tão silenciada pela memória regional, mas que transpareceu uma prática comum e desenvolvida desde cedo na RCI.

#### 4.2. ESPAÇOS<sup>290</sup>

Os espaços específicos destinados à prostituição ainda são questões não abordadas pela história. *Vannini* retrata uma realidade bastante comum nas zonas rurais da RCI, mas isso não quer dizer que nas sedes urbanas não existissem espaços constituídos com esse fim. Esse tipo de local pode ser encontrado em Caxias ainda na década de 1920.

Para remontar o mapa com a localização espaço-temporal das zonas de prostituição de Caxias do Sul foi necessária a busca de diversas fontes que puderam contribuir com indícios para essa reconstrução. As fontes pesquisadas demonstram diversidade. Foram usados

---

<sup>288</sup> “Mariposas”. IN: *Jornal O Momento*, nº 576, 1944.

<sup>289</sup> *Ibidem* 261.

<sup>290</sup> A idéia de descrever os espaços da prostituição teve como inspiração a obra de Margareth Rago, que descreveu os espaços da sexualidade e da prostituição em São Paulo, de 1890-1930. Referência: RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1830)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

levantamentos feitos na imprensa regional, processos-crimes da Comarca Caxias, relatórios policiais da Delegacia da Polícia Civil de Caxias do Sul, dados dos Livros de Impostos sobre Indústrias e Profissões, Relatórios dos Intendentes e relatos orais.

Os indícios transparecem neste trabalho investigativo, contudo foi preciso também contar com uma parcela significativa de imaginação para que a caracterização dos locais de prostituição se demonstrasse de forma mais complexa. Nesse momento, utilizou-se como inspiração, além da metodologia do paradigma indiciário<sup>291</sup>, desenvolvida por *Ginzburg*, as condições essenciais à narrativa histórica apontadas por *Topolsky*: a imaginação, o domínio da linguagem e o domínio dos conceitos.<sup>292</sup>

Não foram encontrados registros de cabarés ou casas de tolerância no final do século XIX e na primeira década do XX. No entanto, é de se imaginar que com a crescente população e a diversidade dos serviços oferecidos na sede da colônia eles já existissem nesse período, mesmo que não fossem registrados como tais.

Segundo *Giron*, é provável que os estabelecimentos que ofereciam serviço de pouso, como hotéis e pensões, também oferecessem mulheres a seus hóspedes, ainda no final do século XIX. Conforme a autora, as pensões seriam divididas em dois grupos: as pensões familiares e as não-familiares. Essas segundas permitiriam maior licenciosidade.<sup>293</sup>

Ainda sobre essa questão, a autora coloca que os antigos moradores da sede comentavam que o que acontecia nas pensões era de “arrepiar os cabelos” e que nas pensões não-familiares era possível encontrar profissionais do sexo especializadas, enquanto nas outras, muitas vezes, as cozinheiras, lavadeiras e proprietárias sem clara divisão exerciam o sexo com os hóspedes em troca de favores e/ou pagamentos.<sup>294</sup>

---

<sup>291</sup> GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. IN: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>292</sup> TOPOLSKY, Jerzy. Metodologia de la Historia. Madri: Cátedra, 1985. p. 472-3.

<sup>293</sup> GIRON, Loraine Slomp. **O Som do Silêncio: sexo e prostituição na colônia**. IN: Coletânea Cultura e Saber/UCS. V. 3, n.2, Caxias do Sul:1999. (p. 117 a 134). P. 130.

<sup>294</sup> Ibidem 277.



Segundo os registros no Livro de Impostos de Caxias, ainda em 1889 haviam 54 estabelecimentos dedicados ao comércio de bebidas na Sede Dante e, dentre esses, não são especificadas as suas especialidades, mas é provável que diversos deles fossem pensões não-familiares, já que em 1884 existiam seis hotéis e outras tantas pensões na região.<sup>295</sup>

A falta de registros referentes a esses locais pode ser explicado pelo forte controle das autoridades coloniais no início da colonização, mas, a partir da década de 1920, as pensões não-familiares começam a aparecer nos livros de impostos denominadas como tais<sup>296</sup>. É interessante ressaltar também que as proprietárias desses estabelecimentos eram em sua maioria mulheres. As atividades onde as mulheres se destacavam como proprietárias ou profissionais eram as seguintes: parteiras, proprietárias de pensões não-familiares ou cabarés, proprietárias de pensões com sala de jogos, proprietárias de salas de baile ou botequins e proprietárias de casas de banho.

Outro interessante espaço a ser discutido são as casas de banho. O livro de impostos traz três desses estabelecimentos ainda na década de 1920, dois deles pertencentes a mulheres: Castorina Alves e Terezinha Menegotto.

De acordo com alguns relatos, esses locais se situavam próximo ao Arroio Tega, e contavam com grandes banheiras com água corrente. Giron coloca que a frequência nesses locais era semanal e direcionada aos rapazes, que depois do expediente de sábado se reuniam nas casas de banho para diversão.

De acordo com algumas entrevistas encontradas no AMJSA, a casa de banho mais conhecida e freqüentada seria a de Castorina Alves, uma mulata forte e bonita que oferecia esse serviço nas proximidades do Burgo<sup>297</sup>, uma localidade que contava com grande quantidade de moradores negros que chegaram na colônia em busca de emprego nas fábricas.

---

<sup>295</sup> Ibidem 277.

<sup>296</sup> Levantamento dos Livros de Impostos sobre Indústrias e Profissões de Caxias de 1920 a 1940. exemplares originais encontrados no AMJSA.

<sup>297</sup> Entrevista encontrada no Banco de Memória do AMJSA. Código do documento: FG 689 e FG 690.

Os mesmos depoentes lembraram também da má fama da casa de banho, assim como de sua proprietária, pois segundo eles a casa oferecia também favores sexuais a seus freqüentadores. Há uma hipótese de que esse tipo de local seria comparado às casas de massagem conhecidas atualmente que contam com serviços de prostitutas.<sup>298</sup>

Também é importante ressaltar que os freqüentadores da casa de banho de Castorina, de acordo com os relatos, não eram os moradores do Burgo, pois os serviços eram muito caros. Geralmente eram jovens filhos de famílias de posses e de origem italiana.

De acordo com as fontes, Caxias contou de 1920 a 1950 com uma zona de prostituição bem próxima ao centro, na baixada alagadiça situada ao norte da praça Dante Alighieri, a qual compreendia um quadrilátero formado pelas atuais ruas Ernesto Alves, 20 de Setembro, Dr. Montauray e Borges de Medeiros.<sup>299</sup> Ali se localizava o maior número de pensões não-familiares com sala de jogos e vendas de bebidas, e algumas denominadas cabarés onde também aconteciam espetáculos.

Nesse espaço estavam localizadas as duas mais famosas e duradouras casas de tolerância de Caxias: a Pensão Ângela e o Cabaret Salomé. Os dois espaços contavam com sala de baile, palco para apresentações musicais, bar para venda de bebidas e, aos fundos, encontravam-se diversos quatinhos individuais que contavam com uma cama de casal, e eram alugados pelas proprietárias aos freqüentadores que se interessassem por alguma de suas meninas.<sup>300</sup>

A *grande zona*, como era conhecido esse local, era iluminada por lampiões vermelhos e recebia constantemente grupos musicais locais que aos sábados no fim da tarde, tocavam nos cinemas e depois desciam para a baixada para tocar nos bordéis. Segundo *Giron*, estes grupos geralmente tocavam músicas portenhas como o tango e o bolero que eram formados

---

<sup>298</sup> GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. Mulheres Proprietárias: Histórias de Vida. Caxias do Sul: EDUCS, 1997. p. 96.

<sup>299</sup> GIRON, Loraine Slomp. **O Som do Silêncio**: sexo e prostituição na colônia. IN: Coletânea Cultura e Saber/UCS. V. 3, n.2, Caxias do Sul:1999. (p. 117 a 134). P. 131.

<sup>300</sup> Vide entrevista nº 06 dos anexos.

por acordeão, violino, piano e baixo.<sup>301</sup> Também são relatadas ocasiões onde grupos de Buenos Aires se apresentaram nos bordéis caxienses abrilhantando a noite regional.

Além dessas duas maiores casas, a zona contava também com outra casa muito freqüentada, a de Jovina Lopes, situada na Rua Borges de Medeiros entre a Rua Vinte de Setembro e a Rua Bento Gonçalves.<sup>302</sup>

Outros bordéis também eram localizados em espaços diferentes, como a Pensão Antonieta que se situava na Rua Guia Lopes nº 459.<sup>303</sup> Existiam, ainda, algumas pensões isoladas mais próximas ao bairro São Pelegrino; uma se localizava na esquina das ruas Pinheiro Machado com a Garibaldi, outra na Rua Sinimbu com a Rua Garibaldi.<sup>304</sup>

Esta última provavelmente foi alvo de ataques na década de 1940 e acabou incendiada, sendo que até hoje o incêndio não foi esclarecido, mas na época havia suspeitas de se tratar de incêndio criminoso. Inclusive, correu boato na época do episódio de que o bordel teria sido incendiado a mando do Padre Eugênio Giordani, pároco da Igreja de São Pelegrino, localizada nas proximidades de tal local. Segundo o relato, o padre falava seguidamente do bordel e dos problemas causados por ele nas missas dominicais criticando sua dona e seus freqüentadores. Por esse motivo, todos que freqüentavam a missa desconfiaram ao saber que o prédio havia incendiado.<sup>305</sup>

Outro espaço relativo à prostituição, que começa a aparecer através da imprensa na década de 1930, são os *dancings*. Segundo artigo do *Jornal O Momento*, que critica a existência de tal tipo de ambiente na “Pérola das Colônias”, o mais conhecido *dancing* de

---

<sup>301</sup> GIRON, Loraine Slomp. **O Som do Silêncio**: sexo e prostituição na colônia. IN: Coletânea Cultura e Saber/UCS. V. 3, n.2, Caxias do Sul:1999. (p. 117 a 134). P. 131.

<sup>302</sup> GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. *Mulheres Proprietárias: Histórias de Vida*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997. p. 97.

<sup>303</sup> Relatórios Policiais encontrados na Delegacia da Polícia Civil de Caxias do Sul.

<sup>304</sup> *Ibidem* 285.

<sup>305</sup> Entrevista retirada do Banco de Memória do AMJSA. Código: FG 153 e FG 154./ e fragmento de entrevista realizada por Thales de Azevedo. Referência: AZEVEDO, Thales de. **Os italianos no Rio Grande do sul – Cadernos de Pesquisa**. Caxias do Sul: EDUCS, 1994. p. 67.

Caxias pertencia a “Otilia de tal”<sup>306</sup> e se localizava na antiga Vila Operária. O jornal descreve a vila como “mais ou menos trinta prédios, divididos entre parte alta e baixa”<sup>307</sup>. Nesse local também existia “um grupo escolar com frequência regular de alunos de ambos os sexos”.

O jornal, nesse artigo, exige providências das autoridades policiais em relação à instalação de um *dancing* na parte baixa da vila, onde todos os sábados aconteciam bailes “freqüentados por meretrizes e indivíduos suspeitos”<sup>308</sup>.

Outro local interessante apresentado através da imprensa é o chamado “Beco da Machambomba”. O beco provavelmente localizava-se próximo à região da *Grande Zona*, na área central de Caxias. É denominado dessa forma, pois oferecia serviços mais baratos e menos glamorosos a seus freqüentadores.

O *Jornal O Momento* apresenta o “Beco da Machambomba” como um conjunto de casa de cômodos onde “morenas, brancas e mulatas”<sup>309</sup> ofereciam seus serviços sexuais através das janelas para os transeuntes. O artigo relata o fichamento pela polícia das profissionais, impedindo seus trabalhos durante um tempo, e parabeniza a ação do delegado de polícia.

Além disso, felicita os vizinhos do beco que “foi desinfetado não mais produzindo as cenas amorosas que o público era obrigado a assistir, durante o dia e principalmente à noite.”<sup>310</sup> Contudo, essa ação que foi noticiada no ano de 1940 parece não ter tido o efeito esperado, pois nos anos seguintes voltam a aparecer reclamações do público sobre o funcionamento escandaloso do beco.

A existência do “Beco da Machambomba” demonstra que ainda na década de 1940 Caxias não contava apenas com os cabarés e dancings mais suntuosos, também é aparente uma prostituição menos luxuosa.

---

<sup>306</sup> “Um Dancing em Caxias”. IN: *Jornal O Momento*, nº 529, 1943.

<sup>307</sup> *Ibidem* 290.

<sup>308</sup> *Ibidem* 290.

<sup>309</sup> “A polícia em ação”. IN: *Jornal O Momento*, nº 397, 1940.

<sup>310</sup> *Ibidem* 293.

Se nas casas de Ângela, Salomé e Jovina aconteciam shows musicais, espetáculos de dança<sup>311</sup> e muitas vezes as casas eram fechadas pela alta burguesia da cidade para realizarem festas particulares<sup>312</sup>, nas casas definidas como de “baixo meretrício” apenas se encontravam prostitutas dispostas a satisfazerem os desejos dos que não podiam pagar os preços da *Grande Zona*.

Sobre a baixa prostituição foram encontrados alguns indícios. *Azevedo* ao entrevistar moradores da cidade de Caxias do Sul no ano de 1955, questionou sobre os locais onde ocorriam a prostituição na cidade, e obteve a seguinte resposta: “existem aqui: 1) a baixa prostituição da zona do cemitério; 2) as casas de tolerância de nível mais alto na mesma zona e 3) mais nos arredores, os cabarés e casas de “rendez-vous”.”<sup>313</sup>

Alguns depoentes também citaram a “zona do cemitério” como local onde existiam algumas casas de tolerância desde a década de 1940. Nesse local, segundo os depoentes, existiam as casas mais simples e uma ou duas mais sofisticadas<sup>314</sup>.

A região da “zona do cemitério” fica nas proximidades do Cemitério Municipal. Era formada por uma ou duas quadras onde segundo relatos, encontravam-se casas de prostituição bem simples, algumas de chão batido e sem iluminação.<sup>315</sup> A casa mais conhecida e melhor ambientada dessa região entrou em funcionamento ainda na década de 1930 e pertencia à Betina, uma cafetina proveniente de Vacaria, bastante afamada na cidade de Caxias do Sul.

A região do Cemitério Municipal era formada pelo bairro Beltrão de Queiroz. *Machado* coloca que nesse espaço existem declives acentuados que “obrigaram a interrupção

---

<sup>311</sup> Adão Stumpf escreveu em 1944 artigo no Jornal O Momento, onde descreve a vida errante das prostitutas, porém no texto ele relata que as prostitutas empregadas na zona caxiense também se fantasiavam e faziam números de dança para atrair as atrações dos clientes. Fonte: “Mariposas”. IN: Jornal O Momento, nº 576, 1944.

<sup>312</sup> GIRON, Loraine Slomp. **O Som do Silêncio: sexo e prostituição na colônia**. IN: Coletânea Cultura e Saber/UCS. V. 3, n.2, Caxias do Sul:1999. (p. 117 a 134). p. 131.

<sup>313</sup> AZEVEDO, Thales de. **Os italianos no Rio Grande do sul – Cadernos de Pesquisa**. Caxias do Sul: EDUCS, 1994. p. 67.

<sup>314</sup> Vide entrevistas nº 06 e nº 07 dos anexos.

<sup>315</sup> Vide entrevista nº 06 dos anexos.

do arruamento”<sup>316</sup>. De acordo com *Gomes*, “essa situação tornou possível a ocupação dessas regiões pelas populações pobres que chegavam à cidade em busca de emprego”.<sup>317</sup> Nesse bairro, segundo a pesquisa de *Gomes*, começa a se formar um núcleo bastante forte de população negra, proveniente de diversas regiões do Rio Grande do Sul e do restante do Brasil, atraídos pela esperança de empregos nas indústrias caxienses.

Além da baixa prostituição encontrada nessa região, também alguns relatos citam o Burgo como local de proliferação de casas desse tipo. O Burgo, assim como a “zona do cemitério”, sempre foi território conhecido pela grande quantidade de moradores negros e pela baixa qualidade das habitações e do saneamento. *Machado* cita que

“Na década de 40 (...) a área não demarcada do Burgo começou a ser ocupada por pessoas muito pobres, vindas do interior, especialmente dos Campos de Cima da Serra (...) que por não terem recursos construíram barracos de papelão e latas de azeite, passando a morar em subabitações.”<sup>318</sup>

Assim como ocorre no Beltrão de Queiroz, o Burgo também foi formado por maioria negra. Segundo *Gomes*, estes seriam os dois primeiros espaços que poderiam ser chamados de “bairros negros” em Caxias do Sul<sup>319</sup>. Porém, é importante lembrar que a população desses locais não era negra em sua totalidade.

O Burgo, contudo, começa a se formar anteriormente à década de 1940, quando se encontram relatos de moradores da região que citam as primeiras formações ainda na década de 1920.<sup>320</sup>

---

<sup>316</sup> MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade: História de Caxias do Sul – 1875/1950**. Caxias do Sul: Maneco, 2001. p. 143.

<sup>317</sup> GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988)** – Dissertação (Mestrado) – UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em História, 2008. p. 56.

<sup>318</sup> *Ibidem* 300.

<sup>319</sup> GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988)** – Dissertação (Mestrado) – UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em História, 2008. p. 57.

<sup>320</sup> Vide entrevista do AMJSA. Código: FG 345.

A constituição das zonas de baixo meretrício nesses dois locais parece acompanhar a própria formação dos bairros, assim como as trabalhadoras encontradas nessas casas eram em sua maioria moradoras da região e proveniente dos mesmos locais de onde vinha a maioria dos habitantes dessas duas regiões. Na década de 1940 os dois bairros estavam já bem constituídos e contavam com grande população, da mesma forma, o desenvolvimento das casas de tolerância ali localizadas acompanhou esse crescimento.

Além desses espaços dedicados propriamente à prostituição também foram encontrados indícios da ocorrência de prostituição de rua. O primeiro indício apareceu através da imprensa em 1941. Nesse ano, o jornal O Momento relata que o delegado de polícia de Caxias havia decidido proibir o acesso público das prostitutas das 16 às 24 horas. Essa decisão foi tomada após ter ouvido diversas reclamações dos vizinhos e freqüentadores de tal café, localizado no centro da cidade que criticavam a presença das prostitutas oferecendo seus serviços nas proximidades do estabelecimento e muitas vezes, dentro do local.<sup>321</sup>

Outro indício da prostituição de rua também apareceu na imprensa, no ano de 1943. Entretanto, essa situação é um pouco mais curiosa. Segundo o periódico O Momento, o *footing* dominical que contava com a participação de famílias e “moças direitas” estava sendo “sorratamente infiltrado por decaídas” que disputavam os espaços e os moços com suas namoradas. Segundo o artigo que exigia providências para sanar a questão, essa realidade permitia que “vários indivíduos dirigissem, na presença de todos, suas costumeiras “gracinhas”, na maioria das vezes correspondidas pelas petulantes prostitutas.”<sup>322</sup>

Outra diferente evidência que comprova a existência de prostituição de rua na década de 1940 em Caxias foi encontrada em fonte de 1944, quando uma seção do jornal dedicada à reclamações do público, apresenta a seguinte queixa:

---

<sup>321</sup> “O Meretrício no Judiciário”. IN: Jornal O Momento, nº 456, 1941.

<sup>322</sup> “Enérgicas providências contra as decaídas”. IN: Jornal O Momento, nº 536, 1943.

“O Público Reclama...

Contra a permanência de uma prostituta, residente nas imediações do Clube Guarani, em plena Júlio de Castilhos, que costuma discutir em altas vozes com amantes ciumentos à noite em uma das travessas próximas. Um chefe de família cansado de ouvir palavras de baixo calão, solicitou-nos essa reclamação.”<sup>323</sup>

Como pôde ser visto até o momento, os espaços de prostituição em Caxias eram os mais variados e iniciaram atividades desde as primeiras décadas da formação da RCI. Portanto, como a maior aspiração nesse momento do trabalho era demonstrar os variados locais dedicados à atividade, a fim de montar um mapa onde se pudesse localizar os principais pontos de prostituição em Caxias, no período pesquisado,<sup>324</sup> pretende-se agora narrar alguns fragmentos e trajetórias de vida das personagens que construíram esses espaços.

#### 4.3. PERSONAGENS

As personagens responsáveis pelo funcionamento das casas de prostituição na RCI foram divididas em três partes principais: cafetinas, prostitutas e freqüentadores. A partir dessa divisão pretende-se narrar fragmentos da vida dessas pessoas, possibilitados pelo trabalho investigativo nas fontes.

As cafetinas, donas de pensões não-familiares ou cabarés se destacam no cenário da prostituição caxiense. Como foi possível comprovar, eram poucas as pensões e cabarés que tinham homens como proprietários. As de maior destaque seriam provavelmente a Pensão Fuzarca, localizada em Farroupilha, que tinha como proprietário Carlos Fracasso<sup>325</sup> e o Cabaret do Castelhana<sup>326</sup>, que, como diz o nome, pertencia a um senhor argentino.

---

<sup>323</sup> “O Público Reclama...”. IN: Jornal O Momento, nº 568, 1944.

<sup>324</sup> Em anexo encontra-se o mapa da região central de Caxias do Sul em 1940, onde estão apontados conforme legenda os espaços da prostituição.

<sup>325</sup> Levantamento feito nos Livros de Impostos sobre Indústrias e Profissões encontrados no acervo do AMJSA.

<sup>326</sup> “O crime do Cabaret Castelhana”. IN: Jornal O Momento, nº 210, 1937.



Tendo em vista isso, pode-se concluir que as mulheres se destacavam como proprietárias desses estabelecimentos, portanto é sobre algumas delas que se pretende descrever. As duas maiores casas de tolerância de Caxias, situadas na Grande Zona, pertenceram a duas mulheres, conhecidas como: Angelona e Salomé.

Angelona tinha esse apelido por ser uma mulher já experiente e com corpo robusto quando abriu sua pensão na zona caxiense. Ângela Crestani era seu nome real<sup>327</sup>, ela era dona da Pensão Ângela, uma das casas de tolerância mais famosas de Caxias, a qual funcionava na zona de prostituição central e funcionou de 1925 a 1951<sup>328</sup>.

A pensão era bastante movimentada e Ângela contratava mulheres de todo Brasil para trabalharem ali. Geralmente as prostitutas, que também moravam na pensão, vinham dos Campos de Cima da Serra, de São Paulo, Rio de Janeiro ou até mesmo eram provenientes das zonas rurais e urbanas da RCI. Ali elas permaneciam por algum tempo e posteriormente se deslocavam a outros lugares. Dessa forma, Angelona sempre contratava novas profissionais para atender seus clientes.

Ela era casada com Crestani e morava com sua família na pensão. *Giron e Bergamaschi* colocam que era muito respeitada por suas hóspedes, sendo considerada “verdadeira mãe”<sup>329</sup>. Além disso, era “boa pagadora de seus compromissos, (...) muito conceituada no comércio local.”<sup>330</sup> Segundo alguns depoentes, a dona da pensão também atuou como “hóspede” de outras pensões em sua juventude.<sup>331</sup> Ângela também aparece várias vezes nos processos-crimes pesquisados como testemunha de crimes ocorridos em sua pensão, mas nunca envolvida nas confusões, parecia ser uma mulher discreta.

---

<sup>327</sup> Levantamento feito nos Livros de Impostos sobre Indústrias e Profissões encontrados no acervo do AMJSA.

<sup>328</sup> Ibidem 312.

<sup>329</sup> GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. Mulheres Proprietárias: Histórias de Vida. Caxias do Sul: EDUCS, 1997. p. 97.

<sup>330</sup> Ibidem 312.

<sup>331</sup> Ver entrevistas nº 06 e 07 dos anexos.

Outra dona de cabaré muito conhecida em Caxias era a chamada Salomé. Salomé atendia por esse codinome, como “nome de guerra”, mas seu verdadeiro nome era Hermínia Marmours<sup>332</sup>. Salomé é descrita nos jornais como uma “de origem judaica, que veio do Rio de Janeiro”<sup>333</sup>; provavelmente ela também tenha atuado como prostituta antes ter condições de abrir sua própria casa, mas não na RCI.

É possível que Hermínia Marmours tenha feito parte de um mercado muito comum no final do século XIX e início do XX: o tráfico de “moças “exóticas” da Europa oriental, de origem judaica, conhecidas como *polacas*”<sup>334</sup>. *Kushnir* coloca que o universo da imigração no início do século XX possuía rico diálogo com a marginalidade, principalmente no que se trata da imigração judaica em direção à América. A autora conclui que, nesse solo fértil para a marginalidade, a prostituição de meninas judias, conhecidas como *polacas*, era muito comum, e ao chegar ao Brasil elas se direcionavam às mais diversas localidades.

Dessa forma, pode-se dizer que é provável que Salomé, conhecida por sua origem judaica, possa ter participado dessa cruzada, e que provavelmente trabalhou na zona do meretrício carioca. Onde depois de acumular certo capital, veio a Caxias abrir sua própria casa, que contava também com diversas *polacas*.

Ao chegar a Caxias, por volta de 1925, já abriu sua casa, conhecida como Cabaret Salomé, a qual funcionou até o fim da década de 1940 na zona de prostituição central da cidade. Salomé era personagem conhecida na cidade e aparecem diversas vezes notícias na imprensa regional referentes a ela.

Diferente de Angelona, Salomé não demonstrava muita discrição. Segundo um depoente, ela era bastante escandalosa, usava roupas coloridas, muitos colares e maquiagem

---

<sup>332</sup> Levantamento dos Livros de Impostos sobre Indústrias e Profissões encontrados no AMJSA.

<sup>333</sup> “Salomé é um investigador!” IN: Caxias Jornal, 14 de março de 1934.

<sup>334</sup> KUSHNIR, Beatriz. **Baile de máscaras:** mulheres judias e prostituição: as Polacas e suas Associações de Ajuda Mútua. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 28. Neste livro a autora reconstrói o cotidiano das mulheres estrangeiras que trabalharam nas zonas de meretrício do Rio de Janeiro e São Paulo no início do século XX, principalmente as judias que chegavam ao Brasil através do tráfico e dedicavam-se a essa atividade.

exagerada.<sup>335</sup> Os jornais confirmam esse comportamento, e colocam que, além de se vestir de tal forma, o comportamento da “madame” era espalhafatoso, ria e falava alto e andava pelas ruas sempre de cabeça erguida.<sup>336</sup>

Além disso, é colocado que Salomé era uma mulher de posses, “instalada em prédio próprio, julga-se importante. Automóvel a porta e muito dinheiro nos bancos.”<sup>337</sup> As notícias que falam de Hermínia Marmours sempre contam confusões na qual a cafetina estava envolvida, condizendo com a personalidade descrita por quem a conheceu.

Hermínia aparece duas vezes na imprensa envolvida em discussões e agressões que aconteceram em seu estabelecimento. Na primeira delas, em 1934, é descrito fato ocorrido no carnaval, quando

“a rapaziada boêmia, mas pacata e boa, atraída pelo jazz convidativo do salão do cabaret da madame, resolveu passar umas horas sorvendo a boa cerveja e apreciando o rodopiar das “borboletas” importadas por madame que ali esvoaçavam a noite todinha, recebendo como paga, um prato de imunda iguaria.

Lá pelas tantas, destaca-se um folgazão que fazia parte do grupo e dirigiu à madame *pesadas* caçoadas. Foi o bastante. Madame julgando-se ofendida, desrespeitada, desacatada e até ameaçada vai ao telefone e záz. Grita pela polícia. Esta não se fazendo esperar, ali dava entradas momentos depois.”<sup>338</sup>

Esse caso é escrito em tom de deboche pelo jornal, que critica o posicionamento da polícia que defendeu a cafetina. Outro caso relacionado a Salomé noticiado pela imprensa é a ocasião em que ela foi agredida por um ex-funcionário e entrou com processo na comarca Caxias contra ele.<sup>339</sup>

Outra dona de pensão muito interessante era Suzy, dona na Pensão Royal. Suzana Germano, conhecida como Suzy do Royal, era uma mulher muito discreta, chegou a adquirir

---

<sup>335</sup> Vide entrevista encontrada no Banco de Memória do AMJSA. Código: FG 059 e FG 060.

<sup>336</sup> “Salomé é um investigador!” IN: Caxias Jornal, 14 de março de 1934.

<sup>337</sup> “Salomé é um investigador!” IN: Caxias Jornal, 14 de março de 1934.

<sup>338</sup> Ibidem 322.

<sup>339</sup> Jornal O Momento, 06 de abril de 1936: “Hermina M. (Salomé), conhecida proprietária de um cabaré, foi há dias agredida por seu ex-empregado Sergio Mazzarmi, que lhe desferiu um golpe na cabeça, com uma chave. A autoridade competente tomou as providências cabíveis, instaurando processo contra agressor.”

caráter misterioso pelos que a conheciam. Após investigação sobre a vida de Suzy, chegou-se à conclusão do porque ela era rodeada de tantos mistérios.

Suzana Germano na realidade era o nome falso com o qual Ercília Nogueira Cobra se apresentou quando chegou a Caxias do Sul em 1934. Ercília Nogueira Cobra era natural de São Paulo e escritora. Muito avançada para seu tempo, dedicava-se a escrever livros sobre a sexualidade feminina, por esse motivo era estigmatizada como feminista radical e comunista.

Sua primeira obra foi *Virgindade Anti-Higiênica*, que tem como subtítulo “Preconceitos e convenções hipócritas”, publicada em 1924, a obra trata principalmente de algumas questões

“a do preconceito da inferioridade intelectual da mulher e da diferença da moral sexual para os sexos, principalmente no que se refere à obrigação da mulher se conservar virgem após a puberdade e de só ter direito à maternidade quando autorizada pela sociedade e pela igreja.”<sup>340</sup>

Segundo *Mott*, Ercília era uma escritora entusiasmada, “partidária do amor livre, defendia a liberdade sexual com energia surpreendente.”<sup>341</sup> A segunda obra da autora confirma essa descrição, *Virgindade Inútil, novella de uma revoltada*, editada em 1927, demonstra com mais força o estilo irônico e radical de sua escrita, porém, desta vez, Ercília utiliza-se da ficção para sustentar suas idéias. A história é uma sátira que critica o comportamento da sociedade brasileira. Na obra, a história se passa em Bocolândia e seus habitantes são os “bocós”, sendo que a autora deixa bem claro o local que a inspirou para escrever a obra:

“O analfabetismo é mantido de propósito a fim de que o povo se conserve em permanente estado de estupidez, e na cegueira de um medievalismo inconcebível no século XX. Os leitores já adivinharam que a Bocolândia não

---

<sup>340</sup> MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Biografia de uma revoltada**: Ercília Nogueira Cobra. IN: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas. São Paulo. N°89- v.104, agosto de 1986. (p. 89-104). P. 90.

<sup>341</sup> Ibidem 325.

é pseudônimo nem da Argentina, nem dos Estados Unidos.” (COBRA, 1927)<sup>342</sup>

Os livros de Ercília foram apreciados nos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro e tiveram modesta aceitação no interior. Ela não era muito famosa, mas mesmo assim suas obras eram vistas como prejudiciais e polêmicas demais para circularem livremente na sociedade conservadora do início do século XX.

No entanto, a questão relativa à vinda da escritora a Caxias do Sul e sua vida como dona de casa de tolerância é muito misteriosa. Em uma biografia de Ercília escrita por Maria Lucia Mott, a autora deixa claro que reconstruir a história de vida da escritora foi muito complicado, pois em vários períodos não se encontram informações sobre ela.<sup>343</sup>

Nessa biografia consta que Ercília nasceu em Mococa, interior paulista, em 1891, e era de uma família rica, teve boa educação. Porém, as relações familiares não eram fáceis, e por esse motivo é sabido que ela teria fugido de casa com 17 anos, acompanhando um circo de cavalinhos.<sup>344</sup>

Após um tempo, uma de suas primas, reconhecendo-a no circo, em Santos, pediu ao Secretário de Segurança Pública, Washington Luís, que a recolhesse ao Asilo Bom Pastor, pertencente a uma congregação religiosa que tinha como objetivo cuidar de jovens problemáticas.

Já em 1914, ela estudou na Escola Normal Primária de Pirassununga de onde se dirigiu a São Paulo e se formou em primeiro lugar da classe de 1917 na Escola Normal Primária na Praça da República.<sup>345</sup>

Após esse período é nos livros que se encontram informações sobre a vida da escritora.

---

<sup>342</sup> Apud: MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Biografia de uma revoltada**: Ercília Nogueira Cobra. IN: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas. São Paulo. N°89- v.104, agosto de 1986. (p. 89-104).p. 92.

<sup>343</sup> Ibidem 327.

<sup>344</sup> Ibidem 327.

<sup>345</sup> Ibidem 327.

“freqüentava o teatro no Rio de Janeiro, esteve na França (1920) e em Buenos Aires. Conheceu prostitutas, ouviu-lhes as queixas e confidências, bases para seus livros. Apaixonada por poesia, leitora de jornais e revistas da época (...) conhecia autores estrangeiros em voga como Anatole France, Nietzsche, Victor Marguerite, Binet, Jean Marestan além de Flaubert e Zola como, também, escritores nacionais contemporâneos, destacando-se dentre eles Monteiro Lobato, Júlia Lopes de Almeida, Fernando de Azevedo e Mario Pinto Serva.”<sup>346</sup>

É provável que após uma segunda viagem a Buenos Aires, Ercília tenha vindo ao Rio Grande do Sul quando se estabeleceu posteriormente em Caxias do Sul no ano de 1934. Segundo cartas, teria se mudado para a cidade por causa do clima frio que a agradava. Ali assumiu o nome de Suzana Germano e comprou um prédio na rua Bento Gonçalves, zona do meretrício, que transformou na Pensão Royal.

Deponentes que conheceram Suzy a descreveram como uma mulher culta e temperamental, elegante, sempre vestida de *tailleur* escuro e chapéu de feltro, que tocava piano todas as noites na pensão e ia ler o jornal ou alguma revista todas as tardes na Praça Dante Alighieri.

Logo que chegou em Caxias, Suzy tocava piano no *dancing* de Jovina e, atraída pela vida noturna, resolveu abrir sua própria casa. A propriedade do Royal foi perdida em Hasta Pública<sup>347</sup>, causada pela crise financeira pela qual Ercília passou e a levou a atrasar o pagamento de impostos. Ercília sai de Caxias em 1938 e a partir daí ninguém mais soube informar seu paradeiro. Uma de suas primas relatou que depois disso ela teria sido presa durante o Estado Novo por ser considerada revolucionária e comunista.<sup>348</sup>

Além das donas de bordéis, outras personagens importantes são as prostitutas, entretanto sobre estas é mais difícil encontrar informações na imprensa ou nos processos-

---

<sup>346</sup> MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Biografia de uma revoltada**: Ercília Nogueira Cobra. IN: Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas. São Paulo. N° 89- v.104, agosto de 1986. (p. 89-104).p. 98.

<sup>347</sup> Ver documento *arquivada no Laboratório de História Oral - PUCRS*.

<sup>348</sup> *Ibidem* 331.

crime e relatórios da polícia investigados. Elas aparecem nas fontes, mas de forma reduzida, contudo foi possível evidenciar algumas situações em que elas se destacam.

Na imprensa regional as prostitutas são tratadas geralmente em virtude de crimes ou badernas e são estigmatizadas com esses aspectos, mesmo que se enquadrem na categoria de vítimas. No ano de 1936 aparece uma das primeiras notícias relacionadas a prostitutas, neste caso é relatada a tentativa de assassinato contra uma delas.

Segundo artigo do *Jornal O Momento*, o soldado da Brigada Militar, José Paim, teria atirado com arma de fogo na direção de sua amante, a prostituta Eulália Custódia, provocando grave ferimento no pescoço. O crime aconteceu na Pensão Alvina, localizada na Rua Marquês do Herval, zona do meretrício central de Caxias do Sul.

O crime teria ocorrido devido a uma crise de ciúme do soldado em relação à Eulália, quando a viu conversando com outro cliente da pensão. O juiz da Comarca Caxias inocentou o réu confiando na defesa do mesmo, que se dedicou a provar que Eulália tinha problemas mentais e teria provocado o crime; inclusive foi realizado um exame de sanidade na vítima para comprovação disso<sup>349</sup>.

Outro caso semelhante a esse, mas que acabou resultando na morte da vítima, é encontrado nas páginas dos jornais de 1937. Nessa situação, um soldado do exército assassinou a prostituta Laudelina Silva<sup>350</sup> que trabalhava em uma pensão localizada na Rua Borges de Medeiros, que também fazia parte do espaço central onde ocorria prostituição.

Laudelina foi assassinada por um de seus clientes, que ao chegar na pensão apontou a arma para sua cabeça, disparando três vezes. Uma dessas balas acertou outra mulher que trocava palavras com um de seus clientes. O dono da pensão, conhecido como Rodrigues, ao

---

<sup>349</sup> “O Crime do Soldado José Paim”. IN: *Jornal O Momento*, nº 156, 1936.

<sup>350</sup> “Soldado do Exército mata decaída a tiros”. IN: *Jornal O Momento*, nº 208, 1937.

ouvir os estampidos se dirigiu ao salão e foi também alvejado com dois tiros, mas não veio a falecer.<sup>351</sup>

Ainda na década de 1930 aparecem nos jornais algumas notícias referentes à prisão de prostitutas por motivo de desordem em vias públicas<sup>352</sup> ou brigas entre as mesmas.<sup>353</sup> Já na década de 1940 se destacam os casos de participação em abortos criminosos<sup>354</sup> e vadiagem e embriaguez.<sup>355</sup>

Um caso relevante encontrado nas páginas da imprensa e posteriormente nos arquivos do judiciário é o crime de Geni de Souza. No jornal, o crime é citado na seção que explicita os processos que decorriam no fórum regional.<sup>356</sup> Como esse texto não fornece maiores informações, buscou-se o processo no arquivo da comarca Caxias, onde o mesmo foi encontrado com sucesso.

Analisando o processo, foi possível compreender o episódio de maneira mais clara. Ele apresenta as seguintes informações iniciais:

“Denúncia: Crime de morte na Pensão Bela Vista  
Ré: Geni de Souza, 16 anos, brasileira, solteira, meretriz, natural da cidade de Bagé, residente em Caxias do Sul.  
Vítima: Heitor Koch, 21 anos, brasileiro, solteiro, caixeiro viajante, natural e residente da cidade de São Leopoldo.”<sup>357</sup>

Após essa introdução, o processo demonstra que a prostituta Geni de Souza haveria assassinado acidentalmente Heitor Koch, seu cliente de longa data. No *ato de qualificação*, a ré coloca que encontrou com seu amante de longa data quando foi jantar no Café Sport, acompanhada de uma amiga prostituta e seu respectivo amante. A partir daí, teriam

---

<sup>351</sup> “Soldado do Exército mata decaída a tiros”. IN: Jornal O Momento, nº 208, 1937.

<sup>352</sup> “Pela Polícia: prisão de duas mundanas”. IN: Jornal O Momento, nº 192, 1936.

<sup>353</sup> “Pela Polícia: Briga de mulheres”. IN: Jornal O Momento, nº 201, 1936.

<sup>354</sup> “Parteira Florentina Pretto às voltas com a polícia processada pela 3ª vez”. IN: Jornal O Momento, nº 418, 1941.

<sup>355</sup> “Repressão a Vadiagem”. IN: Jornal O Momento, nº 394, 1940.

<sup>356</sup> “Foro: O crime de Geni de Souza”. IN: Jornal O Momento, nº 159, 1936.

<sup>357</sup> Centro de Memória Regional do Judiciário. Caixa: 092, processo: 01, ano: 1934.



combinado de encontrar-se posteriormente na Pensão Royal, local onde estava hospedado Heitor e onde trabalhava Geni.<sup>358</sup>

A fala do advogado de defesa esclarece que no quarto da pensão os dois teriam lido algumas cartas e

“iam-se retirar, quando Heitor vendo o seu revólver que é Shimidt- W. Quis mostrar a Geny, retirando neste momento as balas mas com muita infelicidade, pois deixou uma, depois de bater duas ou três vezes, entregou a arma a Geny, que também puxou o gatilho duas vezes e na segunda disparou o tiro indo ferir mortalmente Heitor que estava na sua frente.”<sup>359</sup>

Esta explicação foi aceita pelo juiz que considerou a ré inocente. Contudo, após um tempo, o pai da vítima entra com pedido de exumação de corpo alegando que seu filho teria chegado a São Leopoldo com diversos arranhões e machucados no rosto e nas mãos, o que comprovaria que teria acontecido uma briga entre os dois antes da morte. O corpo então é exumado e Geni volta a ficar presa provisoriamente até sair o resultado do novo exame de autópsia.

Nessa fase do processo é solicitado novamente o testemunho da amiga que estava com Geni no momento em que ela e seu amante marcaram encontro no Café Sport. A testemunha alega que nada poderia dizer de útil, pois: “devido a grande quantidade de bebidas ingeridas na pensão e no restaurante estava um pouco embriagada, assim como Geny”. Segundo a amiga, ela e Geni haviam consumido dois litros inteiros de vinho branco naquela noite.<sup>360</sup>

Enquanto os resultados do novo exame não ficavam prontos, novo escândalo aparece na imprensa relacionado ao nome de Geni de Souza. Segundo um periódico regional, um dos funcionários da Cadeia Municipal teria dito que a prostituta estaria realizando programas diariamente com os que trabalhavam na delegacia de polícia, e que, por esse motivo estaria

---

<sup>358</sup> Centro de Memória Regional do Judiciário. Caixa: 092, processo: 01, ano: 1934.

<sup>359</sup> Trecho do relatório do delegado de polícia Hermeto Silveira ao promotor público encontrado no Processo: 01, caixa: 092 no CRMJ.

<sup>360</sup> Trecho de testemunho prestado por I.J. encontrado no Processo: 01, caixa: 092 no CRMJ.

grávida. Então, é solicitado pelo Delegado de Polícia um exame médico para comprovar esse boato.

A autópsia comprovou que os machucados teriam ocorrido pós-mortem e o exame de gravidez resultou que Geni não estava grávida. Após os resultados de ambos os exames, Geni foi inocentada<sup>361</sup>. Dessa forma, a meretriz deixou a cadeia e retornou ao seu cômodo na Pensão Bela Vista.

As prostitutas também apareceram nas fontes como mulheres corajosas em alguns casos. Um desses casos é encontrado em 1941. Nessa situação, o delegado de polícia da cidade de Caxias havia proibido as prostitutas de freqüentarem um café no centro da cidade, após diversas reclamações das famílias que também freqüentavam o espaço. A medida, porém, era mais enérgica e proibia as prostitutas de freqüentarem qualquer espaço público após as 22 horas.

Diante da proibição, as mulheres se sentiram ofendidas e recorreram à justiça a fim de reconquistar seu direito de acesso ao café. O jornal as descreve como “mariposas madrugadeiras” que descontentes com a ação policial “recorreram ao judiciário sobre a graciosa acusação de estarem sofrendo ilegal constrangimento”.<sup>362</sup>

Mesmo sendo criticado pela imprensa, um grupo de prostitutas buscou ajuda legal de um advogado que encaminhou pedido de revisão da medida policial ao juiz de direito da Comarca Caxias. O pedido foi negado, e o texto-resposta do juiz à solicitação é encontrado no jornal da semana seguinte:

“O Dr. Pedro Marques Viana requer uma ordem de habeas-corpus em favor de diversas meretrizes desta cidade, alegando que as mesmas por determinação do Delegado do Polícia estão inibidas de sair às ruas depois das 22 horas. Solicitadas informações à autoridade apresentada como coactora. Foram elas oferecidas com o ofício de folhas cinco e seis. Tudo examinei. Nego a ordem de habeas-corpus. Informo ao Delegado de Polícia

---

<sup>361</sup> Processo: 01, caixa: 092 no CRMJ.

<sup>362</sup> “O meretrício no judiciário!”. IN: Jornal O Momento, nº 455, 1941.

que a providência tomada foi apenas no sentido de proibir-se o acesso de prostitutas ao centro da cidade e, especialmente ao Restaurante Central, sito à Avenida Júlio de Castilhos, lugar de maior movimento. Esta medida está plenamente justificada pela dita autoridade e visa manter a ordem e tranqüilidade públicas, seguidamente alterada por aqueles elementos do bas fond dessa cidade. As pacientes como se vê por certidão de folhas retro já por diversas vezes estiveram presas, correccionamente por desordem, embriaguez e vadiagem. O procedimento das autoridades policiais está amparado nos artigos 29 e 65 do Regulamento a que se refere o decreto 7601 de 5 de dezembro de 1938.

Custas pelo impretante. Intime-se, Caxias, 22 de novembro de 1941. (ass.) Eduardo Carvantes - Juiz de Direito.”<sup>363</sup>

Tendo sido o primeiro motivo negado, as “bravas desordeiras” não se calaram e enviaram o mesmo pedido ao Tribunal de Apelação do estado. Nessa instância, novamente foi negado o pedido, contudo parece que as prostitutas continuaram freqüentando os espaços que lhes foram proibidos, encarando muitas vezes problemas com a polícia.<sup>364</sup>

Mas não eram apenas as prostitutas que atuavam nas pensões e cabarés que se encontravam em Caxias no período pesquisado. São freqüentes relatos de meninas operárias que trabalhavam nas fábricas durante o dia e se prostituíam à noite. *Azevedo* traz essa informação em seu caderno de campo datado de 1955. Segundo o autor: “Existe prostituição diferenciada – meninas de fábrica, emancipadas, vivendo sozinhas.”<sup>365</sup> Ainda sobre o assunto, *Azevedo* complementa em outro parágrafo referente à prostituição: “Há um número grande de moças da cidade que tem vida sexual; patrões com operárias de fábrica, alheias e operários com operárias.”<sup>366</sup> Uma das senhoras entrevistadas no trabalho investigativo sobre o tema lembra de alguns casos de colegas de trabalho que realizavam sexo por dinheiro.

Ela trabalhou em duas metalúrgicas em sua adolescência, a Chiste e a Eberle. Segundo A.Z.M., era comum em ambas algumas meninas que trabalhavam nas metalúrgicas complementarem sua renda oferecendo serviços sexuais em troca de dinheiro aos colegas e

---

<sup>363</sup> “O meretrício no judiciário?” IN: Jornal O Momento, nº 456, 1941.

<sup>364</sup> Ibidem 348.

<sup>365</sup> AZEVEDO, Thales de. **Os italianos no Rio Grande do sul – Cadernos de Pesquisa**. Caxias do Sul: EDUCS, 1994. p. 56.

<sup>366</sup> Ibidem 350, p. 146.

patrões. Geralmente essas moças vinham da zona rural ou de outras localidades e moravam nas casas de cômodos na região central da cidade; ali se prostituíam no turno oposto ao que trabalhavam nas fábricas.<sup>367</sup>

*Moraes*, um criminólogo da virada do século XIX e início do XX, já destacava a existência desse tipo de prostituição em São Paulo na década de 1910. Parece que a situação na RCI era semelhante. Segundo ele, havia nesses casos uma relação com a gênese da industrialização europeia que se caracterizava pela,

“existência de um direto relacionamento entre o desenvolvimento industrial e a prostituição precoce: o ambiente da fábrica aproximava os sexos, afastava a vigilância familiar, criava o trabalho noturno, propiciava a autoridade do contramestre e do patrão, que podiam abusar imoralmente da situação. Além disso, os baixos salários pagos às menores por longas jornadas de trabalho contrapunham-se a um meio corruptor e cheio de seduções: (...) com a expansão da nossa atividade industrial, e concorrendo a crise econômica, sofreremos aqui, no Brasil dos mesmos males: a prostituição precoce, também deriva, entre nós, em parte considerável, das condições sob as quais meninas e moças trabalham nas fábricas e nas oficinas.”<sup>368</sup>

Outro caso diferenciado da ocorrência de prostituição, que não a das casas especializadas no serviço, foi encontrado no Centro de Memória do Judiciário. Em um dos processos encontrados nesse acervo constava a seguinte denúncia: “Aliciamento de menores/lenocínio”<sup>369</sup>. Esse episódio aconteceu também em Caxias e envolve uma avó que obrigava sua neta a manter relações sexuais em troca de favores ou dinheiro. Quem realizou a denúncia foi a própria neta, ainda menor de idade. Segundo seu relato, transcrito pelo escrivão e anexado ao processo:

“Quando a menor T.S. atingiu a idade de 13 anos, a denunciada passou a induzi-la a prática das relações sexuais com o intuito de obter assim proveito pecuniário ou material. A menor T. conta a autoridade policial como a avó procedia e a testemunha A. afirma ter dado a aludida menor alguns gêneros

---

<sup>367</sup> Vide entrevista nº 02 dos anexos.

<sup>368</sup> MORAES, Evaristo de. **Ensaio de Patologia Social**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1921. p. 75.

<sup>369</sup> CRMJ. Caixa 087, processo 012, ano: 1947.

alimentícios, pois T. temia os castigos da avó caso nada levasse para casa. A denunciada mandava-a as praças de automóveis para ali convidar choferes a manter relações sexuais entregando depois o dinheiro que conseguia a mesma.”<sup>370</sup>

No processo também é colocado que a menina haveria mantido relações sexuais com cinco “choferes”<sup>371</sup>, o auxiliar da delegacia, dois policiais da mesma delegacia e o segurança do Clube Juvenil. De acordo com seu advogado a menina exigia em troca das relações sexuais qualquer tipo de mercadoria ou dinheiro, pois isto seria exigência de sua avó.

Segundo a declarante, seu primeiro “cliente” teria sido o segurança do Clube Juvenil. Este, após a haver deflorado em um das salas vagas da Associação Comercial, situada na Praça Dante Alighieri, nas proximidades do clube, a teria pago cinco cruzeiros.<sup>372</sup> Depois disso ela esclarece que teria praticado sexo com alguns “choferes” da praça em troca do valor de dez cruzeiros. Por fim, um dos soldados da delegacia testemunhou admitindo seu envolvimento com a menor, colocando que havia pago 1kg de lingüiça e um pão a ela em troca de seus serviços.<sup>373</sup>

Mesmo com a comprovação dos fatos dados através de testemunhos dos clientes de T., a acusada por ser responsável de lenocínio e aliciamento, sua avó, foi inocentada. A absolvição foi argumentada pelo delegado como correta, pois a menor que denunciou sua própria avó não possuía credibilidade nem boa índole.<sup>374</sup> Este fechamento de processo é bastante relevante, porque era o que ocorria com a maioria dos processos investigados que envolvia prostitutas ou menores defloradas como vítimas de algum crime, sendo que sempre era questionada sua índole, e a defesa partindo disso, conseguia inocentar grande maioria de réus.

---

<sup>370</sup> Ibidem 353.

<sup>371</sup> Taxistas.

<sup>372</sup> CRMJ, Caixa 087, processo 012, ano: 1947.

<sup>373</sup> Ibidem 356.

<sup>374</sup> Ibidem 356.

As personagens da prostituição, como se pôde identificar não se restringiam apenas às donas de casas de tolerância, as prostitutas também transitam nas fontes de imprensa, nos processos e também nas falas dos depoentes entrevistados. Segundo *Giron*,<sup>375</sup> a maioria delas vinha de fora da RCI para trabalhar na zona do meretrício. Alguns locais de origem comum entre essas mulheres eram as cidades da Região dos Campos de Cima da Serra, como por exemplo, Lagoa Vermelha, São Francisco de Paula e Vacaria. Outras provinham da região de fronteira do estado do Rio Grande do Sul, das cidades de Bagé e Santana do Livramento, geralmente.

Também eram comuns as provenientes da capital, Porto Alegre e de outros centros nacionais como Rio de Janeiro e São Paulo. Porém, não eram só “de fora” as prostitutas. Como foi dito, a dona de pensão mais famosa de Caxias era descendente de imigrantes italianos e havia nascido na RCI. Outras prostitutas também corroboravam com esse aspecto. Segundo A.A., na zona do meretrício caxiense, as prostitutas “tinha de tudo que era lugar, tinha uma lá que era de Água Azul<sup>376</sup>, irmã de uma que eu conhecia lá, e bem bonita. Tinha de fora, mas tinha daqui mesmo também; de família de gente de bem até!”<sup>377</sup>

Haja visto que as prostitutas e cafetinas eram personagens importantes e centrais para o funcionamento da prostituição, não se pode afirmar que elas eram as únicas responsáveis por essa atividade. Além de diversas pessoas que forneciam bebidas, alimentos, roupas<sup>378</sup> e calçados para os cabarés, também existiam garçons, músicos, cozinheiras e lavadeiras que dependiam do meretrício para obter renda.<sup>379</sup>

---

<sup>375</sup> GIRON, Loraine Slomp. **O Som do Silêncio**: sexo e prostituição na colônia. IN: Coletânea Cultura e Saber/UCS. V. 3, n.2, Caxias do Sul:1999. (p. 117 a 134). p. 133.

<sup>376</sup> Água Azul é uma localidade no interior de Caxias do Sul, pertencente ao distrito rural de Santa Lúcia do Piaí.

<sup>377</sup> Vide entrevista nº 06 dos anexos.

<sup>378</sup> No Banco de Memória do AMJSA encontra-se a entrevista de uma senhora que vendia roupas às prostitutas, uma espécie de sacoleira. Já que as “trabalhadoras do sexo” não eram bem aceitas no comércio regional, geralmente compravam de fornecedores próprios os mais diversos produtos. Código da entrevista: FG 123.

<sup>379</sup> GIRON, Loraine Slomp. **O Som do Silêncio**: sexo e prostituição na colônia. IN: Coletânea Cultura e Saber/UCS. V. 3, n.2, Caxias do Sul:1999. (p. 117 a 134). p. 133.

Entretanto, a zona não propiciaria tamanha atividade financeira se não contasse com diversos e fiéis clientes. Os freqüentadores da prostituição são outras personagens que merecem destaque nesse contexto. Informações sobre eles são muito mais difíceis de achar do que sobre as cafetinas ou prostitutas. Os freqüentadores geralmente mantinham em segredo essa atividade de lazer noturno. A maior parte das informações obtidas sobre eles foi retirada de processos referentes a brigas, agressões ou assassinatos ocorridos nos cabarés e pensões e onde esses homens aparecem como testemunhas. De acordo com essas fontes, foi possível traçar um perfil de alguns freqüentadores. A faixa etária dos clientes da zona variava entre 19 a 50 anos em média, eram tanto solteiros quanto casados os que procuravam os serviços das prostitutas.

Além disso, exerciam as mais diversas profissões, destacando-se os residentes na cidade como soldados do exército e da polícia, os “choferes”, comerciantes, operários e donos de estabelecimentos comerciais ou industriais. Outro tipo de freqüentadores eram os tropeiros e caixeiros viajantes provenientes das mais diversas regiões do Estado e que se hospedavam nas pensões durante suas passagens pela cidade, aproveitando além do pouso, os “serviços extras” oferecidos pelas “hóspedes permanentes”.

Também se encontram entre os clientes alguns menores de idade e estudantes. Como é o caso de V.M., encontrado em um dos relatórios do Arquivo da Polícia Civil datado de 1942. De acordo com o documento, esse jovem de 17 anos roubava dinheiro de seu chefe a fim de gastar nas “casas de jogos e de mulheres (cabarés)”<sup>380</sup>. Sendo ele menor de idade e tendo manifestado “desejo de se regenerar”<sup>381</sup>, o delegado solicitou que um policial o vigiasse durante um tempo impedindo que ele freqüentasse tais locais.

Além de todos esses, os agricultores também faziam parte dos freqüentadores das casas de tolerância. Geralmente esse grupo dirigia-se a Caxias nos domingos, quando vinham

---

<sup>380</sup> Relatórios da Delegacia de Polícia Civil de Caxias do Sul. Ano 1942.

<sup>381</sup> Ibidem 364.

passar pelo centro ou resolver alguma questão referente a negócios. Depois disso dirigiam-se à “baixada” que abrangia a zona do meretrício central em busca de diversão. Essa realidade era comum e parecia ser conhecida de suas famílias que ficavam na colônia.<sup>382</sup>

#### 4.4. ZONA PROBLEMÁTICA

Os diversos estudos históricos que se dedicaram à análise das zonas de meretrício do final do século XIX e início do século XX no Brasil, identificaram discursos contrários a sua permanência ou proliferação nos âmbitos moral, legal e médico<sup>383</sup>. Na Região Colonial Italiana não foi diferente.

Segundo Evaristo de Moraes, criminólogo brasileiro da virada do século XIX para o XX, a prostituição era um "mal necessário" para a preservação da moral no lar, não podendo ser considerada crime. Entretanto, ela foi criminalizada como "ato imoral" que ameaçava a vida social. Paralelamente a isso, existiu uma repressão médica, que perpassava a profilaxia da sífilis, e uma repressão moral contra os "escândalos" promovidos pelas meretrizes.<sup>384</sup>

Alguns juristas, policiais, médicos e outros profissionais que trataram da prostituição consideraram-na um "mal necessário", tolerado nos centros populosos no próprio interesse da família e da sociedade. A polícia, porém, tem o dever de regulamentá-la, de localizá-la e de vigiá-la, impedindo que à sua sombra sejam cometidos atentados à moral pública ou praticado o lenocínio. Essa noção de caracterizar a prostituição ficou popularmente conhecida como “mal necessário”.

---

<sup>382</sup> Vide entrevistas nº 03, 04 e 06 dos anexos.

<sup>383</sup> Algumas leituras interessantes sobre esse assunto que ajudaram a nortear essa parte do trabalho são as seguintes: MATOS, M. Izilda S. . **Delineando corpos; as representações do feminino e do masculino no discurso médico**. In: Maria Izilda Santos de Matos e Rachel Sohiet. (Org.). O corpo feminino em debate. 1 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2003, v. 1, p. 107-129./ ENGEL, Magali Gouveia . **Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição No Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989./ SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência - mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)** . Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1989./ RAGO, Luzia Margareth . **Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina Em São Paulo**. 01. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

<sup>384</sup> MORAES, Evaristo de. **Ensaio de Patologia Social**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1921. pp. 238-249.



Portanto, a prostituição deveria ser permitida, porém legalizada, regulamentada e vigiada. Esse é o tipo de comportamento e discurso que aparece na RCI no período estudado. Uma das conseqüências dessa política foi a regulamentação confinatória ou isolacionista, que tolerava o meretrício apenas no âmbito fechado do bordel, aliada à repressão à prostituição de rua. Embora se soubesse da existência de outras modalidades de prostituição, principalmente as mais refinadas, considerava-se que essas envolviam um número pequeno de mulheres e, portanto, não necessitavam de intervenção.<sup>385</sup>

No início do século XX o discurso da criminologia, mesmo caracterizando a prostituição como “mal necessário”, procurava enquadrar o comportamento das prostitutas:

“A criminalização de prostitutas também se dava através do que se julgava atentado ao pudor: se alguma mulher “comete um ato que escandalize o público, deve ser presa”. Alegando que nas ruas onde se explorava o meretrício as decaídas exibiam-se escandalosamente, ofendendo o pudor público, falando palavras obscenas ou provocando transeuntes ao deboche, as autoridades policiais procuravam enquadrar estes atos como crimes. Buscavam justificativas no artigo 282 do Código Penal, que punia todo aquele que “ofender os bons costumes com exibições impudicas, atos ou gestos obscenos, atentatórios ao pudor, praticados em lugar público”. Outra forma de criminalizar a prostituição foi a sua equiparação à vagabundagem, podendo a meretriz ser enquadrada no Código Penal e presa.”<sup>386</sup>

Essa criminalização da prostituição fazia parte do projeto de regulamentação do meretrício que teve origem em Paris no início do século XIX. Segundo Corbin, na França esse projeto tinha como objetivos principais combater a libertinagem, proteger a moral das famílias, moralizar e disciplinar os espaços públicos. Essas idéias, ainda segundo o mesmo autor, tinham raízes no racionalismo iluminista e faziam “esforço infatigável para disciplinar a mulher pública.”<sup>387</sup>

---

<sup>385</sup> CARRARA, Sergio Luis. **A luta antivenérea no Brasil e seus modelos**. IN: PARKER, Robert (Org.). *Sexualidades Brasileiras*. 1 ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996, v. 1, p. 17-37.

<sup>386</sup> MAZZIEIRO, João Batista. **Sexualidade Criminalizada: prostituição, lenocínio e outros delitos**: São Paulo (1870-1929). IN: *Revista Brasileira de História*. Vol. 18, nº 35, São Paulo, 1998. p. 247-285.

<sup>387</sup> CORBIN, Alain. **Les filles de nocte**: Misère sexuelle et prostitution (19<sup>e</sup> siècle). Paris: Aubier-Montaigne, 1978.

De acordo com *Rago*, o enquadramento e punição da prostituição no Brasil tinham alguns motivos principais. Para os juristas e criminólogos, as zonas de meretrício eram locais propícios para o acontecimento de crimes, para a vadiagem ou alcoolismo; para os médicos e higienistas estes locais eram sujos e insalubres, causadores de doenças, principalmente as venéreas; para ambos o objetivo era salvaguardar a moral da família, ameaçada pela “sexualidade marginal” de prostitutas, caftens, bêbados e bandidos.<sup>388</sup>

Essa também foi a realidade na zona do meretrício caxiense no início do século XX. A zona era constantemente vigiada pela polícia militar caxiense que, mesmo não tendo especificamente a divisão “de costumes”,<sup>389</sup> dedicava-se a repreender esses aspectos.

Um dos maiores problemas atribuídos à prostituição pelos médicos e sanitaristas na década de 1920 eram as doenças venéreas, principalmente a sífilis. A questão da sífilis era discutida no âmbito médico nesse período, sempre buscando controlar a disseminação da doença. *Souza Araújo*, famoso médico e higienista brasileiro, membro da Sociedade Brasileira de Medicina e Cirurgia, colocava em sua obra de 1922 que “apenas se conseguiria uma vitória contra a sífilis se as prostitutas fossem mantidas em bom estado de saúde e protegidas de seus exploradores, para que tivessem condições materiais de cumprir as determinações higiênicas.”<sup>390</sup>

Em Caxias do Sul, as fontes pesquisadas demonstraram que esse processo de combate à sífilis acompanhado de regulamentação do meretrício seguiu os passos da política e

---

<sup>388</sup> RAGO, Luzia Margareth. **Prostituição e Mundo Boêmio em São Paulo (1890-1930)**. IN: PARKER, Robert (org.). *Sexualidades Brasileiras*. 1 ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 81-94.

<sup>389</sup> A “Polícia de Costumes” foi instituição muito comum na sociedade brasileira dos séculos XIX e início do XX. Esta organização era baseada no modelo francês que seguia o objetivo de controlar o meretrício, documentando as prostitutas em fichas próprias e restringindo seu acesso aos locais públicos. Dessa forma, as casas de tolerância eram vigiadas ao máximo mas tinham funcionamento permitido. Esse tipo de polícia teve funcionamento em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Referência: MAZZIEIRO, João Batista. **Sexualidade Criminalizada: prostituição, lenocínio e outros delitos: São Paulo (1870-1929)**. IN: *Revista Brasileira de História*. Vol. 18, nº 35, São Paulo, 1998. p. 247-285. Contudo na RCI mesmo não existindo “polícia de costumes” a prática da polícia regular era a mesma, em relação ao meretrício.

<sup>390</sup> Apud: CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996. p.201.

discursos nacionais. Para comprovar tal colocação pode-se citar um trecho sobre as condições de saúde do Relatório Municipal referente ao ano de 1925 da cidade de Caxias:

“Temos a satisfação de relatar-vos o acontecimento, provavelmente o único até agora no Estado, da instalação do Serviço de Prophylaxia da syphilis e moléstias venéreas, a cargo da municipalidade.

Está na direção desse serviço um médico que é auxiliado por uma enfermeira. O consultório funciona diariamente das 7 e ½ às 9 da manhã e atende solícitamente as pessoas necessitadas, sem distinção social ou sexo.

Como é fácil de imaginar, grande é o número de meretrizes que se servem desse Serviço, vindo em seguida, em menor quantidade, homens e senhoras. Concomitantemente o médico realiza preleções no consultório, sobre a prophylaxia individual, aproveitando as reuniões.

Respectivamente ao meretrício, esse Serviço tem em vista evitar a propagação, que recabe invariavelmente nos moços, pois a contenção sexual até a época do casamento, prática de hygiene e moral é quase ridícula entre os povos latinos. (Afrânio)

Assim sendo, sempre que a gravidade do caso ou o perigo do contágio o existem, os doentes são isolados em Pavilhão do Hospital de Pompéia, onde continuam em tratamento, por conta da municipalidade.

Compreende-se bem que, uma doente isolada evita o contágio em boa quantidade, o que de per si justificaria a existência do Serviço.

No consultório a que nos referimos, foram atendidos 150 doentes, sendo aplicadas 229 injeções de neo-salavarsan, 205 anti-gonococcicas e feitos 457 curativos.<sup>391</sup>

O documento transcrito acima denuncia a realidade caxiense em relação à epidemia de sífilis na década de 1920. Além disso, demonstra que o poder executivo estava preocupado em realizar medidas que sanassem tal mal, através de um projeto médico higienista e que controlasse a ação do meretrício; isso ocorreu em exato acordo com os acontecimentos, discursos e projetos em âmbito nacional que tinham o mesmo objetivo.

É importante lembrar que os depoentes entrevistados, quando questionados sobre a prostituição e a zona do meretrício na região, identificaram prontamente esses locais como espaços insalubres, cheios de doenças e perigosos, mesmo que os frequentassem.<sup>392</sup> Esse tipo de visão perpassou as barreiras do tempo e, mesmo que tenha um fundo de verdade, a

---

<sup>391</sup>Fonte: Relatório correspondente ao período administrativo decorrido de 12 de outubro de 1924 a 31 de dezembro de 1925. Apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente Dr. Celeste Gobatto. Este documento foi encontrado no Arquivo Municipal João Spadari Adami em Caxias do Sul.

<sup>392</sup> Vide entrevistas nº 04 e ° 06 dos anexos.

representação simbólica da zona como local problemático, construída ao longo dos dois séculos passados, pode ter contribuído para esse determinismo.

Essa visão também é comprovada pelos escritos de *Azevedo* que, ao entrevistar um agricultor em 1950, perguntou sobre a virgindade entre os rapazes do meio rural e recebeu tal resposta: “Os rapazes aqui, em grande parte, casam sem ainda conhecer mulher, a não ser aqueles que vão pra cidade. Ali a primeira coisa que pegam é uma doença.”<sup>393</sup>

Como já foi dito, as zonas do meretrício não eram criticadas apenas pela sua influência na saúde física dos habitantes das cidades por serem as prostitutas, segundo o discurso médico do início do século XX, as principais responsáveis pela difusão das doenças venéreas. As casas de tolerância e suas trabalhadoras também eram criticadas moral e legalmente. Os juristas da década de 1920 acreditavam que o meretrício era um meio catalisador da criminalidade e dos vícios, tanto para as prostitutas, cáftens e cafetinas, quanto para os freqüentadores ou ainda ao que vivessem perto desses locais. A idéia de que o crime também era contagioso, tal como a sífilis, gerou campanhas e projetos que pretendiam isolar as áreas de prostituição.

No caso da RCI, as fontes demonstraram certa preocupação em relatar e criticar os crimes ocorridos na “zona” e relacionar o comportamento criminoso com o cotidiano em tais espaços. Na imprensa, em 1927, já era encontrada notícia nesse sentido.

“Álcool e Sangue” relata um assassinato ocorrido na Pensão Ângela. Segundo o jornal, um dos fregueses irritado por causa da falta de mesas no local que estava lotado sacou sua arma atirando a esmo, dessa forma atingiu a cabeça do jovem Ângelo Prezzi, filho de Julio Prezzi, que se encontrava no local. O jovem faleceu um dia depois. Além de relatar o crime, o jornal critica a facilidade para obter posse de armas e ainda coloca que a Pensão Ângela

---

<sup>393</sup> AZEVEDO, Thales de. **Os italianos no Rio Grande do sul – Cadernos de Pesquisa**. Caxias do Sul: EDUCS, 1994. p. 177.

deveria receber atenção das autoridades, pois ali todo domingo acontecia algum tipo de briga, discussão ou crime.<sup>394</sup>

Na década de 1930 são comuns esses tipos de casos noticiados nos jornais regionais. Aparecem casos como o crime do soldado Paim que matou sua amante, a prostituta Eulália Custódia na Pensão Alvina em 1936<sup>395</sup>. “A noite das garrafadas”<sup>396</sup> é outro episódio encontrado na imprensa, que narra uma grande confusão ocorrida no Cabaret Salomé onde todos os clientes em meio ao desentendimento e à embriaguez protagonizaram um briga de garrafadas; estes seriam apenas alguns exemplos dos crimes ocorridos na “Grande Zona”.

A criminalidade nos espaços de prostituição já vinha de longa data preocupando as autoridades caxienses. Tanto que, em 1933, encontra-se nota no jornal postada pela polícia que proibia esses estabelecimentos de funcionarem após as duas horas da madrugada a fim de evitar brigas, vadiagem e crimes.<sup>397</sup>

Haja visto que a prostituição seria um “mal necessário”, a idéia dos juristas no início do século XX era afastá-la dos centros, porém não proibi-la. Em Caxias esse pensamento teve seguidores esforçados e que alcançaram certo resultado. A partir da década de 1930 todos os jornais da região passam a apresentar artigos incentivando a chamada *Campanha pelo Saneamento Moral da Cidade* que tinha como principal objetivo afastar a zona do meretrício do centro da cidade. O primeiro indício da campanha é encontrado nas páginas do Caxias-Jornal que coloca:

“É de urgente necessidade a localização do meretrício: inegavelmente uma medida de caráter urgente, inadiável mesmo, é o saneamento moral da cidade, em atenção ao grão desenvolvimento que vem tendo. Urge dos poderes públicos uma providência enérgica e eficiente no sentido de ser localizado em local apropriado, os inúmeros antros que proliferam por toda a parte, como verdadeiro atentado ao decoro e ao brio da dignidade pública”<sup>398</sup>

<sup>394</sup> “Álcool e Sangue”. IN: Jornal O Regional. 29 de março de 1927.

<sup>395</sup> “O crime do soldado José Paim Lopes”. IN: Jornal O Momento, nº 156, 1936.

<sup>396</sup> “A noite das garrafadas”. IN: Jornal O Momento. Nº 161, 1936.

<sup>397</sup> “Casas do tolerância”. IN: Jornal O Momento. Nº 03, 1933.

<sup>398</sup> “O saneamento moral da cidade”. IN: Caxias-Jornal, 24 de outubro de 1933.

A partir daí, esse tipo de apelo se prolifera pela imprensa regional. A campanha é inspirada nas idéias que definem a prostituição como “mal necessário” mas que deve ser guetificado e controlado. Exemplo disso, encontra-se em outro artigo referente à campanha e que define a prostituição como “um mal inevitável por completo. Torna-se pois um problema de grande alcance social e cuja solução merece interesse e atenção. Urge impedir a infiltração de elemento cuja expansão, paulatinamente, poderia confundir-se com as próprias famílias caxienses.”<sup>399</sup>

A partir de 1940, com o fechamento do *Caxias-Jornal*, o jornal *O Momento* assume o incentivo à campanha pelo saneamento moral. O primeiro relato nesse sentido encontrado no jornal *O Momento* conta a história da expulsão de Salomé do centro da cidade e do abaixo-assinado realizado por vizinhos do local onde funcionava seu cabaré a fim de proibir a construção de novo lupanar no local. Sobre o caso é colocado:

“(…) O prédio foi demolido e as famílias próximas que almejavam tranquilidade e bem estar, sentiram-se libertadas de tamanha praga. As máquinas da indústria Salomé, funcionou por largos anos em plena rua Marques do Herval, esquina da rua 20 de Setembro a duas quadras, apenas, do principal centro da cidade!

Agóra, surge novo impasse em torno do mesmo local onde está situado o lote urbano n. 9 da quadra n. 29 da Rua Marques do Herval. Consta com visto de verdade que pessoas destacadas nos meios sociais e industriais da cidade, pretendem mandar construir ali, um grande prédio de alvenaria, destinado ao funcionamento de um cabaret!

Os interessados na não realização de tamanha imoralidade integrados de pessoas residentes nas proximidades do local enviaram nesse sentido, um memorial ao sr. Delegado de Polícia deste município tenente Heitor Gralha Bonorino, pedindo apoio da polícia, no sentido de evitar a consumação de tão indigno projeto.

Esse documento, subscrito por noventa assinaturas foi entregue pessoalmente por uma comissão de conspicuos cidadãos, que sobre o assunto entretiveram palestra com o sr. Delegado, cuja autoridade prometeu promover uma campanha de saneamento moral da cidade, adiantando que promoveria em breve, a localização do meretrício.

---

<sup>399</sup> “Saneamento moral da cidade”. IN: *Caxias-Jornal*, 13 de novembro de 1933.

Estão, pois de parabéns as famílias interessadas na debelação de tamanha chaga social.”<sup>400</sup>

A imprensa, pelo que pode se constatar na pesquisa tomou a frente dessa campanha pela nova localização do meretrício na década de 1930, através do Caxias-Jornal e na década de 1940 com o jornal O Momento e, após o encerramento das atividades deste em 1948, o jornal O Pioneiro, recém inaugurado assume esse processo.<sup>401</sup>

Entretanto, não só a imprensa tinha esse interesse, os moradores do centro da cidade incentivavam a campanha e freqüentemente realizavam abaixo-assinados contra a localização da zona na baixada central, a apenas duas quadras da Praça Dante Alighieri. Estes moradores enviavam cópias dos abaixo-assinados periodicamente à polícia e à Câmara de Vereadores Municipal, exigindo providências em relação ao caso.

Reclamavam da proximidade das prostitutas com as famílias “de bem”, da falta de atitude das autoridades frente aos crimes e aos vícios proliferados pela prostituição e reivindicavam medidas públicas que afastasse do centro as casas de tolerância.

A reclamação dos moradores junto à pressão realizada pela imprensa pareceu surtir efeitos em algumas ocasiões. Ainda na década de 1940, diversos cabarés e bordéis localizados no centro foram fechados pela polícia e posteriormente transferidos pela prefeitura para região mais afastada, geralmente para a “zona do cemitério” que como já foi comentado anteriormente, já abrigava casas do baixo meretrício.

Outro dado interessante, provavelmente incentivado pela pressão da *Campanha pelo Saneamento Moral da Cidade*, é encontrado na Legislação Municipal de Caxias, especificamente na lei nº 370 de 26 de setembro de 1951. Essa lei, chamada de Código de Posturas Municipais, era uma legislação renovada geralmente a cada dois anos, contudo, a de

---

<sup>400</sup> Localização do meretrício-outras notas”. IN: Jornal O Momento. Nº 394, 1940./ ver também o artigo “Higiene Moral da Cidade” nos anexos que traz diversas informações sobre o assunto.

<sup>401</sup> Em 1949 já são encontrados dois artigos nesse periódico intitulados “A localização do meretrício” que incentiva novamente a campanha iniciada na década de 1930. Fontes: “A localização do meretrício”. IN: Jornal O Pioneiro, nº 17, 1949; “A localização do meretrício”. IN: Jornal O Pioneiro, nº 19, 1949.

1951 traz elementos novos no que diz respeito ao meretrício. Segundo a Seção II do código, que referia-se a dancings e boites: “Artigo 82º: A localização de dancings, ou de estabelecimentos que perturbem o sossego e decoro da população não será permitida em zona residencial nem central.”<sup>402</sup>

O que parece é que a partir da aprovação dessa legislação a prefeitura começou a realizar acordos com os proprietários (as) de casas de prostituição na região central, comprando esses estabelecimentos, ou fazendo leilões e posteriormente transferia tais estabelecimentos para uma região mais afastada do centro, próxima à Rodovia Federal BR-116, que havia a pouco tempo sido inaugurada. Ali, as casas de prostituição começaram a se desenvolver através dessa iniciativa do poder público e diversas mantêm-se até hoje em funcionamento.

Este espaço a partir da metade dos anos 1950 começou a ser chamado de “Curva da Zona”<sup>403</sup>, pois a rodovia faz uma curva bem fechada que passa bem em frente às quadras que passaram a abrigar a nova zona do meretrício. Atualmente, a “Curva da Zona” ainda é conhecida por esse nome.

É interessante observar que a partir dos anos 1960 a zona do meretrício central caxiense foi praticamente abolida, os prostíbulos começam a se espalhar pelos mais diversos espaços, mas não tem mais um recorte espacial delimitado, como ocorreu dos anos 1920 a 1940.

Portanto, através dessas informações, o que se pretendia demonstrar é que na Região Colonial Italiana também existiu uma zona de prostituição no início do século XX, diferentemente do que afirmava a maioria dos historiadores que se dedicaram a estudar a região. É relevante lembrar a frase já citada neste trabalho e proferida por *De Boni e Manfroi*:

---

<sup>402</sup> Lei nº 370 de 26 de setembro de 1951. Encontrada no arquivo virtual da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. O texto completo encontra-se arquivada no *Laboratório de História Oral - PUCRS*.

<sup>403</sup> Mapa em anexo demonstra a localização da “Curva da Zona”.



“nas pequenas cidades coloniais passaram-se anos antes que se abrisse uma casa de prostituição e quantas delas foram fechadas no grito.”<sup>404</sup>

Como se pode confirmar, as casas de prostituição existiram nas cidades coloniais e perduraram por muitos anos. Se na década de 1940 e 1950 elas passaram por um processo de re-localização, não quer dizer que tenham sido “fechadas a grito” como colocam os autores, e sim que acompanharam um processo baseado no pensamento de juristas e higienistas que em âmbito nacional incentivaram a retirada das zonas das regiões centrais das cidades. No entanto, parece que mais essa memória havia sido apagada da RCI. Essa retomada simples, e em diversos momentos ainda incompleta sobre a realidade da prostituição, vem a contribuir com o exercício da re-lembrança, que parece esquecido em âmbito regional, ainda mais quando se refere à sexualidade.

---

<sup>404</sup>Apud: VANNINI, Ismael Antonio. **O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no RS: Vannini (1906-1970)**. Passo Fundo: UPF; Porto Alegre: EST, 2004. p. 207.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia tradicional sempre procurou demonstrar e fortalecer alguns aspectos da sociedade e da cultura do povo da Região Colonial Italiana. Dentre eles, destacam-se a idéia de povo trabalhador, sério, ordeiro, virtuoso e profundamente católico; além disso, os estudiosos que se dedicaram a escrever e pesquisar sobre a história da RCI, também acabaram defasando outras temáticas de abordagem e intensificando algumas imagens sobre o mesmo povo.

Uma dessas imagens intensificada é a referente à sexualidade. As realidades da sexualidade do habitante da RCI foram por muito tempo esquecidas e silenciadas na produção historiográfica regional. Esta lacuna corrobora com uma tradição da memória regional que identificava a comunidade ítalo-gaúcha, principalmente a residente da região serrana e descendente dos imigrantes provenientes do norte da Península Itálica, como os seguidores fiéis do catolicismo e de seus dogmas, inclusive a rígida e intransigente moral sexual católica.

Contudo, vale lembrar que esse tipo de visão merece ser revisitada e revisada, pois como pôde ser comprovado no decorrer da pesquisa, essa imagem e a construção dessa lacuna histórica fazem parte de todo um discurso proferido pela Igreja Católica e que encontrou efeitos na RCI.

A moral sexual católica “rígida e intransigente” convivia também com uma moral sexual cotidiana muito mais flexível e humanizada. Durante a pesquisa objetivou-se dois tipos de abordagens da sexualidade regional; o primeiro uma interpretação da moral sexual discursiva e o segundo a análise das práticas sexuais cotidianas que ocorriam paralelamente ao discurso moralizador.

Ao buscar informações sobre a moral sexual católica proferida de forma discursiva foram encontradas diversas informações dessa moral severa, tanto na imprensa católica, quanto no Guia Espiritual do Imigrante ou ainda na própria historiografia que se dedicou a analisar tal aspecto. Porém, para um entendimento mais complexo dessas informações buscou-se a origem da influência católica na região e o seu projeto para aproveitamento dos colonos italianos dentro do contexto da Romanização. Desta forma foi possível identificar que o discurso moralizador católico era parte funcional de um projeto maior e que pretendia estender ainda mais o poderio da Igreja em alguns aspectos.

Dito isso, a outra consideração necessária é a referente à abrangência e à funcionalidade do discurso e do projeto católico. No caso da sexualidade na RCI nenhum dos dois aspectos pode ser considerado verdadeiro, pois através das fontes ficou exposta uma sexualidade cotidiana que driblava o discurso e na qual se encontra diversas contravenções do mesmo.

As contravenções da moral sexual foram outro aspecto que corroborou com a idéia de práticas e discursos diferentes, que vêm a muito tempo circulando no meio da história como forma de compreender de forma mais complexa o cotidiano de determinado grupo social. Os imigrantes e descendentes de imigrantes italianos que foram por muitos anos classificados, mesmo que inconscientemente como seres ordeiros, laboriosos e negadores dos prazeres e lazeres, transpareceram um comportamento bem diferente disso através da investigação.

Ficaram evidenciadas diversas realidades que até então eram ignoradas, ou pouco comentadas. Nesse sentido é plausível citar os casos de namoros mais escandalosos do que pudicos; matrimônios mal-resolvidos que envolviam violência doméstica, adultério, separação e desquite; gravidez antes do casamento, mães solteiras, uso de contraceptivos; práticas abortivas; crimes sexuais como estupro e defloramento; existência de homossexuais,

pedófilos, incestos e zoofilia e ainda, episódios onde os próprios padres, figuras tão mitificadas no caso da RCI, que cometeram atos libidinosos.

Outro assunto importante relativo à essas explicitações é a questão das fontes. O trabalho de desvendar e revelar a sexualidade cotidiana contou com o auxílio de diversos tipos de fontes, que envolveram certa dificuldade no processo de pesquisa, pois muitas vezes eram fontes desprezadas pela historiografia tradicional. Porém, quanto a difícil tarefa de encontrar e saber interpretar as fontes, é bom lembrar das palavras de Ginzburg: “ (...) não devemos nos deixar levar por esta dificuldade, abdicando das “tentativas” de pesquisa nessa direção.”<sup>405</sup> E ainda, “(...) não é preciso exagerar quando se fala em filtros e intermediários deformadores, o fato de uma fonte não ser “objetiva” (mas nem mesmo um inventário é objetivo) não significa que seja inutilizável.”<sup>406</sup>

Usando como inspiração essas palavras a busca por fontes nesse trabalho foi desapegada de qualquer tipo de pré-conceito ou tradicionalismo científico. Nele foram utilizadas as fontes orais, os processos judiciais, os relatórios policiais, os jornais, os relatórios intencionais e outros documentos, sempre primando pela reconstrução de um passado histórico bem próximo do real. Igualmente, o uso dessas diversas ferramentas poderá servir para abrir novas portas correspondentes a pesquisa e a utilização de fontes históricas na RCI.

Outra contribuição trazida pelo trabalho é a revelação da prática da prostituição na RCI, principalmente no centro urbano da cidade de Caxias no início do século XX. Como já foi comentado durante o terceiro capítulo, a prostituição era outra realidade silenciada na história regional. Provavelmente ainda mais emudecida que os outros aspectos transgressores da moral sexual católica, pois são mais ainda escassos os estudos sobre essa questão em âmbito regional.

---

<sup>405</sup> GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 45.

<sup>406</sup> Ibidem 405.

Através de diversos instrumentos foi viável remontar um mapa espaço-temporal da incidência de casas de prostituição em Caxias, definindo os locais onde ocorria essa atividade, como por exemplo, os cabarés e pensões não familiares. Além disso, objetivou-se evidenciar alguns fragmentos e trajetórias de vida dos personagens que protagonizaram essa história, as cafetinas, cáftens, prostitutas e freqüentadores da “zona do meretrício.”

Diferente ponto abordado sobre essa realidade aspirou elucidar uma das questões tidas como senso-comum na memória da região: A mudança de localização da zona do meretrício. Sobre isso, alguns poucos historiadores dedicaram-se a estudar, contudo tinham como conclusão que as casas de tolerância não eram bem aceitas na região e dessa forma eram expulsas rapidamente por seus habitantes. Contudo o que se pode comprovar é que a mudança de localização do meretrício caxiense seguiu o mesmo destino de diversos projetos aplicados em locais distintos que tinham esse objetivo, fazendo parte de uma linha de pensamento comum no Brasil do início do século XX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCIÓN CATÓLICA ESPAÑOLA. **Colección de Encíclicas y Cartas Pontificias**. Buenos Aires: Poblet, 1946.
- ALVIN, Zuleika M. F.. **Brava Gente!: Os italianos em São Paulo (1870-1920)**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 189p.
- BASÍLIO, D. Penido (tradução). **A Regra de São Bento**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- AZEVEDO, Thales de. **Namoro à antiga: tradição e mudança**. Salvador: (s.n.), 1975.
- \_\_\_\_\_. **Namoro, religião e poder**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Os italianos no Rio Grande do sul – Cadernos de Pesquisa**. Caxias do Sul: EDUCS, 1994.
- AZZI, Riolando. **Neocristandade: um projeto restaurador**. São Paulo: Paulus, 1994.
- BAGGIO, Décio. **Meios de Comunicação**. IN: COSTA, Rovílio (org.); MOLON, Moacir Pedro(org.); DE BONI, Luis Alberto (org.). *Os Capuchinhos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1996.
- BAREA, Dom José. **A vida espiritual nas colônias italianas do estado do Rio Grande do Sul**. Trad: Rovílio Costa e Mario Gardelin. Porto Alegre: EST, 1995.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: DIFEL, 1980. 180p.
- BATTISTEL, Arlindo Itacir. **Colônia Italiana: religião e costumes**. Porto Alegre: EST, 1981.
- BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento**. Flores da Cunha: O Florense, 1994.
- BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CARRARA, Sergio Luis. **A luta antivenérea no Brasil e seus modelos**. IN: PARKER, Robert (Org.). *Sexualidades Brasileiras*. 1 ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996, v. 1, p. 17-37.
- \_\_\_\_\_. **Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil da passagem do século aos anos 40**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa desconhecida**. Brasiliense: São Paulo, 1991, 12ª ed.
- \_\_\_\_\_. **O Mito Fundador**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- COLBARI, Antonia. **Familismo e Ética do Trabalho: O Legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira**. *Rev. bras. Hist.*, 1997, vol.17, nº.34, p.53-74.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense**. Porto Alegre: EST, 1991.

\_\_\_\_\_. **Narrativa e história oral.** IN: Revista Humanas, Porto Alegre, v. 19/20, p. 115-126, 1996-1997.

\_\_\_\_\_. **Italianidade (s): Imigrantes no Brasil Meridional.** IN: FLORENCE, Carboni (org.); MAESTRI, Mario (org.). *Raízes Italianas no Rio Grande do Sul.* Passo Fundo: UPF, 2000.

\_\_\_\_\_. **O que aconteceu com os valdenses? Italianos e italianos no Brasil meridional.** IN: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio (org.); POZENATO, José Clemente (org.). *Cultura, Imigração e Memória: percursos e horizontes.* Projeto ECIRS 25 anos. Caxias do Sul: EDUSC, 2004. p. 178-188.

CORBIN, Alain. **Les filles de nocte: Misère sexuelle et prostitution (19<sup>a</sup> siècle).** Paris: Aubier-Montaigne, 1978.

COSTA, Elcias Ferreira da. **Tomás de Aquino: um presente à inteligência.** Recife: do autor, 2006.

COSTA, Rovílio (org.). **Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: Vida, costumes e tradições.** Porto Alegre: EST; Sulina, 1974.

\_\_\_\_\_. **A Imprensa na visão de Frei Bruno de Gillonay.** IN: COSTA, Rovílio (org.); MOLON, Moacir Pedro(org.); DE BONI, Luis Alberto (org.). *Os Capuchinhos no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: EST, 1996.

DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

DREHER, Martin Roberto (org.). **Imigrações e história da Igreja no Brasil.** Aparecida: Santuário, 1993

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. 483p.

ENGEL, Magali. **O médico, a prostituta e os significados do corpo.** IN: VAINFAS, Ronaldo (org.). **História e Sexualidade no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1982.

\_\_\_\_\_. **Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição No Rio de Janeiro (1840-1890).** São Paulo: Brasiliense, 1989./ SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência - mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920 ).** Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1989.

\_\_\_\_\_. **História e Sexualidade.** IN: CARDOSO, Ciro Flamarion (org.); VAIFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens Femininas: contradições, ambivalências, violências: 1875-1950.** (tese de doutorado). PUCRS, 1994.

\_\_\_\_\_. **Entre “lobos” e “cordeirinhos”: dos discursos e das práticas nos relacionamentos familiares e conjugais entre descendentes de imigrantes.** *Revista Esboços (UFSC).* Nº 17, 2007. p. 111-122.

FÁVERI, Marlene de; VENSON, Anamaria Marcon; **Entre vergonhas e silêncios, o corpo segredo. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação.** IN: Anos 90: Revista de Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS.IFCH. Programa de Pós-Graduação em História. V. 14, n. 25, Porto Alegre: PPGH, julho de 2007.

- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.); AMADO, Janaína (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. 3º Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1990. V.1.
- FRANZINA, Emilio. **Gli italiani AL Nuovo Mondo: l'emigrazione italiana in America (1492-1942)**. Milão: Mondadori, 1995.
- FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. **Imigrantes Italianos no Nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Movimento, 1975.
- GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. **A cultura clerical e a folia popular**. *Revista Brasileira de História*. 1997. VOL. 17; Nº 04. P. 183-202.
- GAY, Peter. **A educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GARDELIN, Mario; COSTA, Rovilio. **Colônia Caxias: Origens**. Porto Alegre: EST, 1993.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- GILOLO, Jaime. Os Imigrantes e a educação. IN: CARBONI, Florence (org.); MAESTRI, Mario (org.). **Raízes Italianas do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2000.
- GIRON, Loraine Slomp. **Caxias do Sul: evolução histórica**. Caxias do Sul, RS: UCS, 1977. 99p.
- GIRON, Loraine Slomp. **As Sombras do Littorio – o fascismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: PUCSP (Tese de Doutorado), 1989.
- \_\_\_\_\_; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. **Mulheres Proprietárias: Histórias de Vida**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O Som do Silêncio: sexo e prostituição na colônia**. IN: Coletânea Cultura e Saber/UCS. V. 3, n.2, Caxias do Sul: 1999. (p. 117 a 134).
- \_\_\_\_\_; BERGAMASCHI, Heloísa Eberle. **Casas de Negócio: 125 anos de imigração italiana e comércio regional**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001. 317p.
- \_\_\_\_\_. **Identidade: Região e Valores**. IN: RADUNZ, Roberto (org.); GIRON, Loraine Slomp (org.). **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. 232 p.
- GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988) – Dissertação (Mestrado) – UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em História, 2008.**
- GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A tirania do prazer**. Maria Helena Kuhner (tradução). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 434 p.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 434p.



HOFBAUER, Adreas. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

IOTTI, Luiza Horn. **O Olhar do Poder: A imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1885 a 1914, através dos relatórios consulares**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996. 165p.

\_\_\_\_\_. **Imigração e poder: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)**. 308 f. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2003;

KUSHNIR, Beatriz. **Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição: as Polacas e suas Associações de Ajuda Mútua**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2006. p. 358.

LUCHESE, Terciane, Ângela. **Relações de Poder: autoridades regionais e imigrantes italianos nas colônias de Conde D’Eu, Princesa Isabel, Caxias e Alfredo Chaves (1875-1889)**. (dissertação de mestrado- PUCRS), 2001.

MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem Rosto: operárias de Caxias do Sul (1900-1950)**. Caxias do Sul: Maneco, 1998.

\_\_\_\_\_. **Construindo uma cidade: História de Caxias do Sul – 1875/1950**. Caxias do Sul: Maneco, 2001. 329p.

MAESTRI, Mario. **O Rio Grande do Sul e a imigração italiana nos fins do século XIX**. IN: FLORENCE, Carboni (org.); MAESTRI, Mario (org.). *Raízes Italianas no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: UPF, 2000.

MANFROI, Olivio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: Grafosul; Instituto Estadual de Livros, 1975. 218p.

MARIN, Jérri Roberto. **“Ora et Labora”: o projeto de restauração católica da ex-colônia Silveira Martins**. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 1993.

MARTINS, Maro Lara. **Política, raça, caráter nacional e literatura: um debate a cerca das chaves interpretativas romerianas**. IN: *Achegas: Revista de História Política*. Nº 32. Dezembro de 2006. ISSN: 1677-8855.

MATOS, M. Izilda S. . **Delineando corpos; as representações do feminino e do masculino no discurso médico**. In: Maria Izilda Santos de Matos e Rachel Sohiet. (Org.). *O corpo feminino em debate*. 1 ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2003, v. 1, p. 107-129.

MAZZIEIRO, João Batista. **Sexualidade Criminalizada: prostituição, lenocínio e outros delitos: São Paulo (1870-1929)**. IN: *Revista Brasileira de História*. Vol. 18, nº 35, São Paulo, 1998. p. 247-285.

MOCELIN, Maria Clara. **O Corpo em Evidência: colonos italianos no sul do Brasil**. IN: LEAL, Ondina Fachel(org.). **Corpo e Significado: Ensaios de Antropologia Social**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.2ª edição.

MORAES, Evaristo de. **Ensaios de Patologia Social**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1921.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Biografia de uma revoltada**: Ercília Nogueira Cobra. IN: *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*. São Paulo. Nº89- v.104, agosto de 1986. (p. 89-104).

\_\_\_\_\_. **Parteiras no século XIX: Mme. Durocher e sua época.** IN: COSTA, Albertina de Oliveira (org.); BRUSCHINI, Cristina (org.). *Entre a virtude e o pecado*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 37 a 56.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** In: **Projeto História**, 10, São Paulo, dez/1993, p. 7-28.

ORLANDI, Adriana. **Nanetto Pipetta: representação histórica, memória coletiva e identidade nas comunidades colonias italianas do Rio Grande do Sul.** 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

PAIVA, Gilberto. **Meados do Século XIX: A Igreja no Brasil toma novos rumos.** *Revista Fragmentos de Cultura(UCG/Goiânia)*. 2002. vol. 09; nº 03. p. 27-41.

PEDRO, Maria Joana. **A Experiência com Contraceptivos no Brasil: uma questão de geração.** *Revista Brasileira de História*. Julho de 2003, v. 23, nº 45, p. 239-260.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

POSSAMAI, Paulo. **O Sepulcro do Pudor: o combate aos bailes e a imposição de uma moral monacal pelos missionários aos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.** *Métis: História & Cultura*. 2003; Vol. 2, n. 4, p: 225-246.

POSSAMAI, Paulo Cesar. **Dall'Itália siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875 -1945).** Passo Fundo: UPF, 2005.

POUTIGNAT, Philippe (org.); STTREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

POZENATO, José Clemente. **O Quatrilho.** Porto Alegre: Mercado Aberto. 10ª Ed. 1995.

\_\_\_\_\_. **A Cultura da Imigração Italiana.** IN: CARBONI, Florence (org.); MAESTRI, Mario (org.). **Raízes Italianas do Rio Grande do Sul.** Passo Fundo: UPF, 2000.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto (org.); GIRON, Loraine Slomp (org.). **100 anos de imprensa regional: 1897-1997.** Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

RABUSKE, Arthur. **Os inícios da colônia italiana no RS em escritos de jesuítas alemães.** Porto Alegre: EST;Caxias do Sul: EDUCS, 1978. 121 p.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1830).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. **Prostituição e Mundo Boêmio em São Paulo (1890-1930).** IN: PARKER, Robert (org.). *Sexualidades Brasileiras*. 1 ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

REVEL, Jacques; Dora Rocha (trad.). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 180.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Festa e Identidade: como se fez a festa da uva.** Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

ROPS, Daniel. **A Igreja nos Tempos clássicos (II).** Henrique Ruas (tradução). São Paulo: Quadrante, 2000.

- ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: O Globo, 1969.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SIGNOR, Lice Maria. **João Batista Scalabrini e a migração italiana: um projeto sócio-pastoral**. (dissertação de mestrado em História) PUCRS: Porto Alegre, 1984.
- SKIDMORE, Tomas E.. **Preto no Branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 328p.
- SILVA, Maria da Conceição. **Catolicismo e casamento civil na Cidade de Goiás: conflitos políticos e religiosos (1860-1920)**. *Rev. Bras. Hist.*, 2003, vol.23, nº46, p.123-146.
- SILVA, Haiké Roselane Kleber da. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950)**. São Leopoldo: Oikos, 2006. 332p.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart (org.); WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003. 133p.
- SOARES, Luiz Carlos. **Da necessidade do bordel higienizado: Tentativas de controle da prostituição carioca no século XIX**. IN: VAINFAS, Ronaldo (org.). **História e Sexualidade no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- SOUZA, Wlaumir Donizeti de. **Anarquismo, Estado e Pastoral do Imigrante: das disputas ideológicas pelos imigrantes aos limites da ordem – o caso Idalina**. São Paulo: UNESP, 2000.
- STORMOWSKI, Marcia Sanocki. **Crescimento econômico e desigualdade social: o caso da ex-colônia Caxias (1875-1910)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- STORR, Anthony; BORBA, Vera (tradução). **Desvios Sexuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: Editora da UPF, 2004.
- TOPOLSKY, Jerzy. **Metodologia de la Historia**. Madri: Cátedra, 1985.
- VALDUGA, Gustavo. **Paz, Itália, Jesus: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio-Riograndense (1930-1945)**. (Mestrado em História) Porto Alegre: PUCRS, 2007.
- VANNINI, Ismael Antonio. **O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no RS: Vannini (1906-1970)**. Passo Fundo: UPF; Porto Alegre: EST, 2004.
- VENDRAME, Maíra Inês. **Lá éramos servos, aqui somos senhores: a organização dos colonos italianos na ex-colônia de Silveira Martins (1877-1914)**. (dissertação de mestrado-PUCRS), 2007.
- VÉSCIO, Luiz Eugênio. **O crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1928)**. Santa Maria: Editora UFSM, 2001.
- VILLAÇA, Antonio Carlos. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- ZAGONEL, Carlos Albino. **Igreja e Imigração: capuchinhos de Sabóia e seu contributo à Igreja do Rio Grande do Sul (1895-1915)**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1975.

\_\_\_\_\_. **Capuchinhos de Sabóia no Rio Grande do Sul.** IN: COSTA, Rovílio (org.); MOLON, Moacir Pedro(org.); DE BONI, Luis Alberto (org.). *Os Capuchinhos no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: EST, 1996.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva.** Brasília: UNB, 1994. 474p.

[WWW.histedbr.fae.unicamp.br](http://WWW.histedbr.fae.unicamp.br). Bibliografia: CAES, Andre Luis. **As portas do inferno não prevalecerão: a espiritualidade católica como estratégia política.** Tese de Doutorado IFCH/UNICAMP; fevereiro de 2002. LUSTOSA, Oscar Figueiredo. **A Igreja Católica e o Regime Republicano.** São Paulo: Loyola, 1990.

## ANEXO

### LISTA DE FONTES

1. Fontes de Imprensa (Arquivo Municipal João Spadari Adami)
  - 1.1. Jornal O Regional (1920-1930)
  - 1.2. Caxias-Jornal (1930)
  - 1.3. Jornal O Momento (1930-1950)
  - 1.4. Jornal O Pioneiro (1940)
  - 1.5. Jornal Correio-Riograndense (1920 – 1950)
  
2. Processos Criminais (Centro Regional de Memória do Judiciário – Comarca Caxias)
  - 2.1. Caixa 087; Processo 02; Ano: 1921. Injúria – adultério.
  - 2.2. Caixa 082; Processo 05; Ano: 1922. Crime de Uxorídio.
  - 2.3. Caixa 087; Processo 010; Ano: 1925. Defloramento.
  - 2.4. Caixa 090; Processo 07; Ano: 1930. Crime de sedução.
  - 2.5. Caixa 089; Processo 02; Ano: 1932. Crime de morte na Pensão Ângela.
  - 2.6. Caixa 091; Processo 01; Ano: 1932. Rapto de menor.
  - 2.7. Caixa 091; Processo 04; Ano: 1934. Briga na Pensão Ângela.
  - 2.8. Caixa 092; Processo 01; Ano: 1934. Crime de morte na Pensão Bela Vista.
  - 2.9. Caixa 090; Processo 08; Ano: 1934. Estupro.
  - 2.10. Caixa 090; Processo 010; Ano: 1935. Tentativa de estupro.
  - 2.11. Caixa 087; Processo 012; Ano: 1947. Aliciamento de menores/lenicínio.
  - 2.12. Caixa 082; Processo 09; Ano: 1955. Briga entre prostitutas na Av. Júlio de Castilhos.
  
2. Livros de Impostos sobre Indústrias e Profissões (1920-1940), (AMJSA)
  
3. Fotografias (acervo fotográfico do AMJSA)
  - 3.1. Piquenique/ código B1714.
  - 3.2. Carnaval/ código CB0446.
  - 3.3. Footing / código: B0441.

4. Relatórios da Polícia Civil (1930-1940) (Delegacia de Polícia Civil – Caxias do Sul)
  
5. Entrevistas do Banco de Memória (AMJSA)
  - 5.1. Entrevista com Maria Cândida Soares
    - Tema: História de Vida
    - Código: FG 123
  - 5.2. Entrevista com Vasco Peretti
    - Tema: História de Vida
    - Código: FG 059 e 060
  - 5.3. Entrevista com Amélia Radaelli
    - Tema: História de Vida
    - Código: FG 679 e 680
  - 5.4. Entrevista com Maria Glauce Rech
    - Tema: História de Vida
    - Código: FG 689 e 690
  - 5.5. Entrevista com Francisca Adami Rossi
    - Tema: História de Vida
    - Código: FG 365 e 366
  - 5.6. Entrevista com Ady Therezinha Rossarola Schumacher
    - Tema: Rituais de Passagem – casamento
    - Código: FG 355
  - 5.7. Entrevista com Jesuína Piccoli Vanset
    - Tema: Ritos de Passagem
    - Código: FG 224 e 225
  - 5.8. Entrevista com Nilo Miranda
    - Tema: História de Vida
    - Código: FG 153 e 154
  
6. Depoimentos orais produzidos pela autora (Laboratório de História Oral – PUCRS)
  - 6.1. Entrevista nº 01 com E.V. e A.V.
  - 6.2. Entrevista nº 02 com A.Z.M.
  - 6.3. Entrevista nº 03 com A. M.
  - 6.4. Entrevista nº 04 com I.L.
  - 6.5. Entrevista nº 05 com M.A.V.

6.6. Entrevista nº 06 com A.A.

7. Lei nº370 (Arquivo virtual da Câmara dos Vereadores de Caxias do Sul)